



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XIV/CONCEIÇÃO DO COITÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - PPED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - MPED

MARIA NASCIRENE LOPES SANTANA

TRAVESSURAS LITERÁRIAS: UM OLHAR SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2024

MARIA NASCIRENE LOPES SANTANA

**TRAVESSURAS LITERÁRIAS: UM OLHAR SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação - Campus XIV, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade. Linha de Pesquisa 01 - Educação, Linguagens e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Eysen Rego

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Santana, Maria Nascirene Lopes

Travessuras literárias: um olhar sobre o desenvolvimento da competência leitora. /
Maria Nascirene Lopes Santana. – Conceição do Coité, 2024
147fls.:il.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Eysen Rego

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia - Departamento de
Educação – Campus XIV. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade

1. Educação. 2. Literatura. 3. Competência Leitora. 4. Identidade I. Rego,
Adriano Eysen. II. Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação
Campus XIV. III. Título.

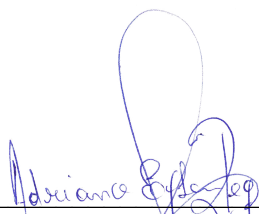
CDD: 372.4

TRAVESSURAS LITERÁRIAS: UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA

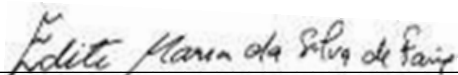
Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XIV, da Linha de Pesquisa 01 - Formação, Linguagens e Identidades, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Conceição do Coité, 30 de outubro de 2025.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Adriano Eysen Rego
Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), Brasil
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Profª. Dra. Edite Maria da Silva de Faria
Doutorado em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Profª. Dra. Caroline Valada Becker
Doutora em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp-UFRGS)

Dedico esta dissertação a Deus, aos meus filhos, Felipe e Marcelo, aos meus netinhos, Pedro e Theo, à minha mãe Nair que são a nour de meus olhos. À Vanessa, minha filha do coração e à minha irmã Nailza, minha amiga e parceira de toda uma vida. À minha filha do coração Sarah Teles e ao meu orientador Adriano Eysen, cujas contribuições foram essenciais para a realização deste sonho. Sem eles, não teria conseguido superar os desafios desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Jesus Cristo e a Nossa Senhora por sua presença constante e apoio durante toda a minha jornada.

Agradeço ao meu professor e orientador Adriano Eysen Rego, que com sabedoria, paciência e empatia, me guiou no universo literário, oferecendo intervenções significativas e apoio nos momentos difíceis. Serei eternamente grata.

À Sarah Teles, minha nora e filha do coração, que me incentivou a fazer o mestrado e sempre esteve ao meu lado durante minha pesquisa e estudos. Mesmo antes do mestrado, ela já me incentivava a fazer cursos de extensão e pós-graduação. Agradeço pelo apoio, conselhos, acompanhamento e intervenções ao longo desta pesquisa, que foram fundamentais para minha conquista. Serei eternamente grata. Amo-te!

Aos meus filhos, minha razão de viver e porto seguro, que foram uma fonte constante de inspiração e apoio, dando-me forças para superar as dificuldades. Perdoem-me pelas vezes que precisei me ausentar. Amo vocês!

Aos meus familiares, principalmente à minha mãe Nair, fiel e eterna amiga, exemplo de coragem, doação e simplicidade, que me ensinou o caminho da fé e da justiça, sempre acreditou em mim e me deu forças para nunca desistir. Às minhas irmãs Norma, Nilda, Neide, Nailza e Taciana e meu irmão Alípio Filho, que ficaram felizes com minha aprovação na seleção do mestrado e acompanharam de longe a realização desse sonho. Amo vocês!

Agradeço ao meu Pai Alípio (in memoriam) que mesmo sem compreender completamente a importância do estudo, contribuiu, à sua maneira, para que eu chegasse até aqui. A Solon Nelson (in memoriam), meu marido, que sabia o quanto eu gostava de estudar e aos meus irmãos Nalhido, Neuza e Nelson (in memoriam) por reconhecerem o quanto o estudo era importante para mim. Amo vocês! Saudades eternas!

À minha irmã e amiga Nailza (Lolo), que sempre esteve ao meu lado, ajudando com os afazeres da casa, cuidando da nossa mãe e ficando com meus netinhos enquanto eu estudava. Gratidão, Amo-te!

À Vanessa, minha querida nora e filha do coração, pelo apoio e carinho durante esta e outras caminhadas. Sempre que precisei de ajuda, ela prontamente resolveu as questões para mim e além de ficar com minha irmã, permitindo que eu continuasse meus estudos e escrita. Amo te, Nessa!

Aos meus netinhos Pedro e Theo, por encherem minha vida de sonhos, esperanças, amor e alegria, e por entenderem os momentos em que eu não podia ficar com eles para estudar. Mesmo na sua inocência, colaboraram para que eu chegasse até aqui. Amo vocês!

Agradeço aos netinhos e netinhas do coração: Alice, Kadu, Raiana e Milla Nair que ficaram felizes com minha aprovação na seleção do mestrado e por encherem meus dias de esperança, amor e alegria. Amo vocês!

Agradeço à minha sobrinha TÁCILA LOPES por me socorrer nos momentos de crise da coluna, por ajudar com minha mãe nos momentos difíceis, por se alegrar com minha aprovação na seleção e por eu não desistir de caminhar. Agradeço também ao Junior por se alegrar com minha jornada e por me socorrer com caronas para a UNEB. Amo vocês!

Agradeço também ao meu sobrinho Normando pelo cuidado com minha mãe e apoio, nos momentos que solicitei, permitindo que eu pudesse dar continuidade à minha escrita. À Lorena (Lore), por cuidar de minha mãe e de mim com tanto carinho. A todos, o meu muito obrigada! Amo vocês!

Agradecer à direção da Escola Municipal João Paulo Fragoso nas pessoas de Edney, Raul e Leonardo e toda equipe pelo acolhimento durante a aplicação do projeto de intervenção. Agradecer aos professores(as) colaboradores (as) que estiveram comigo durante a pesquisa: Kelly, Luciana Matos, Luzimeire Mercês, Maria das Graças, Newton Carlos, Rita Lorene, Ronaldo e Rosana Santana que permitiram uma caminhada altamente significativa, tranquila e prazerosa na aplicação do projeto de intervenção. Sem vocês não teria sido possível a realização de meu sonho.

Agradeço às Professoras Dra. Edite Maria da Silva de Farias e Dra. Caroline Valada Becker, que participaram da banca e ofereceram suas significativas contribuições para melhorar minha pesquisa.

Agradeço a todos(as) os(as) professores(as) e funcionários (as) do Programa do Mestrado Profissional e de outras repartições, nas pessoas de Antônio e Eloina com carinho Elô, Mary, Sabrina, Pedro Marcio e Sarah Teles do CAMPUS XIV - UNEB/Conceição do Coité- BA, que gentilmente me atenderam durante essa jornada para que este sonho se tornasse uma realidade. Serei eternamente grata!

Agradeço aos (as) professores(as) totalmente capacitados(as) e compreensivos(as) e pessoas maravilhosas como colegas de turma, inteligentes alegres e bem-humorados(as). Destaco dois nomes que representam nossa turma: Manoel e Sabrina. Agradeço também aos escritores(as) citados(as), especialmente os do Nordeste, do Território do sisal e da Literatura Local, como

Marlene a Poetisa e Carlos Neves (Neves do Sertão) por cederem suas obras e poesias para esta pesquisa. Às minhas irmãs em Cristo: Marina e Rubenita pelo apoio e carinho durante o período de escrita. Meu muito obrigada repleto de carinho e gratidão e a todos que contribuíram direta e indiretamente com a realização desta Pesquisa.

RESUMO

Na sociedade contemporânea repleta de desafios e possibilidades, em especial na educação, a motivação dos(as) alunos(as) para aprender é uma das maiores preocupações dos(as) educadores(as). Neste cenário, a literatura vem sendo discutida nas instituições de Ensino Superior e, principalmente, como a mesma tem sido trabalhada nas escolas públicas e privadas. Nessa perspectiva, esta pesquisa, intitulada “Travessuras Literárias: um olhar sobre o desenvolvimento da competência leitora”, tem o objetivo de compreender de que forma o texto literário, como uma linguagem artística, pode potencializar o desenvolvimento da competência leitora e contribuir no processo de formação identitária dos(as) alunos(as) da Escola Municipal João Paulo Fragoso (EMJPF). Com efeito, este estudo pretende ainda identificar como a Literatura está sendo trabalhada pelos(as) professores(as) em sala de aula; analisar como se estabelece a relação do(a) aluno(a) com o texto literário no seu cotidiano; discutir de que forma a Literatura pode influenciar na formação identitária e comportamental desses sujeitos. Com efeito, a pesquisa terá como aporte metodológico a abordagem qualitativa colaborativa com a participação de oito professores(as) do quadro efetivo da EMJPF. Para tal, este trabalho segue dividido em três capítulos: No primeiro capítulo, apresento uma discussão sobre para quem e para que serve a literatura, construindo uma base teórica para o tema de pesquisa, a qual foi construída a luz dos estudos de Coutinho (1978), Brolezzi (2014), Machado (2012), Eysen e Raimundo (2001), Candido (2011), Compagnon (2009), Hall (2006), Erikson (1972), Todorov (2009), Cosson (2014), entre outros. Ainda neste capítulo, duas seções foram criadas para falar sobre *O texto literário como força lúdica*, na concepção de alguns autores como Hooks (2013), Araújo e Eysen (2020), Santos (2019), Huizinga (2001), D’Onófrío (1999), Almeida (2004), Winnicott (1975), Kleiman (1999), Pereira (2005), e sobre *As travessuras do letramento literário*, que discute o conceito de travessura e letramento literário, fundamentado por teóricos, a exemplo de: Soares (2004), Todorov (2009), Cosson, (2014), Paulino e Cosson (2009). O segundo capítulo, discutimos sobre literatura, identidade e representação da literatura presente nas escolas, especialmente da literatura local, procurando compreender como os textos literários enquanto linguagem artística potencializam o desenvolvimento das competências de leitura e contribuem para o processo de formação da identidade dos(das) alunos(as). No terceiro capítulo apresento a abordagem metodológica, discutindo com alguns autores, como Demo (1992), Paulo Freire (1996), Creswell (2007), Ludke e André (1986), Minayo (1994), Ibiapina (2016) e (2008), Candido (2011), sobre a metodologia utilizada para a realização do estudo. No quarto e último capítulo, dedicado à Análise de Dados, utilizamos a entrevista semiestruturada como dispositivo de coleta, envolvendo a participação de oito professores(as) da instituição de ensino. Buscamos compreender as percepções dos(as) educadores(as) em relação à sua prática pedagógica e a temática discutida. Por ser um estudo realizado num Mestrado Profissional, apresentamos como proposta interventiva a realização de oficinas pedagógicas, as quais servem como processo de formação continuada docente, além disso, criaremos como produto um e-book cordelizado. Por fim, consideramos que os resultados obtidos nesta pesquisa podem ser úteis aos(as) educadores que trabalham com textos literários e literatura de cordel, trazendo contribuições ao desenvolvimento das ações pedagógicas e que eles(elas) possam utilizar estratégias de aprendizagem, a exemplo do lúdico a fim de motivar a aprendizagem dos(as) alunos(as), bem como a potencialização das competências leitoras.

Palavras-chave: Educação; Literatura; Competência Leitora; Identidade.

ABSTRACT

In contemporary society, filled with challenges and possibilities, particularly in education, student motivation to learn is one of the greatest concerns for educators. In this context, literature has been a topic of discussion in Higher Education institutions, especially regarding how it is being addressed in both public and private schools. From this perspective, this research, titled “Literary Mischief: A Look at the Development of Reading Competence,” aims to understand how literary texts, as an artistic language, can enhance the development of reading competence and contribute to the identity formation process of students at João Paulo Fragoso Municipal School (EMJPF). This study also seeks to identify how literature is being worked on by teachers in the classroom, analyze how students engage with literary texts in their daily lives, and discuss how literature can influence their identity and behavioral formation. The research will use a collaborative qualitative approach, involving the participation of eight teachers from EMJPF. The work is divided into three chapters: In the first chapter, I present a discussion on whom literature serves and its purpose, constructing a theoretical foundation for the research topic based on studies by Coutinho (1978), Brolezzi (2014), Machado (2012), Eysen and Raimundo (2001), Candido (2011), Compagnon (2009), Hall (2006), Erikson (1972), Todorov (2009), Cosson (2014), among others. Additionally, two sections were created to discuss The Literary Text as a Playful Force, referencing authors such as Hooks (2013), Araújo and Eysen (2020), Santos (2019), Huizinga (2001), D’Onófrio (1999), Almeida (2004), Winnicott (1975), Kleiman (1999), Pereira (2005), and The Mischief of Literary Literacy, which explores the concept of mischief and literary literacy, based on theorists such as Soares (2004), Todorov (2009), Cosson (2014), Paulino and Cosson (2009). In the second chapter, we discuss literature, identity, and the representation of literature in schools, especially local literature, seeking to understand how literary texts, as an artistic language, enhance the development of reading competencies and contribute to students’ identity formation. In the third chapter, I present the methodological approach, discussing authors such as Demo (1992), Paulo Freire (1996), Creswell (2007), Ludke and André (1986), Minayo (1994), Ibiabina (2016, 2008), Candido (2011), about the methodology used in the study. In the fourth and last chapter, devoted to Dice Analysis, we use semi-structured interview as a pigtail device, involving the participation of eight teacher(s) from the educational institution. We sought to understand the perceptions of two educators(s) in relation to their pedagogical practice and the topic discussed. Being a study conducted by Professional Teacher, we present it as an interventional proposal to the realization of pedagogical offices, as well as serve as a process of continuing teacher training, but we will produce as a product a stringed e-book. Finally, we consider that the results obtained from this research can benefit educators working with literary texts and string literature, bringing contributions to the development of pedagogical practices and that they can use learning strategies, for example playful to motivate student(s) to learn, as well as to potentiate reading competencies.

Keywords: Education; Literature; Reading Competence; Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Vidas Secas.....	64
FIGURA 2 – Mapa do Município de Santaluz.....	72
FIGURA 3 – Mapa do Município de Conceição do Coité.....	78
FIGURA 4 – O Palhaço.....	80
FIGURA 5 – Fachada da Escola Municipal João Paulo Fragoso (EMJPF).....	99
FIGURA 6 – Lembrança do Projeto de Intervenção.....	111
FIGURA 7 – Lembrança do Projeto de Intervenção.....	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Propostas das Oficinas Pedagógicas: “Literatura de Cordel: saberes, encantos e experiências na formação leitora”	102
--	-----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Anos e Turmas dos(as) Estudantes Matriculados na EMJPF.....	98
TABELA 2 – Planejamento das Sequências Didáticas para as Oficinas.....	105

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Graduação dos(as) Professore(as) da EMJPF.....	100
GRÁFICO 2 – Pós-Graduação dos(as) Professores(as) da EMJPF.....	100
GRÁFICO 3 – Quais são os autores que mais influenciaram a sua formação leitora?.....	122
GRÁFICO 4 – Quais são as obras que mais influenciaram a sua formação leitora?.....	122

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AC – Atividade Complementar
- CELI – Curso de Extensão de Língua Inglesa
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- COVID-19 – Coronavirus Disease 2019
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EMJPF – Escola Municipal João Paulo Fragoso
- GOV-BA – Governo do Estado da Bahia
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- INAF – Indicador de Analfabetismo Funcional
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- MPED – Mestrado Profissional de Educação e Diversidade
- OBPLC – Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel
- ONGs – Organizações Não Governamentais
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- SAEB – Sistema de avaliação de educação do governo do Estado da Bahia
- UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
I CAPÍTULO	
1. LITERATURA PARA QUEM E PARA QUÊ?.....	35
1.1 O texto literário como potência lúdica	39
1.2 As travessuras do letramento literário.....	47
II CAPÍTULO	
2 A LITERATURA LATENTE NA ESCOLA	50
2.1 Literatura Local, identidades e representações.....	52
2.2 Desenvolvimento da competência leitora.....	83
III CAPÍTULO	
3. NAS TRILHAS DA METODOLOGIA.....	94
3.1. Os sujeitos.....	97
3.2 O <i>Lócus</i>.....	98
3.3 Proposta de Intervenção.....	100
IV CAPÍTULO	
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS	142

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, proponho um caminhar entre as possibilidades de construção da competência leitora através das “travessuras literárias” dos(as) discentes do Ensino Fundamental da Escola Municipal João Paulo Fragoso (EMJPF)¹ de Conceição do Coité. Mais adiante, tratarei de forma detalhada acerca da parte teórica deste trabalho, mas neste momento introdutório, convido os senhores(as), caros(as) leitores(as), a conhecerem um pouco sobre a minha história formativa narrada de uma forma bem peculiar.

Apegada a ideia de “travessura literária”, assumo o risco e utilizo o gênero do cordel para falar sobre a minha andarilhagem na educação, cadenciando entre versos e prosas, atravessadas por muitos sentimentos, os quais estavam adormecidos e vieram à tona. Nesse movimento, aciono temas da leitura literária, os quais me levaram a vários caminhos, entre eles, recortes das minhas memórias da infância e uma parte de minha história na adolescência, fase adulta, na educação básica e como estudante do Mestrado Profissional de Educação e Diversidade (MPED).

SANTANA, Maria Nascirene L. *Entre lutas e sonhos, construindo memórias e experiências*

Eu sou uma nordestina
Que a novos caminhos, quer chegar.
Quero usar a arte do cordel
Para, nesse espaço, me apresentar.
Mas, antes quero pedir licença, aos(as)
Professores(as) e ao meu orientador
Para dessa forma, me expressar!

Quero pedir licença.
Aos autores e autoras, também.
Pois, se trata de um cordel
Onde a “gramática” tem seu, “porém.”
Por causa da licença poética
E em nome da métrica também.

Sou Maria Nascirene L. Santana
Em Conceição do Coité, resido.
Sou formada em Letras Vernáculas
Mas, na busca por outros saberes, insisto.
Professora, estudante e pesquisadora.

¹ Sinalizo que a partir deste momento será utilizada a sigla toda vez que mencionar o nome da instituição.

Luto e defendo o que acredito.

Mãe e filha com muita honra.
Avó biológica e do coração.
Muito amor pelos filhos e netos
E pelas filhas do coração.
Fui esposa, sou irmã e tia e
De ninguém soltei as mãos.

Minha mãe, meus irmãos e irmãs
Sempre foram meus aliados
Éramos bastante unidos. Os
Menores eram pelos maiores, cuidados
Um por todos e todos por um.
No lar, onde a televisão não havia chegado.

Um passeio no espaço formal e informal
É rememorar momentos importantes.
Dialogar com os autores e autoras
É um movimento bastante contagiante.
Historiar a nossa trajetória de vida
Os saberes e (des)sabores impactantes.

Aos caminhos da Literatura
A escola, estudantes e conhecimentos.
Ao ensino-aprendizagem e cultura
E a busca pelo empoderamento.
Vivências de outrora e realidades
Que reverberam o encantamento.

Dia 18 de março de 2022
Data pra lá de especial.
Uma nova fase de minha vida
Um sonho que se tornou real.
Ser aluna do mestrado
Sempre foi meu ideal.

A primeira aula foi *online*.
Nessa, a turma se apresentou
Um momento de boas vindas
E que muito me alegrou.
Conheci e reconheci alguns colegas
E a professora nos impactou!

As histórias das pesquisas
Foram por todos(as) delineadas.
Ao apresentar o meu anteprojeto
Percebi pedras em minha caminhada.
Mas, o ofício do(a) mestrando(a)
É conviver com as pedras da estrada.

Os momentos inquietadores do MPED
Fizeram-me por novos mares navegar.
A disciplina: Decência e Diversidade
Levaram-me a muitos espaços explorar.
Provocações do lugar e da identidade
As minhas memórias, pude resgatar.

Resgate repleto de imagens
Que estavam adormecidas.
As falas dos(as) professores(as)
Convidados(as) e experiências vividas.
Os textos apresentados e discutidos
Deixaram-me completamente atraída.

Logo no início dessa jornada
Com a Semana de Integração
Escolhas, anseios e expectativas
Em cada tempo e organização.
Um movimento acadêmico
Participei dessa nova edição.

O que dizer dessa semana?
Sabores, saberes partilhados
Ações, vivências e experiências
Carregados de significados.
Dinâmicas, temáticas e palestras
Grandes contribuições e aprendizado.

Uma programação intensa
Mas, altamente importante.
Oficinas e rodas de conversas
Com a equipe do MPED e visitantes.
Palestras imponentes e de excelência
Promoveram momentos gratificantes.

Em tempos de pandemia
Primou-se pelo isolamento social.
Por conta desse cenário
Tudo aconteceu no ambiente virtual.
O mérito foi para os palestrantes
Pelo carisma, empenho e alto-astral.

Teve até lançamentos de livros
Conversas com os(as) autores(as) também.
Temas importantes e de referência.
Adquira-o! Evitará aquele vai e vem.
As sementes foram plantadas
Quiçá a colheita será com louvor, paz e bem!

Adquira-o! Corra! Vá depressa!

Contos, Causos, Tecnologia, Literatura
Multiletramentos, temas que nos interessa
Ricas produções e de excelente leitura!
O livro nos faz refletir sobre a vida
Dialogar com outro e ampliar a cultura.

Muito lindo de se ver
A competência da mediadora.
Do livro 1(um) ao livro 6(seis)
O talento dos escritores e das escritoras.
Um lançamento feito com sucesso,
Pelos organizadores e organizadoras.

Os(as) organizadores (as) e palestrantes
Nos mostraram por onde andar.
“Quem anda nos trilhos é trem.”
“A água do rio corre para o mar”
Deixo aqui os parabéns pela lindeza
E emoção que nos fizeram vivenciar.

Um passeio pela biblioteca
E o *lattes* a descomplicar
Uma viagem interessante
Que nos fez pontes, atravessar.
Talvez a plataforma *Teams*
Se faz necessário se adequar.

Com a Plataforma Brasil
Foi aquela aprendizagem!
O professor sabiamente
Com calma e muita bagagem
Tirou todas as pedras e os espinhos
Que atrapalhavam minha passagem.

A mãozinha do *Chat*
A comunicação facilitou.
As falas foram otimizadas
E o tempo *Chronos* as controlou.
O tempo *kairós* foi gigante
E a sensibilidade aflorou.

Aflorou com o depoimento
Da prof. Dr^a Fátima Lima.
Mulher negra, guerreira e sábia
Uma autentica nordestina.
Sua história de vida nos emocionou
E os caminhos que se destina.

“Vidas teimosas: desobediências...”
Rompem as velhas estruturas.

A escrivência marca um novo tempo
Na escrita, poética, contos e literatura
“A nossa ancestral do futuro”
Conceição Evaristo e suas leituras.

Na palestra de abertura
Tivemos como mediadora
A prof. Dr^a Iris Verana.
Nossa querida professora
A sua aula nos inquieta
E seu incentivo de escritora.

Duas professoras negras e nordestinas
A palestra de abertura, conduziram.
A prof. Dr^a Iris Verana, como mediadora
Os convidados e estudantes, interagiram.
A Prof. Dr^a Fátima a nos contagiar
As vozes das autoras citadas, eclodiram.

As expectativas do componente
Curricular: Docência e Diversidade
Foram as melhores, diante dos
Os(as) autores(as) e suas especialidades.
Com eles descobri, um novo lugar
Das diferenças, memória e identidade.

Nas minhas leituras, pesquisas,
Andanças e construção
Deparo-me com alguns conceitos
Que perpassaram pela colonização.
Com ideias e traços escravocratas
E do sistema de plantação.

Com participação nas discussões
E a escuta atenta dos depoimentos
Nas aulas online e presencial
Permitiu-me ter um melhor entendimento.
Um olhar mais crítico e sensível pautado
Nas vivências dos sujeitos e seus movimentos.

Com o “tempo espiralar”
Retomo a alegria e a dor.
A escrita de Leda Martins
Traz lembranças “de toda cor”
O cenário deixado para trás
Emerge a todo vapor.

Quando criança, ser professora
Era a minha vocação.
Montava a minha sala de aula

Com amor e total arrumação.
Os bancos eram de tijolos
A mesa, a tampa velha do fogão.

Minha mãe fez uma casinha de flechas
No quintal de nossa casa.
Lá era o meu cantinho de estudo
De dançar e de fazer graça.
Contava com minhas irmãs e amigas
Pois, não podíamos ir pra praça.

No tempo da infância
Banho de chuva gostava de tomar.
As enxurradas carregando os detritos
As borboletas e as flores, a admirar.
“Tudo é natureza. O cosmos é natureza”
Elementos que Krenak, nos faz recordar.

“O lápis era um graveto.”
“Fazia-se a estrela no chão.”
A “Escrivivência” de Conceição Evaristo
Inquieta minha mente e meu coração.
Não é pra “ninar os da casa-grande, mas
Pra incomodar “os sonos injustos” do patrão.

Minha mãe Nair não escrevia
Como a mãe de Conceição Evaristo.
Com o caco de telha ela desenhava
O alfabeto e o rosto de Jesus Cristo.
O chão aterrado era o caderno
Que deixava os registros.

Com esse movimento
A religião ao estudo, ela agregava.
As poucas horas de descanso
A tais ensinamentos, se dedicava.
As dificuldades não foram poucas
Mas, a vitória foi alcançada.

Minha mãe é uma mulher de fé
Guerreira e com pouca escolaridade.
Cuidou da educação dos filhos(as)
Com coragem, dedicação e dignidade.
Gratidão a ela pelos ensinamentos
Amor, incentivo e cumplicidade.

Meu pai (*in memoriam*)
Homem sério e trabalhador
Era ele quem dava as ordens.
Dono de oficina e batalhador

Características de um patriarca
Arcava com as despesas e com o labor.

Uma época sofrida
Pela fuga da filha mais velha.
Quando nosso pai ficava “brabo”
Estudávamos a luz de vela.
A noite é para dormir
E ver a lua pela janela.

Vendo minha mãe tristonha
E nada poder fazer
Passava dias encabulada
Até o livro, eu parava de ler.
Deixava meu diário de lado
Não conseguia escrever.

Escrever naquele tempo
Era uma arte do desabafo.
As passagens e citações escondidas
Temendo alguém descer o sarrafo.
Não tinha maturidade na escrita
Mas, sabia construir os parágrafos.

O tempo vai passando...
Com os movimentos das estações.
A vida vai mudando de rumo
E o sujeito com suas versões.
Chego na adolescência, antes da primavera
Cheia de dúvidas e inquietações.

O sujeito com suas versões, nos remete a Hall
Com as “Três concepções de identidade”
A exemplo do sujeito do Iluminismo
Caracteriza-se pela razão e verdade.
O sujeito sociológico refletia, no mundo
Moderno, sua crescente complexidade.

O “sujeito do Iluminismo”
É um indivíduo centrado.
Dotado da capacidade da razão
Um sujeito unificado.
Iluminista de consciência
E de ação, tendo o “eu” concentrado.

A identidade do “sujeito sociológico”
É formada pela interação.
Mediada pelos os valores, símbolos
E sentidos em questão.
“interativa” da identidade e do eu

Elementos dessa concepção.

O “sujeito pós-moderno”
totalmente fragmentado
E sem identidade fixa
Aventura-se pra todos os lados.
Detentor de diversas identidades
Sendo por ele mesmo, questionado.

“Somos todos basicamente iguais”
Nesse contexto, visualiza-se a educação.
Que tem desejo de tornar as pessoas
Mais parecidas numa mesma versão.
Medidas para atender ao interesse comum.
Os dedos das mãos são diferentes, mas são irmãos.

Por muitas escolas passei...
Antônio Bahia, Polivalente
D. Justino Russolilo e Santa Terezinha
Encontrei professores apáticos e valentes
No Poli, pude “me reinventar através das ideias.”
O olhar, de cada um, me serviu como lente

.
O desejo de ser professora
Foi de um sonho realizar
A cada dia, se tornava mais forte.
Para alguns “[...] a ideia de sonhar
é abdicar da realidade...” para mim,
É uma fase da vida a se completar.

No Wercelêncio Calixto da Mota
Cursei o magistério, não foi fácil não!
Aos “trancos e barrancos”, conclui.
Estudar a noite era uma confusão.
Momentos de angustias e incertezas
Pois dependia, do pai, a permissão.

Durante esses anos de dependência
Duas irmãs desistiram nessa caminhada.
Consegui, levar uma comigo
Nessa longa e difícil empreitada.
Por nossa formação e pela vida
Nos tornamos parceiras e grandes aliadas.

Chegou o dia da entrega do relatório.
Um fato que marcou a minha vida
Ele, meu pai, sentado no muro de casa
Naquela noite, proibiu a minha saída.
Atitude de quando estava zangado
Deixou-me por terra caída.

Mas, fui logo me perguntando
Hoje termina o prazo. O que fazer?
Passar por ele é impossível.
O tempo urge ... Preciso correr.
Subi no muro no fundo da casa
Caminhei sobre ele com todo querer.

Atravessei os muros das casas
Dos vizinhos até alcançar a rua.
Cheguei até a casa do colega.
Despedaçada! Verdade nua e crua!
Ele não contou com minha astúcia.
A vida exige criatividade e 'xarrua'.

Nossas “vozes antes silenciadas”
Hoje, “se reafirmam seu lugar de fala.”
E sensibilizam “ao engajamento
e à resistência.” Quem resiste não se cala!
O ciberativismo subsidia as causas sociais
Lutemos pela vida, esta é como um trem-bala.

Seu Pedro (*in memoriam*)
Um colega e amigo de bom coração.
Um homem além dos tempos
Tinha por ele, total admiração.
Quando na memória esses registros
Boas lembranças e gratidão!

Entreguei a atividade final
Feliz e pulando de alegria.
Agradei a Deus e ao meu pai
Pela educação e pão de cada dia.
O importante é que, consegui me formar
De seu sustento, eu dependia.

Dias, meses e anos se passaram
Pai, “Me ajuda a olhar!”
A confiança e o amor se abraçam
Ao som ritmando se põem a dançar
“O tempo curva-se ao gesto...”
E ao harmônico e fraterno caminhar.

Quero agradecer a meu pai Alípio
Pelos ensinamentos e formação
Mesmo com as “rédeas curtas”
Teve meu amor e afeição!
Hoje, descansa em outra morada.
Fica só a saudade em nosso coração.

Os anos se passaram...

Prestei vestibular e fui contemplada.
Estar na UNEB foi um sonho
Já madura, com filhos e casada.
Mas, parecia uma adolescente
Feliz e muito encantada.

Estudar na UNEB foi gratificante
A cada aula, meu interesse crescia.
Gostava da dinâmica dos professores
Naquela fonte sempre bebia.
Conciliar trabalho, família e estudo
Não foi fácil, às vezes me dava taquicardia.

Uma realização profissional e pessoal
Estudava com afinco, esforços não media.
Instituição, por mim, amada
Com credibilidade e garantia.
Em 1998 conclui a graduação
Com tudo que tinha direto e alegria,

No ano seguinte continuei meus estudos
Agora em literatura numa especialização.
A Pós em Estudos Literários
Fazer um curso desse, era a minha intenção.
Se a “escola forçou a minha escrita.”
Esse curso foi a minha libertação.

Através da poesia e do cordel
Escrevo o que quero dizer...
Aparente e/ou nas entre linhas
“Sem me importar” se vai doer
“Escreverei sobre o não dito”
Sem medo e com muito prazer.

Em versos eu escrevo
O óbvio e “também a intenção”
Não preciso da voz para dizer
O quanto é triste a segregação.
“Os gays afeminados, viados e ...”
Caminham comigo na educação.

“A escrita é uma ferramenta”
Que “nos ajuda a sobreviver”
Traz bons ventos e nos aclama
E nos faz alguns obstáculos, vencer
As palavras jorradadas como refluxos
Cura nossa enfermidade antes do anoitecer.

Dia 22 de junho de 2022

Às 4h:55min. Vejo o dia amanhecer
“Sento-me aqui”, o notebook sobre a cama
Envolta dos textos, tentado escrever
Imagens de minha mãe a todo instante
É preciso, minhas escolhas, rever.

Aquela mulher de fibra
Hoje, totalmente dependente
Meu porto seguro, meu talismã
O corpo conosco, mas a mente ausente
Por isso, quero “escrever o que mais
nos liga à vida”, com ela presente.

Uma angustia tomou meu peito
Chorei diante da limitação
Pensei em desistir de tudo...
Mas, Sarah Teles, filha do coração
Com seu jeito carinhoso e pacificador
Evitou essa tomada de decisão.

Agradeço aos docentes,
Pela atenção e pelas aulas impactantes.
Sempre atenciosos e educados
Trazendo temas importantes.
E as discussões e a troca de experiências
De forma aberta, sensível e confortante.

Grata também a Adriano Eysen
Pela escuta e compreensão
Suas palavras serviram de estímulo
Pra continuar na educação
Aos outros professores e alguns
Colegas, pelo incentivo. Gratidão!

Não gostaria de reduzir meus passos
Desejo melhoria na educação
“Ser chamada de bicha na escola”
Exige uma tomada de posição
Torná-la o lugar de pertencimento e usar
A Literatura como projeto de intervenção.

Agradeço a Deus pelas bênçãos
Que tenho recebido a cada dia.
E a minha família e amigos pelo apoio
E forças, as recebo com alegria.
Que também Deus os abençoe
Que levem a vida com maestria.

Coité, não é minha Terra Natal.
Mas, adotei como minha cidade

Sou doméstica, costureira e biscoiteira
Aqui, criei raízes com minhas identidades
Educadora, professora e cordelista
Gosto de cultura e de estudar sobre a diversidade.

Em uma bricolagem “Cantando a minha Terra”²
Inspirada nesses escritores que reverencio.
Gonçalves Dias com “Canção de Exílio”
Um poema saudosista que bebo e aprecio.
“Canto Regresso à Pátria” de Oswald de
Andrade, com a beleza e a saudade do Brasil.

“Minha terra tem palmeiras”
E também bons gravatás
As plantas daqui
Não crescem como as de lá.
De dia passeio nas pedreiras
A noite admiro o luar.

Nossa terra tem sisal
E também muitos trabalhadores.
Nossa terra tem mais vida.
Nossa vida mais amores.
Nossa terra tem escolas, artistas
Cultura, escritoras e escritores.

Olhando o céu sozinha, à noite
Vejo estrelas a brilhar
Ouço o cantar do sabiá-laranjeira
E mais prazer encontro eu lá.
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra lá.

Sem que volte pra lá
De carro, carroça, bicicleta ou a pé
Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte pra Coité
Sem que eu veja os Olhos D’Água³
Onde cresci e me tornei mulher.

Deixo aqui o meu recado
E a minha satisfação.
Em está fazendo este caminho
Nesta querida instituição.
Vamos unir nossas forças
Para lutar por uma melhor educação.

² Esta poesia é uma bricolagem da famosa poesia “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias e de “Canto de Regresso à Pátria” de Oswald de Andrade.

³ Outrora, o nome de minha pequena rua. Hoje, o nome do movimentado bairro.

Fica aqui registrada
Logo a minha intenção
Optei por esse cordel
Como uma forma de avaliação
Para a professora e autores(as),
Mando uma afetuosa saudação.
Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Ainda entre caminhos....

Morando numa rua simples, com poucas casas, perto de tanques, caldeirões rodeados de grandes pedras, as quais eram usadas como palcos para os rapazes e as moças cantarem as suas músicas (sertanejas e românticas) aos domingos e feriados. Meus irmãos, irmãs, eu e amigos/as eram o público que prestigiava aquela cantoria. As folhas de dois juazeiros e as palhas de três grandes coqueiros dançavam conforme a música. Tudo era muito singelo e modesto, as pessoas gostavam desses momentos, pois além de promover a alegria, o prazer e arte, gostavam de estar com os(as) amigos(as), colocavam os assuntos em dia e valorizavam aquele bate-papo. Saliento que esses momentos eram prazerosos, pois como não costumávamos sair para eventos e para a rua, já que meu pai não deixava, era um momento de distração e lazer.

Outro momento prazeroso era quando nossa mãe contava estórias. Ela sentava no banco de madeira, nós à sua volta, sentados(as) no chão para ouvi-la atentamente. As marcas deixadas preencheram minhas noites, às vezes sob a lua cheia, às vezes sob as luzes do candeeiro, com histórias de assombração, a exemplo de almas, amor nos contos de fadas. Muitas vezes, essas histórias eram repletas de aprendizado, transmitidas pelos exemplos, advertências, experiências dos personagens e reflexão sobre a vida.

As crianças da família sentavam-se em roda em uma das grandes salas, fascinadas pelas histórias contadas de forma emocionante e envolvente. Contou-nos a história de Lampião, este não entrou em Santaluz porque respeitava e temia os designios de Santa Luzia. Ficávamos curiosos(as) e atentos(as)! Ouvidos e olhos fixos naquela narradora cheia de fabulações, minha querida mãe que, sem nenhum fundamento teórico ou instrumental, nos remete a relatos, uma criatividade autêntica e contagiante que transformava o momento em um momento mágico e inesquecível. As histórias contadas por ela, acendeu em mim a chama literária e a maneira que ela contava histórias suscitou também em mim um profundo sentimento de gratidão pelas experiências que vivi, pelas pessoas que fizeram parte da minha vida e principalmente pela oportunidade de ouvir belas histórias que despertaram o gosto de ler e escrever poesia e cordel,

um gênero literário que tanto gosto. Enfim, era surreal a forma que aquela simples contadora de histórias podia inspirar um apaixonante caminho de contar histórias emprestando a sua voz e corpo a personagens fictícios. A minha infância foi assim, cheia de estímulos positivos para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, mas também algumas desilusões e frustrações, as quais com o tempo foram sanadas.

Momentos como esses faziam-me sonhar em ser contadora de estórias, ensinar e escrever poesia e cordel. Sinto-me realizada em parte, pois como contadora de estórias não fui muito longe, ficou em família. Realizei o sonho de lecionar e de escrever poesia e cordel, mas esses estão no anonimato. Corroboro com o pensamento de Bell Hooks (2013, p. 10) quando ela pontua, “Mas o sonho de me tornar escritora sempre esteve presente dentro de mim. Desde a infância, eu acreditava que iria lecionar e escrever.”

O tempo passou, mas aqueles momentos ainda estão tão frescos em minha memória, sentimentos, emoções e imaginações brotaram em mim. Meu coração, apesar de triste por alguns episódios, grita de alegria. Trazer essas lembranças, desse espaço, é uma forma de compreender a presença marcante de minha mãe na minha trajetória e o meu desejo de contribuir com um ensino de literatura mais participativo, guardar essas memórias e compartilhar com meus filhos, netos e amigos e amigas leitores(as).

Nunca me ocorreu que na minha infância, naqueles momentos fascinantes e de encantamento, a literatura existisse não só na escola, através de livros, revistas e/ou histórias contadas pelos(as) professores(as), mas também, noutros espaços, a exemplo das pessoas sentadas nas portas das casas, contando estórias e “causos”, assim como em bancos de praças ajardinadas e, em outros cantos da cidade, grupos de idosos e jovens cantando e tocando violão, enfim, pessoas interagindo, experienciando a Literatura e criando Arte. Como afirma Afrânio Coutinho (1955, p.71) “A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, cuja finalidade é despejar no leitor ou ouvinte o prazer estético.”. Nesse sentido, a literatura é a representação da realidade transmitida por meio da linguagem escrita ou falada. É uma arte baseada na imaginação e capaz de ressignificar a vida.

Saliento que, o incentivo à leitura não aconteceu de forma ativa porque meus pais tinham pouca instrução, mas mesmo assim, minha mãe cuidava de dez filhos, da casa, lavava e passava as roupas de sua família e, na medida do possível, com as mãos calejadas de tanto cozinhar e quebrar lenha, pois o fogão era à lenha, nos incentivava e nos ajudava nas tarefas escolares. Essas mãos calejadas e os ensinamentos foram fundamentais para o meu caminhar na educação.

Até a conclusão do Magistério, foi um caminho repleto de dúvidas e incertezas, já que a trajetória de minhas irmãs na educação não foi fácil. A minha não foi diferente, já que frequentava a escola quando o clima da casa estava tranquilo. Em casa, após ajudar minha mãe em algum serviço da casa, procurava fazer algo que me desse prazer, estudar, ler e escrever versos e poemas, em meu diário. Eram muitos os textos orais produzidos por minha mãe que me convidavam a enveredar pelo caminho da ficção. E assim, quiçá, um dia, me tornar uma poetisa e/ou cordelista. Como diz Conceição Evaristo “nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção”. (Evaristo, 2015, p. 03.)

Meu pai era mecânico, homem de pouca conversa, tinha sua própria oficina e arcava com os estudos dos filhos, investindo na aquisição de materiais. Os quais contribuíram para a minha formação. Formei-me no Magistério em 1977 e no ano seguinte de 1978, comecei a trabalhar como professora na escola Rio Branco, em Juazeirinho, distrito de Coité. Em 1980 tive aprovação no Concurso Público para professores(as) de 1º e 2º graus, no qual fui classificada em 1º lugar, sendo chamada para trabalhar no colégio Polivalente de Conceição do Coité com a disciplina Educação para o lar, também ensinei História, ficando lá de 01 de abril de 1980 até 11 de abril de 1984.

Os anos foram passando, sentia a necessidade de fazer faculdade, mas trabalhava 40 horas e meus filhos eram pequenos e precisavam de atenção, mas chegou um tempo que não dava mais para esperar, então, prestei vestibular no ano 2005 para ingressar na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XIV*, em Conceição do Coite. Fiz o curso Letras, Licenciatura Plena, com habilitação Português, Inglês e Literaturas. Foi um período muito rico em minha vida, apesar do esforço e do cansaço, venci! Estudava até altas horas da madrugada, tinha noites que nem dormia. Mas foi a época que mais vivi emoções, pois estudei com dedicação, carinho e participava dos eventos que a faculdade proporcionava.

Lembro-me de Goreth, Alderlene, Marcos, Flávia Amâncio, Vigna, Anselmo, Alan e Celi, colegas queridos(as), e professores como Plínio Oliveira, Évila Oliveira, Nilzete Cruz, Maria de Fátima Barros, Genésio Seixas, Irenilza Oliveira, Amélia Maraux, Cinira Felix, dentre outros que marcaram essa etapa da minha vida, uns pelo carinho que me atribuíam, outros pelo trabalho que juntos construímos. Sem dúvidas, essa foi uma etapa ímpar da minha vida! Agradeço a toda minha família pelo incentivo e apoio, principalmente a minha mãe Nair Lopes e minha irmã Nailza Lopes, por ter me ajudado a criar meus filhos: Felipe Santana e Marcelo Santana, ao meu marido Solon Santana (*in memoriam*) pela paciência e apoio que recebi. Fui

monitora do curso de Inglês – CELI – por quase dois semestres, também foi uma experiência nova, interessante e importante, pois vivenciei práticas que jamais tinha experimentado. Só desisti porque fui fazer a Pós-graduação em Estudos Literários e não tinha tempo para atender aos dois cursos.

Em 1998, terminei a Graduação e, em seguida, comecei a Pós-Graduação, concluindo no ano 2000. Esta fase também, na educação, foi de construção e de descoberta. Um curso altamente rico com mestres e doutores. Jorge Araújo, Zilda Freitas, Iraci Gama, Osmar Santos, Silvio Oliveira, Tania Cordeiro, Roberval Pereira, Edvaldo Santos, Edil Costa e Alex Cavalcante. Enfim, essa pós-graduação veio como estímulo que eu estava precisando para voltar a escrever. Percebo que essa especialização foi uma ressignificação da Literatura em minha vida. Comecei a perceber e analisar coisas que jamais tinha visto antes. Abriu caminhos para a leitura prazerosa e a escrita. Depois desse curso, o meu desejo de escrever voltou com mais intensidade. Poesia, cordel, cordéis bibliográficos e poemas voltaram a fazer parte da minha rotina.

Para escrever, eu só preciso estar inspirada ou tocada por algum sentimento, seja ele de felicidade ou de tristeza. Tenho prazer em construir, mesmo ficando no anonimato. Sempre valorizei minha origem, gosto de ser nordestina/sertaneja. Não foi sem razão que Euclides da Cunha (2010, p. 94) disse: “O sertanejo é antes de tudo um forte.” Esse começo de frase euclidiana não se refere somente ao valor físico do(a) sertanejo(a), mas também à fortaleza moral de seu caráter. E a partir de suas análises e a paixão pela literatura resolvi fazer o meu trabalho monográfico baseando-se em minha realidade e na literatura.

“OLHOS D’ÁGUA: ORIGEM E DESTINO, foi um estudo realizado no ano de 2000 sobre Olhos d’água, as Lavadeiras e o Sertanejo”. Esse foi o tema de minha monografia. Um fecundo passeio pelo sertão nordestino, à procura da água, geradora da vida. Nela, abordo temas de estiagem e a seca, a vida severina dos(as) sertanejos(as) e os festejos que minimizam todos esses sofrimentos. Nesse trabalho também mostro os depoimentos de moradores do bairro Olhos D’Água e o descaso das autoridades na manutenção do “oásis” que ali existia e ainda chamo a atenção do leitor para a leitura de alguns dos mais importantes clássicos regionalistas de nossa literatura. Com a monografia, procurei mostrar a verdadeira realidade do local e pedir a recuperação do minadouro Olhos d’água, um recurso oferecido pela natureza que favorece a qualidade de vida e da cultura das pessoas da localidade.

Continuei fazendo vários minicursos para aprimorar minha prática pedagógica: Didática, Filosofia, Religião, Inglês, Artes, Educação Física, Português. Fiz a Pós-graduação

em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa, um curso que veio promover meu desempenho profissional visando a qualidade do ensino da língua inglesa. Essa especialização em Inglês me deu subsídios pra trabalhar o lúdico, já que uma aula motivada deixa o(a) aluno(a) mais interessado(a) tornando-a mais prazerosa. Fiz outras especializações, mas meu objetivo era fazer mestrado, mas não tinha condições de sair de Coité. Quando a UNEB implantou o MPED, pensei: “agora, eu posso fazer mestrado!” Mas, puro engano! A carga horária intensa de trabalho (60 horas) e a demanda da casa inviabilizaram a minha entrada no mestrado. Fiz a seleção uma vez, não consegui, a outra fiz a inscrição, não fui fazer a prova por motivo de doença na família. Aposentei-me em 2020, em 2021, fiz a seleção do mestrado, e para minha alegria e alegria da minha família e amigos, passei! Estou cursando e muito feliz com essa conquista.

O início do curso foi tranquilo, no decorrer do caminho encontrei algumas dificuldades pessoais que me deixaram desanimada, mas, com muita força de vontade, perseverança e, principalmente, com o apoio de minha família, em especial, de minha filha do coração, Sarah Teles, dos queridos(as) amigos(as), colegas, professores(as) e do meu orientador Adriano Eysen, consegui vencer o desânimo e continuar a minha tão sonhada jornada acadêmica. Aqui estou, apresentando um estudo que tem como objetivo principal desenvolver uma pesquisa sobre literatura e como esta pode contribuir com o desenvolvimento da competência leitora e para a formação identitária dos(as) alunos(as) da EMJPF, de Conceição do Coité.

Após realizar uma revisão sistemática sobre a minha proposta de pesquisa, foi possível definir a estrutura deste trabalho da seguinte forma: a primeira seção corresponde à Introdução, na qual trago minha memória afetiva da infância e faço um passeio pela minha vida acadêmica e profissional. Em seguida, estruturo três capítulos: No I capítulo, “Literatura para quem e para quê?”, apresento uma fundamentação teórica sobre a temática pesquisada. Nesse capítulo transcrevo sobre a importância da Literatura na formação do sujeito, seguida por uma discussão teórica sobre o texto literário como potência lúdica enfatizando que o lúdico é uma ferramenta essencial para a prática pedagógica. Ainda nesse movimento, trago a segunda seção intitulada “As Travessuras do Letramento Literário”, que discorre sobre os conceitos de travessuras e do letramento literário, como estes funcionam em sala de aula e a sua importância na construção de uma educação pautada na criatividade e na reflexão crítica.

Para o capítulo II, pretendo discorrer sobre a literatura e a leitura presentes na escola, sobretudo a produção literária local, identidades e representações, tentando compreender como os textos literários, enquanto linguagem artística, potencializam o desenvolvimento da

competência leitora e contribuem para o processo de formação identitária dos(as) alunos(as) da escola.

No III capítulo, “Nas Trilhas da Metodologia”, estabeleço diálogos com alguns autores sobre a metodologia escolhida para desenvolver a pesquisa, o tipo de abordagem, o caráter e os dispositivos que serão utilizados. Abordo aspectos do *lócus* da pesquisa: Escola Municipal João Paulo Fragoso e os sujeitos colaboradores, bem como a proposta da intervenção, que está configurada através de oficinas sobre a Literatura de Cordel, e o produto do mestrado, em que proponho a criação de um *e-book* Cordelizado.

No IV e último capítulo, focado na Análise de Dados, realizei entrevistas semiestruturadas para coletar informações, contando com a participação de oito professores(as) do Ensino Fundamental II desta instituição. A pesquisa buscou, por meio de uma troca colaborativa com os(as) docentes, entender de que forma o uso de textos literários pode aprimorar as habilidades de leitura e contribuir para a construção da identidade dos(as) alunos(as) da EMJPF.

Por fim, apresento as considerações finais, destacando que esta pesquisa, de abordagem qualitativa e colaborativa, busca aproximar os(as) alunos(as) dos textos literários por meio de ações que envolvam a leitura, as histórias e a realidade que os cerca. O objetivo é criar um diálogo significativo entre o que se lê e o que se vive, promovendo um letramento literário lúdico, criativo e crítico, posicionando os(as) alunos(as) como agentes transformadores da leitura. Espero que este trabalho sirva como um valioso instrumento de reflexão sobre as práticas de leitura nas escolas, reconhecendo o texto literário como uma linguagem artística capaz de fortalecer o desenvolvimento da competência leitora. Além disso, o projeto de intervenção e a construção do produto⁴ contribuirão para o processo formativo dos sujeitos envolvidos, pois o aprendizado se dá por meio de trocas significativas e colaborativas entre os participantes e o(a) pesquisador(a).

⁴ Requisito solicitado para finalização do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED).

1 LITERATURA PARA QUEM E PARA QUÊ?

Ao longo do tempo, muito se discutiu sobre a literatura e sua importância. Os primeiros teóricos a difundir o conceito de literatura foram Platão e Aristóteles. Para eles, a literatura é a arte de imitar a realidade, pois o indivíduo vê o mundo à sua maneira, ou seja, de forma mais subjetiva. Coutinho afirma que “a Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade.” (1978, p.9-10)

Assim, o autor alerta-nos para o fato de a literatura poder acompanhar o(a) cidadão(ã) e dar-lhe a oportunidade para viver a ficção, esta será imprescindível para enfrentar os obstáculos da vida e procurar respostas para as suas dúvidas e/ou determinadas questões. A literatura também é um campo de comunicação porque permite estabelecer o diálogo entre textos e leitores(as) de todos os tempos (Coutinho, 1978). Assim, por essas qualidades intrínsecas à literatura, esta legitima a escolarização a partir de seu uso e é utilizada para humanizar e facilitar interações e transformações na vida dos(as) alunos(as).

Por meio da literatura, os(as) alunos(as) podem internalizar sentimentos porque os personagens se comunicam com o leitor, este que é capaz de ver o mundo pelo ponto de vista da outra pessoa, e não apenas pelo seu. Ver o mundo pelos olhos do outro, leva o sujeito à empatia, pois é a capacidade de se colocar no lugar do outro. De acordo com Brolezzi (2014), Vygotsky descreveu o conceito de empatia em seu livro *A Psicologia da Arte* (1925) e demonstrou sua importância para o desenvolvimento do sujeito. A existência do conceito de empatia em relação à estética da arte, da literatura e do teatro revela aspectos interessantes que poderiam, em última análise, ser utilizados para pensar o papel das artes na educação e formação das pessoas. (Brolezzi, 2014).

Portanto, fica claro que a empatia é importante para a educação à medida que ela emerge. “[...] como forma de explicar a relação entre a imitação interior e a capacidade de compreensão dos outros atribuindo a eles sentimentos, emoções e pensamentos.” (Brolezzi, 2014, p. 153). Quando os atores usam um senso de empatia, eles se tornam mais compreensivos, o que cria um respeito pela adversidade, o que torna o indivíduo mais tolerante. É nesse pano de fundo que se percebe a função humanizadora da literatura, ou seja, seu poder de humanizar o sujeito. Segundo Machado (2012, p. 61), a literatura “implica uma imersão mais profunda na relação com as outras pessoas, porque nos faz compreender as diferenças que existem entre todos nós e perceber de quantas semelhanças somos feitos, apesar de toda essa diversidade”.

Dessa forma, a literatura possibilita ao sujeito perceber as diferenças, torna-os mais críticos, desenvolvendo sua atenção e concentração. Ao lidar com a literatura, os(as) professores(as) podem estimular a criatividade e aprimorar as habilidades narrativas dos(as) alunos(as), potencializando, desse modo, a sua leitura de mundo. Os(as) alunos(as) aprendem a analisar os fatos e a perceber os movimentos dos atores no espaço e no tempo. Eysen e Raimundo (2001, p.223) pontuam “que [...] o trabalho com a literatura em sala de aula deve abarcar um despertar do(a) aluno(a) a um universo proposto em sua própria natureza, privilegiando os sentidos de curiosidade, pertencimento, criticidade e relação com o outro.”

Assim, aumenta a sensibilidade porque a literatura é antes de tudo humana e, para Candido (2011), nem sempre a escola a trata como deveria. “Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 2011, p. 178), principalmente, quando esta remete a visão dos sujeitos com os mesmos interesses, hábitos, costumes, ou seja, cultura. Segundo Freire (1989) a “Cultura é a forma como o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações com o seu mundo.” (Freire, 1989, p. 42). Dessa maneira, a cultura tem o poder de fortalecer a identidade do sujeito, ao que Compagnon (2009, p.47) nos afirma

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.”

Além disso, a literatura é um espaço onde aprendemos sobre nós mesmos e sobre os outros, um lugar para descobrir identidades que estão constantemente sendo construídas e transformadas. Hall (2006, p.10), propõe três concepções de identidade: sujeito iluminista, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo é um indivíduo plenamente individualista, centrado em si mesmo, dotado de razão, consciência e capacidade de ação, unificado e essencialmente centrado no ego e na sua identidade. O sujeito sociológico contempla as complexidades do mundo moderno, com foco nos conceitos de identidade e do eu. Uma identidade integralmente formada entre o eu e a sociedade, o mundo pessoal e o mundo público. E o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, fundamental ou permanente, tem uma identidade completamente fragmentada e assume outras identidades em momentos

diferentes. Diante disso, podemos nos referir à identidade como uma representação de nós mesmos, o que garante a coesão e um sentido de ser.

Para Erikson (1972), a construção de uma identidade significa definir quem é a pessoa, quais são seus valores e a direção que deseja seguir na vida. O autor entende a identidade como um autoconceito formado por valores, crenças e objetivos nos quais o sujeito está intensamente envolvido. Nesse contexto, a literatura possibilita-nos refletir de forma crítica e aprender sobre nós mesmos e os outros, sobre a história e a cultura de variados povos. A partir do texto literário podemos descobrir identidades que estão constantemente sendo construídas e modificadas numa e por uma determinada sociedade em diferentes contextos históricos.

Assim, a literatura é uma maneira que nos auxilia a refletir sobre o mundo e, principalmente, sobre a nossa própria realidade a partir do olhar do outro. Segundo Todorov (2009, p.23-24) “[...] somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.”. Ele também enfatiza que a literatura nos fornece uma sensação insubstituível de tornar o mundo real mais significativo e bonito. Para ele, está longe de ser um simples divertimento, mas um passatempo de pessoas educadas e permite a cada um responder melhor à sua vocação de ser humano. (Todorov, 2009).

O autor ainda sinaliza que o romance não nos proporciona novos conhecimentos, mas sim uma nova capacidade de comunicação com pessoas diferentes de nós que nos permite ter experiências únicas, preservando a riqueza e a variedade do que vivemos. Para ele:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2009, p. 76).

O autor nos mostra também, sobre a importância da literatura em nossas vidas, já que ela tem o poder de transformação. A mesma pode nos tocar em tempos de depressão profunda, nos aproximar das pessoas ao nosso redor, nos dar uma melhor compreensão do mundo e “nos ajudar a viver”. Primeiro, não se trata de uma linguagem que cuida da “alma”, mas, que nos faz perceber o mundo de forma mais vertical e diversa. Certamente, a literatura pode proporcionar

alguns benefícios ao ser humano, como potencializar o imaginário, a sensibilidade e a reflexão crítica a partir de experiências e saberes compartilhados pelos livros.

Segundo Paulo Freire, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo em nossa prática consciente” (1989, p.13). A prática da leitura deve ir além da memorização, interpretação e decodificação das palavras. A formação do leitor deve contribuir para sua vida social, e o texto deve provocar a reflexão sobre a vida ao seu redor, colaborando para o desenvolvimento social e coletivo.

Conforme Candido, “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (2011, p.182). Diante disso, nos faz pensar sobre o ensino de literatura, e como a mesma é apresentada aos(as) alunos(as). Ao trabalhar literatura em sala de aula, o professor(a) imerge o(a) aluno(a) em um mundo mágico cheio de subjetividade e fascínio, um espaço onde ele(a) pode se descobrir, se conhecer e aprender a lidar com as adversidades e com a particularidade de cada cidadão(ã). É nesse contexto que a literatura chama a atenção para a liberdade de expressão, onde os sujeitos podem expressar seus pensamentos, expressar seus sentimentos, descobrir e compreender melhor suas próprias emoções e escolhas.

Cândido (2011) também pontua que a literatura é um direito humano, cultural e inalienável, além de destacar seu fator humanizador, atuando no subconsciente e no inconsciente. É por isso que “tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (Cândido, 2011, p.177). No entanto, segundo o autor, existe o problema da desigualdade social e econômica e o principal obstáculo reside no problema de intercomunicação a nível cultural com a falta de oportunidade, não incapacidade, visto que a literatura de todos os níveis e gêneros atendem às necessidades humanas, enriquecendo a percepção e a visão de mundo.

De acordo com Compagnon (2009) a literatura desempenha um exercício de reflexão e escrita, respondendo assim aos esquemas intelectuais da humanidade e do mundo. Para ele, a literatura é indispensável e insubstituível porque nos torna seres humanos melhores.

Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil para aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura. (Compagnon, 2009. P. 29)

Segundo o autor, a literatura nos sensibiliza, e também mexe com o nosso sentimento porque apela à emoção e à empatia, pois quando lemos, podemos nos identificar com a realidade do outro, experimentando sentimentos de felicidade ou dor, seja de uma pessoa próxima ou distante. A literatura é caracterizada pela análise de relações sempre particulares reunindo crença, emoção, imaginação e ação, isso torna um conhecimento insubstituível, detalhado e irrecuperável sobre a natureza humana, um saber de singularidades. (Compagnon, 2009)

Através dessas reflexões, entendo que a literatura corrobora com a aprendizagem. Ressalto ainda que o ato de ler o texto literário não deve ser apenas por prazer ou ganho, mas também para garantir o conhecimento adquirido ao longo do tempo, para sua função literária e humanizadora. Cosson (2014, p.93), amplia essa visão ao afirmar que tal leitura não pode ser feita de forma assistemática e em nome do puro prazer de ler. Pelo contrário, deve ser organizado de acordo com os objetivos educacionais dos(as) alunos(as), entendendo o papel que a literatura pode desempenhar no ambiente escolar.

Em suma, corroboro com os pensamentos dos autores quando eles fundamentam suas ideias sobre a relação entre a leitura e a construção de identidade e que seu aprendizado e até mesmo suas dificuldades e desafios são indissociáveis do sujeito e da leitura, ou seja, da experiência do leitor, do gosto, do desejo e da sua história de vida. Neste caminhar literário, tive a certeza que as histórias, as lendas, as fábulas, os contos, enfim, a literatura tem um papel importante na construção e reconstrução da identidade e realidade de cada sujeito.

1.1 O texto literário como potência lúdica

A criança que brinca e o poeta que faz
um poema. – Estão ambos na mesma
idade mágica!

Mário Quintana

Hoje, a educação passa por transformações que visam inovar metodologias e inserir novas tecnologias no cotidiano dos alunos(as) buscando melhorias no processo de ensino e aprendizagem de cada um(a). De acordo com Odair e Minhoto (2010, p.233), as avaliações organizadas e realizadas por instituições estatais, no Brasil, têm como objetivo principal a obtenção de indicadores definidos operacionalmente com base em questões e critérios, a fim de

fornecer pelo menos um ranking das escolas públicas e do conhecimento adquirido pelos alunos. O objetivo dos indicadores educativos, a exemplo de o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF), é representar determinadas características da realidade educativa específica do país, das redes de ensino e das escolas. Estes critérios são utilizados para julgar a eficácia do sistema (medida pela proporção em que os objetivos propostos são alcançados), a eficiência do sistema (medida pelo nível de utilização dos recursos) e o impacto das políticas implementadas (verificado por mudanças nas condições ambientais) na população-alvo e identificar os componentes críticos do fornecimento de recursos financeiros às escolas.

Segundo Fernandes (2001), um aumento no nível educacional da população brasileira pode ser observado em todas as regiões do Brasil na última década. Um indicador importante da pesquisa educacional é a taxa de escolarização relação entre as pessoas escolarizadas e as não escolarizadas das pessoas de 7 a 14 anos , faixa etária esperada para que a criança esteja na escola, possibilitando assim, um aumento na capacidade desses sujeitos, a inserção na sociedade, condições de cidadania e aquisição de integração social, bem como o “acesso ao mercado de trabalho, níveis de rendimento mais elevados, maior participação na comunidade e maior bem-estar social” (Fernandes, 2001 p.238).

De acordo com o Ministério da Educação in GOV-BA (2014), os indicadores educacionais resumem o progresso social que o Brasil alcançou desde 2001, explicou Carlos Eduardo Moreno, diretor de estatísticas educacionais do Instituto Nacional de Educação (Inep). Desenvolver políticas de órgãos públicos para garantir o acesso à educação e melhorar a trajetória regular e o desempenho dos alunos no ensino básico, afirmando que os dados refletem os progressos alcançados e os desafios enfrentados na garantia do direito à educação.

Os indicadores da educação no Brasil são fundamentais para avaliar o sistema educacional do país. Alguns dos principais indicadores incluem: a) Taxa de Analfabetismo: A porcentagem de pessoas com mais de 15 anos que não sabem ler ou escrever; b) Taxa de Escolarização: A proporção de crianças em idade escolar que estão matriculadas na escola; c) Taxa de Abandono Escolar: A porcentagem de estudantes que deixam a escola antes de concluir os estudos; d) Desempenho no PISA, este que avalia o desempenho dos alunos(as) em leitura, matemática e ciências; e) Investimento em Educação: A parcela do orçamento público destinada à educação; f) Acesso à Educação Superior: A proporção de jovens que ingressam no ensino superior; g) Qualidade do Ensino: Avaliações de desempenho dos estudantes em testes

nacionais; h) Educação à Distância: Aumento no uso de tecnologia para a educação, especialmente relevante após a pandemia de COVID-19; i) Desigualdades Regionais: Disparidades na qualidade da educação entre diferentes estados e regiões do Brasil e j) Infraestrutura Escolar: Condições das escolas, incluindo acesso à internet, bibliotecas e laboratórios. Esses são apenas alguns dos indicadores utilizados para avaliar a educação no Brasil.

É importante notar que esses indicadores podem mudar ao longo do tempo e refletem desafios e melhorias no sistema educativo do país. Com relação aos indicadores de melhoria da alfabetização e do letramento literário podem ser inclusas uma variedade de análises que ajudam a avaliar o nível de habilidades de leitura e escrita da população, bem como o grau de envolvimento com a literatura e a compreensão de textos. As pesquisas e indicadores educacionais no Brasil são fontes seguras que costumam disponibilizar dados e pesquisas atualizadas sobre a educação no país através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de organizações da sociedade civil, de Universidades e outras instituições de pesquisa.

Porém, o cenário educacional brasileiro ainda é muito preocupante. Segundo o INAF, aproximadamente 3 em cada 10 brasileiros, em 2018, eram analfabetos funcionais, pois, apresentavam grande dificuldade em utilizar a leitura e escrita e operações matemáticas no dia a dia, como reconhecer informações em cartazes ou folhetos, e até mesmo realizar tarefas com valores maiores que cálculos numéricos simples até centenas. (INAF, 2018, p.08)

Diante desse cenário, a educação no Brasil precisa de uma reformulação radical, não apenas baseada em grandes ideias fundamentalistas, correntes tradicionalistas ou baseadas em abordagens construtivistas. A revolução deve começar com a percepção de todos sobre os(as) alunos(as), que muitas vezes estão engajados em um processo de aprendizagem que não faz sentido para sua realidade sociocultural. A aprendizagem precisa ser orientada e estimulada pelos(as) docentes para ser pessoalmente significativa por parte dos(as) alunos(as). É notório que as condições sob as quais ocorrem a aprendizagem significativa são o uso, por parte dos(as) professores(as), de materiais didáticos, novas tecnologias e estratégias pedagógicas potencialmente criativas e à disposição dos(as) alunos(as).

Dessa forma, fica evidente a importância de professores(as) e alunos(as) atuarem de forma criativa e propositiva não apenas nos espaços acadêmicos, mas também no decorrer das

lutas sociais, com vistas à ampliação de direitos e formas de resistência. Pensar criticamente sobre a educação para ver a mudança social. De acordo com Hooks (2013, p.273):

[..] A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade.

A aprendizagem envolve uma possível “adaptação” ao ambiente, à pessoa, ao mediador(a) (professor(a) e aos recursos disponíveis para realizar atividades lúdico-pedagógicas, a exemplo de brincadeiras, jogos, música, teatro, dança, performance, leitura de poesia, cordéis, contação de histórias etc. Logo, essas experiências precisam ser disseminadas para que transcendam as fronteiras da escola e busquem dar corpo ao ensino-aprendizagem promovendo a formação crítica, criativa e humana dos(as) alunos(as).

Para Araújo e Eysen (2020, p.47), a escola oportuniza “[...] inter-relações cambiantes num sempre renovado diálogo entre professores(as), pais e alunos(as) para que eles possam repensar suas práticas cotidianas com propósito de criar um espaço de inclusões e autoafirmações do sujeito”. Pensando assim, o ambiente precisa acolher o sujeito que fará parte do processo e este sujeito precisa contribuir consigo mesmo, bem como compartilhando o ambiente, este terá um facilitador/aprendiz que poderá reconhecer o conhecimento previamente adquirido pelo sujeito e um aprendizado ambiente de crescimento e desenvolvimento básico. Além disso, os(as) professores(as) fornecerão os recursos disponíveis como suporte, que poderão ser utilizados de diversas formas, com foco principal na ludicidade, o que tornará todo o processo de aprendizagem possível, prazeroso e gratificante.

Desta forma, tem-se o lúdico⁵ como uma ferramenta indispensável para a aprendizagem. Contudo, se faz necessário utilizá-lo de forma planejada e diretamente vinculado ao assunto

⁵ Para entender o conceito do lúdico, com base na reflexão de Huizinga, se faz necessário um breve passeio por sua obra *Homo Ludens*. Nela o autor apresenta os sofistas como os primeiros ícones do lúdico na filosofia. Os sofistas eram ativos na Grécia antiga dos séculos V a IV aC. Eles eram professores de retórica, pensadores letrados e cultos. O termo sofista está relacionado a duas palavras: *sophos* e *sophia* (sábio, sabedoria). O *Homo Ludens* de Johan Huizinga traz uma contribuição antropológica sobre o lúdico com um foco filosófico tão forte que é reconhecido na literatura acadêmica como um tratado filosófico sobre o lúdico e ensaios filosóficos sobre as relações com a cultura. Também já foi mencionado como uma obra de cunho histórico filosófico e no campo da história da filosofia. Segundo Huizinga, foram os sofistas gregos que evidenciaram o lúdico na filosofia, com base em duas funções (profissionais) que desempenhavam: exibicionismo e a aspiração agonística, uma das características da sociedade arcaica. De acordo com o Novo Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, agonística significa [Do gr. *agonistiké*, i. e., *techine agonistiké*, 'arte da luta', pelo lat. *agonistica*.]

proposto pelo(a) professor(a), observar a estrutura do espaço da sala de aula, se condiz com a atividade e as especificidades dos(as) alunos(as). Assim, o trabalho com o lúdico⁶ para crianças, adolescentes e adultos poderá alcançar resultados significativos. Como aponta Santos (2019), a criança descobre o mundo ao seu redor e se envolve com outras pessoas por meio das brincadeiras. Estas, estimulam o desenvolvimento intelectual e os hábitos que conduzem a esse desenvolvimento. Isso mostra a importância de promover momentos saudáveis de brincadeiras com as crianças.

Santos (2019) identifica duas funções principais do brincar para as crianças: a capacidade de refletir e aprender conceitos e comportamentos a partir de brincadeiras e jogos; e o estímulo à capacidade criadora das crianças como um traço humano inato. Assim sendo, essas características precisam ser cultivadas em um estágio inicial, a fim de canalizar essas habilidades para a vida adulta, social e profissional durante a juventude e maturidade. (Santos, 2019, p.142). O uso de textos literários, a exemplos de poesia, poema, cordel, jogos, brincadeiras, arte, música e outras estratégias podem representar a familiaridade e aceitação do ambiente pelo sujeito aprendiz, orientando-o a descobrir seu próprio potencial de aprendizagem.

Embora os jogos estimulem a participação dos(das) alunos(as) em classe, ressalto que o jogo pelo jogo em sala de aula, sem um objetivo claro, é ineficaz porque não permite ao(à) aluno(a) construir, relacionar e organizar o conhecimento necessário para que ele(ela) possa trabalhar e relacionar-se com o conteúdo de sua experiência e/ou de sua vivência. Santos (2011, p. 48), enfatiza que:

[...] o jogo não tem valor educativo em si mesmo, e sim o seu uso. [...] Ele poderá contribuir no sentido de permitir um relaxamento necessário a outros esforços intelectuais, tornar lúdicos exercícios didáticos tais como ler e escrever e, ainda, ser suporte para a compreensão da personalidade da criança e para atividades físicas, incluindo também a educação para o corpo.

Huizinga (2001, p.11) relata que “todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador”. Percebo que isso acontece quando o jogo é feito por prazer ou de forma

S.f. Entre os gregos antigo, parte da ginástica que tratava da luta dos atletas. in novo Dicionário de Língua Português de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

⁶Refere-se a, ou que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos, etc. In No dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda (1986).

lúdica, mas quando este é imposto, perde a essência de brincadeira e passa a ser enfadonho, sem brilho. O jogo torna-se educativo quando este ensina algo ao indivíduo, conhecimentos acerca da vida ou do mundo. Na educação, o jogo é importante para aquisição de conhecimentos sistematizados, para socializar e formar indivíduos críticos, pensantes e reflexivos. Por isso, é preciso incorporar as brincadeiras, os jogos e as descobertas nas atividades da criança, uma vez que esses contribuirão para o seu desenvolvimento e para a sua liberdade de expressão.

A formação dos(as) leitores(as), sem dúvida, faz parte do cotidiano do ensino fundamental. Ao mesmo tempo, os(as) alunos(as) entram em contato com o que aprenderam, principalmente, por meio da leitura. Os suportes à leitura, a exemplos das obras literárias, revistas, jornais, e principalmente os textos literários como potência lúdica, são extremamente importantes e essenciais para a vida escolar do(a) aluno(a), assim como a sua vivência na comunidade onde vive e/ou fora dela.

D'Onófrio (1999, p.23) apontou que as obras literárias, além de sua função estética (concebida como a arte das palavras e a expressão da beleza), podem ter ao mesmo tempo uma função lúdica, capaz de estimular o prazer; estimular a função cognitiva, permitem o conhecimento objetivo ou da realidade psíquica, a catarse, a purificação dos sentimentos indutores e uma função prática voltada para a difusão da ideologia. Nesse contexto, vale ressaltar também que, geralmente, a leitura do texto literário para crianças e/ou jovens acontecem no ambiente escolar, por meio de vários tipos de textos apresentados na sala de aula. Para Soares (1999), a leitura tem valor absoluto pelos claros e indiscutíveis benefícios que traz ao indivíduo e à sociedade fonte de lazer, prazer, aquisição de conhecimento, enriquecimento cultural, reflexão crítica, convívio social e condições ampliadas de interação. Isto é, a leitura dá às pessoas uma certa base, tornando-as críticas e reflexivas tendo uma certa visão de mundo e tornando-as uma pessoa social.

O texto literário como potência lúdica é capaz de ressignificar a condição do ser humano no mundo. De acordo com Almeida (2004, p.32) “podemos dizer que o lúdico é um recurso pedagógico e deve ser usado da melhor forma, pois, o verdadeiro sentido da educação lúdica está na preparação do professor ao aplicá-lo corretamente”.

O trabalho com o lúdico deve ser desenvolvido na sala de aula e fora dela. Já que a aula lúdica, independente do grupo envolvido, seduz o educando, pois é repleta de criatividade. Winnicott (1975, p. 117) afirma que “brincar é um modo particular de viver”. Segundo ele, se faz necessário aprender a brincar para viver com prazer e, a partir disso, aprender com prazer. Neste processo, o lúdico enquanto recurso pedagógico que enriquece o ensino-aprendizagem

deve ser encarado de forma responsável, oportunizando ao(à) educador(a) intervir de forma adequada, para desenvolver novas habilidades sem podar a criatividade do(a) aluno(a).

Nessa perspectiva, a brincadeira serve de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior e, por outro lado, a sua relação com a realidade externa numa inter-relação consigo mesmo e com o outro. Desse modo, a exploração de elementos interessantes, caracterizados pela escolha e combinação de palavras, aliadas às funções poéticas da linguagem: ritmo, som, musicalidade, beleza, criatividade, etc., presentes no texto, contribui para o desenvolvimento da capacidade de leitura porque permite a criatividade. As relações são construídas entre indivíduos, seus pares e a realidade, assim como acontece no jogo em geral.

Com efeito, esse mergulho no próprio eu, assim como a relação com o outro, pode ser motivada pelo(a) professor(a) através do texto, principalmente, quando as atividades pedagógicas desenvolvidas com a literatura trazem um contexto histórico e cultural que desperta o interesse dos(as) estudantes possibilitando-os(as) experiências lúdicas e importantes reflexões críticas.

É importante frisar nesta reflexão que o ato de ler um texto literário não deve ser apenas por prazer ou fruição, mas um ato que possa garantir a aquisição de conhecimento ao longo do tempo. Cosson (2014, p.93) pontua que esse tipo de leitura não pode ser feita de forma assistemática, nem em nome do puro prazer de ler. Em vez disso, deve estar de acordo com os objetivos educacionais dos(as) alunos(as). Assim sendo, compreendemos que a literatura pode desempenhar um papel importante no ambiente escolar, já que uma de suas funções é de humanizar. A literatura desempenha um papel formativo importante, permitindo o acesso a informações e conhecimentos, bem como potencializando a reflexão crítica e a criatividade dos(as) estudantes.

A leitura é uma das formas pelas quais as escolas devem colaborar para reduzir a injustiça social, desde que ofereça oportunidades para que todos tenham acesso ao conhecimento socialmente acumulado (Kleiman, 1999, p.91). Assim, além de ensinar a ler, a escola deve fornecer ferramentas para que a criança/adolescente seja capaz de pesquisar, selecionar e estabelecer seus diferentes estilos de comunicação. Esse trabalho deve começar no ensino básico, já nos primeiros anos para que ele possa realmente aproveitar bem sua leitura e escrita e socializá-los, tornando-se sujeitos desse processo. Nesse sentido, trabalhar com o lúdico, além de ser um instrumento motivador no processo ensino-aprendizagem, permite que o(a) professor(a) discuta, por exemplo, sobre literatura, música, cinema, telenovela e artes plásticas

de diferentes períodos da história do Brasil proporcionando, assim, o amadurecimento crítico e estéticos dos(as) jovens.

Utilizar atividades lúdicas com objetivos claros e apontar o que se deseja alcançar tornou-se uma importante estratégia de ensino e aprendizagem, compartilhando experiências e conhecimentos primordiais para a formação humana. As vivências lúdicas podem se dar através de músicas, leituras literárias, contos, cordéis, jogos, brincadeiras porque tudo isso pode fazer parte do processo formativo do professor(a) e do(a) aluno(a) num intercâmbio colaborativo. De acordo com Pereira (2005, p.77):

[...] a importância de viver o brincar como possibilidade de incorporação do lúdico a prática docente, na medida em que “quanto mais o adulto vivenciar sua ludicidade, maior será a chance de este profissional trabalhar com a criança de forma prazerosa.”

Entendemos que o(a) professor(a) também precisa ser capaz de moldar sua prática, que precisa aceitar a mudança, reconhecer, saber os prós e contras de sua atuação. Por isso, deve buscar aprimorar sua prática docente para poder intervir e atuar da melhor forma possível, com o bem-estar dos(das) alunos(as) e com o que eles podem aprender. Embora os teóricos tenham visões divergentes sobre os conceitos de jogos, lúdico e brincadeira, os(as) professores(as) precisam entender seus usos e estar atentos ao relacioná-los a aprendizagem do(da) aluno(a) e ao aplicar as atividades lúdicas necessita de uma ação bem articulada com a proposta da atividade.

Finalizando essa discussão, ratifico que a atividade lúdica, principalmente com o texto literário, colabora efetivamente com os anseios do processo educativo e com a ação pedagógica do(a) professor(a) de Língua Portuguesa e Literatura, pois vislumbra despertar o interesse dos(as) estudantes pela escola e por suas próprias habilidades, uma vez que estas podem estar adormecidas e precisam de incentivo para uma melhor e efetiva imersão desses jovens no espaço educacional.

Portanto, é importante trabalhar e ter o lúdico como ferramenta no planejamento pedagógico docente para estabelecer uma melhor imersão nos textos literários, pois isso chama a atenção das crianças, principalmente dos adolescentes, uma vez que estão em transição e não gostam de aulas monótonas. Diante não só a isso, mas todos os aspectos trazidos nesse texto, é fulcral trabalhar com os textos literários como uma forma de força lúdica, pois este lúdico promove o desenvolvimento de toda a sua personalidade, bem como de todas as funções mentais,

intelectuais e morais do seu ser. Com efeito, a ludicidade não afeta apenas crianças e adolescentes, mas também traz muitos benefícios para adultos que gostam de aprender enquanto se divertem. Além de inspirar autoconfiança, curiosidade e autonomia, atividades lúdicas promovem o desenvolvimento do pensamento, foco, atenção e linguagem.

1.2 As travessuras⁷ do letramento literário

Divertir os outros, um dos modos
mais emocionantes de existir.

Clarice Lispector

Ensinar utilizando meios para entreter os(as) alunos(as) é uma das formas mais divertidas e empolgantes de exercer a docência. Assim, os docentes ao tornarem as travessuras do letramento literário numa atividade lúdica e dinâmica permitem que os(as) alunos(as) viajem na imaginação e vivenciem, por meio dos textos literários, momentos prazerosos, e construam textos de acordo com sua criatividade e habilidade, capacitando os(as) alunos(as) a compreender bem, e facilitar o processo de criação dos mais diversos textos literários. Nesse caso, é possível inserir gêneros e obras artísticas de diferentes épocas e culturas, em relação a outras linguagens literárias e artísticas, e observar sua diversidade em um contexto histórico, social e geográfico. Assim, os(as) alunos(as), a depender de sua maturidade leitora, refletirão e valorizarão os momentos importantes em que a literatura se inscreve no tempo e na história.

Portanto, considerando as riquezas literárias: poesia, cordel, música, xilogravuras e outros diferentes estilos, as travessuras do letramento literário atravessam diversas áreas do conhecimento por meio dos mais variados gêneros, realizando assim, uma viagem pelo mundo literário, poético, cultural imagético e tecnológico.

Muito se tem falado e discutido sobre letramento. Segundo Magda Soares (2004) a palavra letramento e seu conceito foram desenvolvidos recentemente no Brasil, uma vez que passou a ser debatido na educação e nas ciências da linguagem há pouco mais de duas décadas. Esse termo surgiu devido à necessidade de configurar e nomear o comportamento e práticas sociais de leitura e escrita além dos domínios alfabeto e sistema ortográfico. A leitura e a escrita

⁷ A escolha desse termo se deve à visão do trabalho dialógico que esta pesquisadora irá empregar. "travessuras" são atos que advêm da exposição a um texto literário. Essa expressão advêm de leituras e engajamento com o orientador, que exige alinhamento com a ideia da proposta.

ganham popularidade e importância porque a vida social e as atividades profissionais estão cada vez mais concentradas e a confiança na linguagem escrita revela meras deficiências de alfabetização – no sentido tradicional (preocupado apenas em ensinar a decifrar códigos, leitura e escrita) – na criança ou no adulto. Tal conceito, soou como novidade para muitos, foi amplamente divulgado na mídia acadêmica e escolar. O que antes era considerado uma mera novidade ganhou espaços para cursos de formação de professores(as) e pesquisas acadêmicas e, portanto, desta forma, o letramento é inseparável da vida social. É essencial que, no processo de ensino, as escolas saibam lidar com os diferentes tipos de literaturas e consigam apresentar e trabalhar com os(as) alunos(as) num caminho literário.

Neste tópico, darei ênfase as travessuras do letramento literário como ações pedagógicas de intervenção que culminem em novos cenários no contexto das aulas que são trabalhados textos literários com dinâmicas de forma lúdica, primando por desenvolver leitores(as) críticos(as) capazes de compreender partes do mundo literário ao seu redor. Portanto, não é suficiente ler apenas fragmentos de texto, resumos de obras literárias, mas, é necessário inserir os(as) alunos(as) em um universo literário. Como tal, este tópico surgiu da leitura sobre o assunto e conscientização da importância do letramento literário para a formação dos(as) alunos(as).

Para que não haja confusão entre o processo de alfabetização e de letramento, Soares (2003, p.90) os distingue, principalmente, porque o termo letramento não encerra a especificidade do processo de alfabetização:

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento.

É importante notar que, “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural” (Soares, 2004, p.48). O letramento não é apenas pessoal, mas sobretudo uma prática social. Segundo Soares (2004, p.72) “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”. Diante disso, podemos afirmar que as travessuras do letramento literário estão tanto na leitura quanto na escrita, uma vez que dependem das habilidades, dos talentos e das aptidões de cada estudante.

Por isso, preocupa-me perceber que a forma como a literatura é ensinada nas escolas e, sobretudo, a forma como os(as) alunos(as) recebem os textos e quando são convidados a ler, apresentam um comportamento passivo, indiferente e por vezes receoso. Diante desse viés comportamental, foi alimentado meu desejo de focar na leitura de textos literários, o tipo de trabalho em que eu pudesse desenvolver, com esses(essas) alunos(as), um estilo mais crítico e lúdico, que chamamos de “travessuras”⁸, pois, estas provocam uma aproximação com a literatura, que por sua vez induz uma aproximação do(a) leitor(a) com o texto literário.

A arte é muito importante na Escola Municipal João Paulo Fragoso. Digo isto, a partir da minha experiência nessa escola na qual pesquisei, já que atuei como docente e gestora. Quando passamos a trabalhar com produções artísticas e literárias, percebi que o diálogo entre docentes e discentes se tornou mais efetivo. Segundo Todorov (2009) “A arte interpreta o mundo e dá forma ao informe, de modo que, ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e dos seres que nos cercam.” (Todorov, 2009, p, 65). A partir do trabalho com letras de músicas, dramatizações de pequenas estórias, poesias, cordéis, dentre outras, nos possibilitou o desenvolvimento de uma proposta mais efetiva com a literatura, tivemos o privilégio de fazer projetos com essa temática e leituras críticas de textos literários, apoiar o diálogo entre as partes interessadas, primamos por buscar posição formadora a fim de transformar a realidade dos envolvidos.

Reconhecidamente, a literatura não seguiu um caminho fascinante nas salas de aula de Língua Portuguesa, quando surge, é mais associado à sugestão do livro didático, por sua vez, isso tem pouco efeito na percepção dos(as) alunos(as) sobre o texto como uma arte da palavra que pode provocar sensibilidade, prazer, fecundidade, criticidade e percepção de outros mundos. É válido pontuar que tal aspecto também ocorre em outras disciplinas, a exemplo da disciplina Língua Inglesa, pois o(a) professor(a) para trabalhar com texto literário em inglês, fazia-se necessário levar textos impressos. Percebemos que muitos livros didáticos subutilizam os textos literários porque geralmente o usam de forma superficial para abordar aspectos da linguagem e da gramática, além de uma breve interpretação sem explorar de maneira mais aprofundada a potência da palavra.

Nas aulas de língua portuguesa, pouquíssimos trabalhos são voltados para os textos literários, deixando assim, lacunas para a formação dos(as) alunos(as), já que a obra literária, conforme Cosson, (2014, p.16) “é o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é

⁸ Travessura quer dizer comportamento infantil travesso, traquinada, traquinice, atitude risonha e travessa. Palavras relacionadas: brincadeira, travessura, brincadeira, impertinente, artístico, engenhoso. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/travessuras>. Acesso em 22 de abril de 2024.

a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a construção de um sujeito da escrita”. Devemos, todos(as) nós professores(as), ter o dever de formar gente, nós também estamos acostumados a aprender a ler para poder lidar com o trabalho todos os dias e com os variados tipos de textos, principalmente, a ficção.

Segundo Paulino e Cosson (2009), o letramento literário é importante para o desenvolvimento cultural do ser humano, pois possibilita que os leitores se tornem cidadãos competentes e críticos, capazes de explorar com inteligência diversos campos, especialmente a literatura. Dessa forma, por meio de textos literários os(as) alunos(as) podem ser motivados(as) a buscar a leitura, principalmente a leitura literária, pois se acredita que seria mais significativa para os(as) alunos(as).

É indubitável que o letramento literário é essencial para a construção de uma educação pautada na criticidade e formadoras de opinião. É por meio, sobretudo, da literatura que o(a) cidadão(ã) cria possibilidades de aperfeiçoamento de seu coração e de sua mente, pois uma das funções da literatura é ensinar a todos a viver e a se tornar melhores, a moldar e transformar a vida do sujeito.

Dessa forma, nós educadores(as) devemos refletir sobre a nossa práxis pedagógica, sobre nossas leituras, principalmente, no que tange a literatura e toda fundamentação teórica, adquirida durante nossa trajetória educacional com o propósito de darmos condições diferenciadas e inovadoras, promovendo a melhoria da qualidade do ensino das escolas. Por conseguinte, é fundamental proporcionar aos estudantes a possibilidade de trabalharem os textos literários, seus valores, assim como descobrirem as travessuras do letramento literário.

2 A LITERATURA LATENTE NA ESCOLA

Literatura é a arte de criar ou escrever obras de arte em prosa ou verso. Esta definição enfatiza a natureza artística da literatura e ressalta que a mesma envolve a criação de obras que seguem princípios estéticos com estruturas formais e linguagens que se diferenciam de acordo com contextos históricos de cada época, pautados em aspectos políticos, geográficos e culturais. Desse modo, conforme Todorov (2009, p.22), a literatura

não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes. Senti-me atraído por essas formas diversas de expressão, não em detrimento da literatura, mas ao lado dela.

Todorov pontua que a literatura tem mudado ao longo da história pautada nas transformações do comportamento humano, suas buscas, perspectivas de vida, medos, identidades, culturas e realidades geopolíticas. Isto significa que a literatura não é uma entidade fixa, mas fluida e em constante transformação.

O autor ressalta que ao longo da história suas fronteiras têm sido fluidas, revelando diferentes estilos, estruturas e linguagens de acordo com as mudanças sociais, culturais e políticas. Isto demonstra que as definições e compreensões da literatura estão sujeitas a diferentes interpretações em diferentes momentos e contextos históricos.

Segundo o Dicionário *online* Michaelis, a palavra “latente⁹” é um adjetivo que se refere a algo que está presente, mas ainda não se manifestou ou não é facilmente perceptível. Pode-se referir a algo que está oculto, subentendido ou que existe em potencial, mas não está ativamente evidente ou em desenvolvimento no momento. Por exemplo, uma habilidade latente pode referir-se a uma habilidade que alguém possui, mas ainda não foi totalmente desenvolvida ou demonstrada. Nesse contexto, a frase “literatura latente na escola propõe uma reflexão acerca de uma literatura que está presente na escola, mas ainda percebida e trabalhada de forma secundária ou quase ausente no cotidiano da escola.

⁹ Adj. 1 Que não se vê ou que está oculto; encoberto não foi expresso claramente, mas que se pode inferir; subentendido. 3 Diz-se da atividade ou caráter que, em certo momento, não se manifesta, mas que é capaz de se revelar ou desenvolver quando as circunstâncias são favoráveis ou se atinge o momento próprio para isso. In MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: Editora Melhoramentos Ltda.2024.

Nessa perspectiva, a expressão “A literatura latente na escola” sugere a existência de um potencial não explorado ou oculto da literatura dentro do ambiente escolar. Isso pode se referir a várias possibilidades: a subestimação do ensino de literatura que muitas vezes, nas escolas, pode ser limitado ou superficial, com foco apenas nos aspectos básicos ou obrigatórios dos textos. Isso pode resultar na subestimação do potencial da literatura para inspirar, educar e transformar os(as) alunos(as).

De acordo com Todorov (2009), a forma como a literatura é apresentada aos jovens, desde a escola primária até à universidade, é uma estranha inversão, pois, os(as) alunos(as) relacionam-se superficialmente, em geral, com a literatura como uma obrigatoriedade curricular sem uma experiência imersiva nas obras literárias. Para esse(a) jovem, a literatura tornou-se mais uma disciplina escolar que ele(a) estuda para alcançar uma aprovação, não a percebendo como uma Arte capaz de lhe fazer refletir sobre as condições do ser humano no mundo; suas paixões, desejos, sonhos, valores, costumes, culturas, histórias etc.

A literatura é vasta e diversificada, abrangendo uma variedade de gêneros, estilos e autores(as). No entanto, o currículo escolar muitas vezes privilegia determinados gêneros ou autores(as) em detrimento de outros(as), deixando de explorar a riqueza e a pluralidade da produção literária.

Às vezes a literatura é trabalhada com a falta de conexão com a vida dos (das) alunos(as). Assim, os textos literários podem parecer distantes ou irrelevantes para os(as)alunos(as) se não houver uma conexão significativa com suas próprias experiências e realidades. Segundo Todorov (2009), a literatura expande o nosso universo, encorajando-nos a imaginar outras formas de concebê-lo e organizá-lo (...) abre a possibilidade de interações infinitas com os outros e, portanto, enriquece-nos infinitamente. Proporciona-nos sentimentos insubstituíveis que tornam o mundo real mais significativo e bonito. Longe de ser uma simples diversão, a literatura faz com que cada sujeito responda melhor à sua vocação e/ou missão como ser humano. (Todorov, 2009. P,24).

Assim, conforme Todorov (2009), o conhecimento literário não é um fim em si mesmo, mas um dos caminhos reais para a realização pessoal de cada sujeito. Portanto, pensar criticamente o ensino da literatura é explorar e valorizar o seu potencial como uma linguagem artística poderosa capaz de despertar a imaginação, estimular a reflexão crítica e enriquecer o processo formativo dos (as) alunos(as). Isso pode ser alcançado por meio de uma abordagem mais inclusiva, diversificada e contextualizada do ensino de literatura com os saberes e experiências dos(as) alunos(as).

2.1 Literatura Local, identidades e representações

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de pau a pique e telhados de sapé construídas na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos.

O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome, e para mencioná-las era preciso apontar com o dedo. (Marquez, 2020, p.07)

Essa citação foi extraída do início do romance *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Marquez. A mesma nos mostra o poder da narrativa literária, com sua atmosfera mágica e onírica do livro, transportando o(a) leitor(a) para a pequena aldeia de Macondo e seus arredores. Esse é o primeiro parágrafo da obra e sugere que a narrativa será uma reminiscência das memórias do coronel Aureliano Buendía, membro proeminente da família Buendía e uma figura central na história de Macondo.

É válido pontuar que a epígrafe revela a novidade e a virgindade do mundo de Macondo, sugerindo um ambiente onde a linguagem e a compreensão ainda estão em desenvolvimento, onde a realidade é tão fresca que não possui nomes definidos para muitas coisas. No geral, essa citação estabelece o tom e o cenário para o romance, introduzindo os temas de memória, ancestralidade, isolamento e o inexplicável que são fundamentais para o curso da narrativa. Ainda neste trecho inicial, podemos identificar elementos relacionados à literatura local, identidade e representação.

No que tange a literatura local, percebemos a descrição detalhada da aldeia de Macondo e de sua paisagem, bem como a referência ao gelo, que é uma experiência incomum para os habitantes locais, refletindo a riqueza da literatura local. Marquez (2020) cria um mundo único e fictício que ecoa a realidade e os mitos das comunidades latino-americanas, incluindo elementos como a construção das casas, a natureza do rio e a experiência com o gelo, que podem ser associados à cultura local.

Em relação à identidade, o cenário e a descrição da aldeia de Macondo ajudam a estabelecer os traços identitários e únicos desse lugar fictício. A aldeia é descrita como recente, com muitas coisas ainda sem nome, sugerindo uma comunidade em formação, em busca de sua própria identidade e linguagem. Isso reflete a jornada de autodescoberta e formação da identidade das personagens ao longo do romance.

Ao pensarmos acerca da representação na literatura local, é crucial para compreender como as identidades culturais são construídas e transformadas ao longo do tempo. Ao forjarem narrativas oriundas de contextos socioculturais específicos, os(as) autores(as) não só refletem as realidades sociais das suas comunidades, mas também colaboram na construção e reinvenção das identidades. Nesse contexto, a representação tem a ver com a própria linguagem literária, uma vez que a mesma é uma prática social que envolve signos, imagens e, portanto, produz diversos sentidos. Por certo; a literatura local apropria-se de uma dada realidade como matéria primordial para colocar em evidência a cultura, os valores, as tradições, as memórias e as geografias de um país, cidade, região revelando a complexidade e a diversidade da experiência humana.

Logo, a forma como Marquez (2020) descreve Macondo e seus habitantes oferece uma representação rica e multifacetada da cultura e da vida na América Latina. Ele combina elementos realistas e fantásticos para criar uma narrativa que é ao mesmo tempo familiar e estranha, desafiando as expectativas do(a) leitor(a) e retratando uma visão única da região e de suas comunidades.

Portanto, já no trecho inicial do romance, encontramos elementos que são fundamentais para a literatura local, a construção da identidade e a representação da vida e da cultura na América Latina. Esses temas são explorados e desenvolvidos ao longo de toda obra. Aqui, importa ressaltar que através da leitura literária imergimos e conhecemos nossa cultura, conectando a ficção à realidade sem perceber que estamos lendo tudo o que nossos olhos podem ver “[...] Enquanto lemos e compreendemos tudo está certo, e não percebemos que, além de estarmos lendo, estamos controlando o que vamos compreendendo” (SOLÉ, 1998, p. 41).

Assim sendo, o(a) leitor(a), imerso(a) nas teias verbais do texto e embalado(a) pelo fluxo da experiência leitora, interliga-se de maneira sensível e inteligente consigo mesmo(a) e com o mundo. Nessa perspectiva, Yunes (1995, p.185) afirma que:

o ato de ler é um ato da sensibilidade e da inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catarticamente e ampliamos a condição humana. Esta sensação de plenitude, iluminante, ainda que dolorosa e aguda tem sido a constante que o discurso artístico proporciona. Diante de um quadro, de uma música, de um texto, o mundo inteiro, que não cabe no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca a totalidade, como se, pela parte

que tocamos, pudéssemos entrever o não-visto e adivinhar o que, de fato, não experimentamos.¹⁰ (Yunes, 1995, p.185).

Ler traz-nos prazer e sentimento porque desperta sensibilidade e proporciona a construção de saberes. O ato de ler permite-nos também nos comunicarmos com diferentes formas de estar no mundo. Ao ler, ampliamos nossa presença neste mundo porque a leitura pode permitir que os(as) leitores(as) alcancem áreas de conhecimento e experiências que não vivenciaram antes. Ler é descobrir, mudar horizontes, interagir com a realidade. É saber interpretá-la, compreendê-la e decidir sobre ela. A leitura, desde o início, deve contar com o(a) leitor(a), com a sua inteligência e sensibilidade, com a sua observação do contexto, com a sua percepção do que o rodeia. A alegria de ler também é uma espécie de descoberta. (Yunes, 1995).

É indubitável que a leitura, de ficção literária é uma necessidade na vida das pessoas, porque imersos(as) nela somos tomados por sensações, sentimentos e pensamentos, para Cosson (2022, p.17):

a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência, ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto leitor e do escritor.

Portanto, observamos a necessidade de as escolas ampliarem e redefinirem suas práticas de leitura com vistas a minimizarem as ações pedagógicas e serem mais eficientes na produção de sentido e na formação desses leitores(as), bem como promover discussões dando destaque às temáticas como: cultura popular, literatura local, identidades e representações.

A interseção entre literatura local, identidades e representações é um campo vasto e complexo de estudo que abrange várias disciplinas, incluindo literatura, estudos culturais, dentre outras. A literatura muitas vezes reflete e articula as identidades locais de uma comunidade, região ou cultura. Autores(as) frequentemente incorporam elementos da sua identidade cultural e local em suas obras, seja através da linguagem, valores, costumes, natureza, geografia, traços psicológicos etc.

Certamente, ao abordarmos a importância da literatura local e sua inclusão nas escolas, não queremos diminuir o valor dos cânones da literatura nacional. Estes fazem parte das bibliotecas das instituições de ensino, dos livros didáticos, bem como das aulas de Língua Portuguesa, principalmente, da disciplina Português. Mas é importante também, dar ênfase a literatura local

¹⁰PELO AVESSE: A Leitura e o Leitor. Nas Trapaças do leitor. Disponível em: file:///C:/Users/Home/Downloads/19078-67527-1-PB.pdf. Acesso em: 17 de abril de 2024.

da cidade e/ou da região que os(as) aluno(as) estão inseridos(as), promovendo, assim, o contato dos(as) alunos(as) com livros escritos por autores(as) da sua cidade e/ou região. É sabido que a literatura, assim como outras formas de arte, pode provocar conexões importantes com a realidade. De acordo com Fernandes (2009, p.19), “[...] a obra literária é uma manifestação de arte que atua sobre o indivíduo; compreendemos que a literatura possibilita o contato dele com o universo que o cerca e que sua força reside na capacidade de formação do homem.”

A literatura está intrinsecamente ligada à formação crítica do ser humano, destacando uma gama de experiências que podem impactar diretamente no desenvolvimento cognitivo do sujeito a partir das suas mais diversas experiências estéticas oriundas da leitura literária. Segundo Fernandes (2009), os textos literários permitem que as gerações se encontrem porque é a partir dos mesmos que a geração atual tem a oportunidade de conhecer as gerações anteriores compreendendo sua história e cultura.

É indubitável que, no contexto brasileiro, há uma rica tradição de escritores que exploram o tema da literatura local, identidade e representação. Citarei alguns escritores(as) com suas obras, pois além de já ter os lido, são ótimas para os professores(as) trabalharem em sala de aula. Vejamos: *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna; *A Triste Partida de Patativa*, de Patativa do Assaré; *Sertão*, de Marlene Araújo e *O Palhaço*, de Carlos Neves, para nos restringirmos a algumas em meio a um vasto acervo de obras da literatura nacional.

Clarice Lispector é uma das mais importantes e influentes autoras brasileiras do século XX. Sua escrita é caracterizada por uma profunda exploração da subjetividade humana, da identidade feminina e das complexidades da vida cotidiana. Suas obras muitas vezes desafiam as convenções literárias e exploram temas existenciais de uma maneira única e provocativa. *A Hora da Estrela* é um dos romances mais famosos da autora. Nessa obra, ela conta a história de Macabéa, uma jovem nordestina simples e solitária que vem para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor.

O livro discute questões de identidade, marginalização social e solidão. Tais questões diretamente associadas à personagem Macabéa. Trata-se de uma migrante nordestina notada pelo narrador em uma feira da comunidade de São Cristóvão, bairro do Rio de Janeiro. Ela é um dos milhões de nordestinos que deixaram o sertão em busca de um lar e melhoria de vida na cidade grande. Macabéa pode ser notada como uma pessoa não pertencente à atmosfera frenética da cidade. A personagem não domina a leitura e a escrita, como sinaliza a autora:

Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra (...) Embora, ao que parece, não a provasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar”. (Lispector, 1998, p. 15).

Nesse trecho, podemos notar que a nordestina tinha pouca habilidade com a escrita e a leitura. Realidade que lhe restringia o convívio e a comunicação social em meio à cidade movimentada. Sabemos que a capacidade de manipular a linguagem verbal é fundamental para a construção da identidade do sujeito e para sua melhor imersão e convívio na sociedade. Conforme Stuart Hall (2014, p.11):

(...) a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Agora, sem linguagem, é impossível construir uma representação da realidade, por isso Macabéa vive sozinha numa cidade grande, tal como na sua cidade natal. Ela foi trancada pela tia beata: não brincava, não ia à escola, bem como não interagia com outras crianças, não formava uma identidade cultural própria. Dessa forma, ela deixa de desenvolver a sua própria identidade e viver de acordo com os seus impulsos naturais.

Neste contexto, percebe-se, então, que a falta de interação com o mundo exterior e a falta de uma rica experiência cultural limitam a capacidade da personagem de manipular o “código da linguagem”, ou seja, a capacidade de participar ativamente na construção de significado e autoexpressão. Isto resulta numa existência mais passiva e controlada por forças externas do que numa vida vivida de acordo com os próprios impulsos e desejos. Nota-se tais aspectos quando o narrador descreve a situação vivida por Macabea. Vejamos: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam”. (Lispector, 1998, p.14).

Essa passagem expõe a situação de muitas mulheres nordestinas (ou talvez mulheres em geral) que vivem em condições precárias e trabalham arduamente em ambientes diversos, por exemplo, apartamentos, supermercados ou atrás dos balcões de lojas. A narradora pontua que muitas dessas mulheres podem não perceber a sua importância ou valor porque são

facilmente substituídas nos ambientes em que vivem e trabalham. Essa falta de reconhecimento e valorização do ser mulher e de sua individualidade pode ser vista como uma forma de alienação ou opressão, onde as mulheres são tratadas como uma parte substituível de um sistema que não as reconhece como um ser único e capaz de contribuir para a transformação do mundo.

Trabalhar a literatura local, identidade e representação em *A Hora da Estrela*, pode ser uma abordagem rica e multifacetada¹¹ para os(as) professores(as). Antes de começar a leitura do livro, eles(as) podem fornecer informações sobre o contexto histórico e geográfico em que a história se passa. Discutir acerca de alguns aspectos da vida no Nordeste período em que a obra foi escrita, bem como aspectos socioculturais relevantes para a compreensão da vida de Macabéa. Ainda durante a leitura, os(as) alunos(as) podem ser incentivados a analisar como a identidade da protagonista é construída e representada ao longo do livro. Isso inclui considerar sua condição de migrante nordestina no Rio de Janeiro, sua solidão e alienação, bem como sua busca por significado e conexão em meio a uma sociedade que a violenta dia a dia.

O romance oferece uma oportunidade para os(as) alunos(as) explorarem e apreciarem a riqueza da cultura nordestina. Os(as) professores(as) podem organizar atividades que envolvam pesquisa sobre costumes, tradições, culinária e música típica do Nordeste, contextualizando esses elementos dentro da história do livro. Os(as) estudantes também podem ser incentivados a comparar e contrastar as realidades regionais apresentadas no livro, destacando as diferenças entre a vida no Nordeste e no Rio de Janeiro. Isso pode levar a discussões sobre migração, desigualdade social e as diferentes perspectivas culturais dentro do Brasil.

A Hora da Estrela é conhecida por sua linguagem poética e estilo narrativo único. Os(as) alunos(as) podem analisar o uso da linguagem por Lispector para expressar as experiências internas de Macabéa e refletir sobre como isso contribui para a representação de sua identidade e de seu mundo interior. Os(as) alunos(as) podem ser convidados a criar projetos criativos inspirados no livro, como ensaios, cartazes, obras de arte ou apresentações que explorem temas como identidade, representação e cultura local.

Enfim, ao abordar esses aspectos, os(as) professores(as) podem ajudar os(as) alunos(as) a desenvolver uma compreensão mais profunda não apenas da história e dos

¹¹ É o feminino de multifacetado. Que é formado por múltiplas faces; que possui muitos lados; multiface. In Disponível em: <https://www.dicio.com.br/multifacetada/>. Acesso 22 de maio de 2024.

personagens, mas também das questões sociais, culturais e identitárias que permeiam a narrativa e que continuam a ser relevantes na sociedade contemporânea. Segundo Hall (2014), um dos temas recorrentes na teoria social é a questão da identidade. Para ele, o que antes era considerado uma identidade constante e duradoura, fatores estes que sustentavam a sociedade, estão desaparecendo. Este declínio deu então origem ao que é conhecido como “crise de identidade”. No entanto, devemos encarar esta mudança de paradigma como uma questão mais ampla, com implicações importantes para o mundo moderno. Para Giddens (1991) modernidade:

refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa suas características principais guardadas em segurança numa caixa preta. (Giddens, 1991, p. 08)

[...] o termo “modernidade” num sentido muito geral para referir-me às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto. A “modernidade” pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Ele se refere às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. (Giddens, 2002, p. 21)

Para melhor compreender a definição do conceito de identidade, Hall distinguiu três concepções, a saber:

Sujeito do Iluminismo: Durante este período, a humanidade atinge o status de um ser centralizado e unificado, dotado de razão, consciência e ação. Ele recebe um núcleo que o acompanha desde o nascimento e acompanha o desenvolvimento do sujeito. De acordo com esta visão, o ser permanece inalterado durante toda a sua existência.

Sujeito sociológico: Este sujeito reflete o mundo moderno e as suas complexidades. Segundo esta definição, a identidade é construída através das relações do sujeito com outras pessoas próximas. Através dessas relações, suas ideias, valores e símbolos são mediados. Aqui observamos uma relação entre as esferas pessoal e pública, à medida que nos projetamos nas relações sociais.

O Sujeito pós-moderno: período em que não se reconhece uma identidade única e imutável, a identidade aqui é vista como uma “celebração fluida” que vai tomando forma constantemente à medida que interagimos com os sistemas culturais aos quais pertencemos e

nos transformamos. A palavra “contraditório” é aceita como forma de definir o sujeito, pois muitas vezes nossas identidades são deslocadas. De acordo com esta última definição, podemos acreditar que a ideia de uma identidade completa, permanente e fixa é um conceito utópico, uma meta inatingível. Notamos que o mais coerente, a fazer neste contexto, não é discutir sobre identidade, mas discutir sobre identidades.

Diante disso, compreender como o sujeito se constitui e, portanto, sua identidade, fruto dessa modernidade é um dos aspectos em discussão porque é através desses que podemos observar a construção de alguns personagens, sendo Macabéa um deles. Para Giddens (2002, p.13), a modernidade é uma cultura de risco já que a mesma:

não se deve esquecer, produz diferença, exclusão e marginalização. Afastando a possibilidade da emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão, e não de realização, do eu.

É fundamental pontuar que, quando nos situamos nesses diferentes contextos sociais, nossas identidades tornam-se fragmentadas porque o nosso posicionamento é determinado pela esfera social em que nos encontramos. De acordo com Hall (2006, p.12): “O sujeito, previamente vivido tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas”. Nessa esteira, Giddens (2002, p.157 -158) afirma:

Na sociedade moderna, o eu é frágil, quebradiço, fraturado, fragmentado — uma tal concepção é provavelmente a visão predominante nas discussões sobre o eu e a modernidade. Algumas dessas análises estão teoricamente ligadas ao pós-estruturalismo — assim como o mundo social, o eu também torna-se contextualizado e disperso. De fato, para autores escrevendo numa linha pós-estruturalista, o eu efetivamente deixa de existir — o único sujeito é um sujeito descentrado, que encontra sua identidade nos fragmentos da linguagem ou discurso.

Nessa perspectiva, Zygmunt Bauman (2005) afirma que a identidade é negociável e revogável, ou seja, que a mesma é constituída e modificada de acordo com as decisões do próprio sujeito, o caminho que ele percorre e a forma como se comporta. De acordo com Bauman (2005, p.35):

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem o apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente,

“nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa é cada vez mais malvisto.

Desse modo, o autor traz o impasse criado por esse conflito de identidade. Ao mesmo tempo que a sociedade “exige” uma definição de identidade (tendência muito evidente no discurso publicitário), incentiva a transformação constante, o que pode levar o sujeito a profundos conflitos interiores.

Na sociedade líquido-moderna em que vivemos, caracterizada pela fluidez e pela falta de estruturas sólidas, ser “fixo” ou “identificado” de forma inflexível e sem alternativa é cada vez mais desaprovado. Por certo, estabelece-se, então, o dilema enfrentado pelos indivíduos na busca por identidade em um mundo caracterizado pela incerteza e pela falta de estrutura. Assim, tanto a ausência de identidade clara quanto uma identidade rígida e fixa podem ser fontes de ansiedade e insatisfação em uma sociedade que valoriza a flexibilidade e a liberdade individual.

Em *A Hora da Estrela*, por exemplo, Macabea tenta criar uma projeção da pessoa que deseja ser, utilizando as identidades valorizadas pela mídia e pela publicidade como referência. Com efeito, questões como deslocamento e o sentimento de não pertencimento são importantes para compreender a personagem, pois, ela é profundamente influenciada pelo discurso publicitário, condicionando-a a um processo de construção identitária. Porém, o que notamos na vida de Macabea é um permanente estado de deslocamento oriundo de uma busca conflitante por si mesma.

Macabea pode ser vista como um ser que se sente deslocado ou alienado em sua própria realidade social, cultural ou econômica. O “sentimento de não pertencimento” se relaciona com a falta de conexão emocional ou identificação com o ambiente ao seu redor.

Dentro de cada indivíduo existem identidades conflitantes que empurram umas às outras em direções diferentes, resultando em um deslocamento constante da identidade pessoal. Esta perspectiva desafia as noções tradicionais de identidade como fixa e estável, enfatizando em vez disso a sua fluidez e mutabilidade. Hall acredita que o sujeito pós-moderno é caracterizado por uma diversidade e fluidez de identidades que refletem a complexidade da experiência humana contemporânea.

Nesse contexto, trazemos para conversa uma breve reflexão sobre *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa. A sua linguagem única, repleta de neologismos, regionalismos e experimentações linguísticas, colocou-o à frente do seu tempo e rompeu com convenções literárias estabelecidas. Além disso, a narrativa densa-e não linear, combinada com a complexidade dos personagens e temas, faz com que o livro pareça transcender definições fixas e possa ser interpretado de diferentes maneiras. Com uma linguagem inovadora, o romance é plural, local, nacional, sertanejo, regional e universal, pois, com suas múltiplas veredas “o sertão é sem lugar” (Rosa, 1994, p.500).

Certamente, podemos visualizar em *Grande Sertão: Veredas* as categorias aqui estudadas literaturas local, identidade e representação. O sertão é um bom exemplo do espaço externo e interno do narrador. Tem uma importância ímpar na obra, pois é a partir dele que Guimarães Rosa revela a subjetividade de sua região. Portanto, como metáfora de todo o espaço representado na obra, o sertão é difícil de definir. Assim, o personagem Riobaldo, desde o início de sua narrativa apresenta ou representa o sertão. Observemos:

Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e de Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado de arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossuras, até ainda virgens dessas lá há. Os gerais correm em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte. (Rosa, 1994, p. 03-04)

No romance, Guimarães Rosa expõe o local, aspectos da identidade e da representação ligadas diretamente ao universo sertanejo: fauna, flora, geografia, costumes, oralidade, cultura etc. Através da narração de Riobaldo, o livro explora esses temas de múltiplas maneiras. O jagunço protagonista é um exemplo vivo da complexidade da identidade no sertão. Ele era um pistoleiro, um líder de homens armados, mas também um ser humano introspectivo e filosófico, refletindo sobre sua própria moralidade e espiritualidade. Sua identidade é fluida e multifacetada, moldada por suas origens, suas experiências e seus conflitos internos.

A linguagem é uma ferramenta importante para a construção da representação nos livros. Guimarães Rosa expressa as vozes de seus personagens imersos num sertão profundo. No geral, *Grande Sertão: Veredas* é uma obra que aborda questões de lugar, identidade e representação de maneiras profundas e complexas, oferecendo uma visão rica e multifacetada do interior brasileiro e da vida de seus habitantes. O sertão é retratado como mais do que um simples cenário geográfico; é um espaço vivo e dinâmico que molda profundamente as identidades e a vida dos seus moradores.

Por fim, trabalhar com esse livro em sala de aula pode proporcionar ricas oportunidades para explorar uma variedade de temas, gêneros literários, realidades socioculturais e geográficas. Antes de iniciar a leitura, é válido fornecer aos(as) alunos(as) informações sobre o contexto histórico e cultural em que a obra foi escrita. Isso pode incluir discussões sobre o interior do Brasil, questões sociais e políticas da época e a importância de Guimarães Rosa na literatura brasileira.

Grande Sertão: Veredas é conhecido por sua linguagem inovadora e estilisticamente complexa. Os(as) alunos(as) podem ser solicitados a analisar o uso que o autor faz de neologismos, palavras regionais e outras técnicas linguísticas. Eles podem discutir como esses elementos criam a atmosfera e o significado da obra. O livro traz também uma variedade de personagens complexos e temas profundos, como honra, violência, amor e identidade.

Ainda na esteira das reflexões acerca da literatura local, identidade e representação, falaremos de maneira sucinta de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. O livro retrata a vida de uma família de retirantes em uma região nordestina, incluindo as experiências de mulheres que muitas vezes são tratadas como meras ferramentas de trabalho ou objetos de desejo masculino. A falta de reconhecimento de sua importância e valor como indivíduos únicos e a consequente alienação são temas recorrentes ao longo da obra, revelando as injustiças e desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira.

Embora não se restrinja a uma cidade específica, o livro aborda as condições de vida dos(as) moradores(as) do sertão nordestino, principalmente em épocas de seca. A obra é uma representação muito vívida e realista das lutas diárias que uma família de imigrantes enfrenta para sobreviver numa área remota assolada pela seca. Os protagonistas Fabiano, Sinhá Victoria, seus dois filhos e sua cadela Baleia enfrentam adversidades como fome, sede, trabalho duro e opressão social.

Graciliano Ramos utiliza uma linguagem ricamente descritiva para falar de um ambiente árido e implacável, enfatizando a complexidade das relações humanas e sociais diante da

adversidade. Notemos como Graciliano descreve a caatinga e as pessoas que ali vivem. (1993, p.09):

NA PLANÍCIE avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

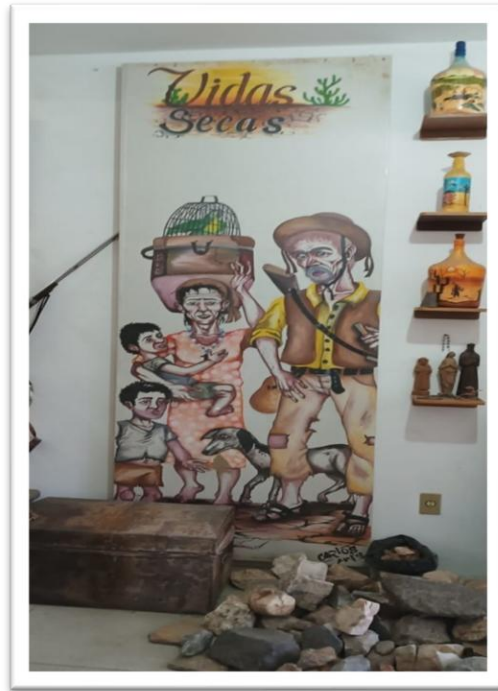
Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

Para Candido (2007, p.53) “quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem”. *Vidas Secas* convida-nos outrossim a conhecer as mazelas sociais vividas nos sertões. Nas páginas dessa obra é possível conhecer as suas personagens e as suas identidades mutiladas, e a instauração e expressão da consciência crítica. Esta consciência revela e denuncia os mecanismos ocultos de dominação e marginalização na sociedade que desumanizam, esmagam a dignidade e empurram gradualmente os seres humanos para as margens da sociedade.

Especialmente Fabiano e Sinhá Victoria, que enfrentam desafios complexos relacionados à sua identidade e status social. Por exemplo, Fabiano é retratado como um homem simples, mas cheio de ambição e desejo. Ele lutou para sustentar a sua família em condições difíceis, caracterizadas pela seca e pobreza persistentes. Sua identidade é moldada pelas duras condições do sertão, por sua situação de trabalhador rural explorado e por sua luta para manter sua dignidade. Já Sinhá Vitória representa a força das mulheres diante das adversidades. Embora retratada em muitos aspectos como uma mulher resignada, ela demonstrou determinação em proteger sua família e sobreviver às duras condições do sertão. Sua identidade é marcada pela maternidade, pela relação com Fabiano e pelos desafios que enfrenta como mulher em um ambiente opressivo e dominado por homens.

Figura 1: Vidas Secas



Fonte: Museu Maria Neves, Conceição do Coité, 2024

Além disso, questões de identidade são exploradas através da relação dos personagens com o ambiente árido e desolado do sertão nordestino. A seca e a pobreza moldaram as suas identidades e impactaram a visão de mundo de cada um, destacando uma luta contínua para sobreviver e encontrar a sua identidade face à adversidade. Esses são apenas alguns dos aspectos das complexas questões identitárias que Graciliano Ramos explora em *Vidas Secas*.

No romance, Graciliano Ramos propõe diversas representações que refletem as realidades e dilemas enfrentados por personagens do sertão nordestino. Essas representações vão desde relações entre humanos e animais até interações sociais entre os próprios personagens, revelando as nuances da condição humana em um sertão seco e de expressiva pobreza. Nos trechos abaixo, Graciliano Ramos (1993) descreve a natureza de forma representativa:

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos. (...) Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés. (Ramos, 1993, p. 09 -10).

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco. Entristeceu. Considerar-se plantado em

terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. (Ramos, 1993, p.19).

Nos trechos acima, o autor reflete a representação da natureza árida e impiedosa do sertão nordestino, onde a seca e a aridez moldam a vida dos personagens. Em algumas outras passagens, podemos observar também a representação da relação entre humanos e animais:

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha. – Um bicho, Fabiano. Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. (Ramos, 1993, p.18).

E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. (Ramos, 1993, p.34).

Chegou-se a ela em saltos curtos, ofegando, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente. Mas Sinhá Vitória não queria saber de elogios. Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários. (...) Sinhá Vitória andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar. Como achasse tudo em ordem, queixara-se da vida. E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé. (Ramos, 1993, p.39-40).

Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar as catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pos a latir desesperadamente. (Ramos, 1993, p.87).

Nesses fragmentos, Ramos ilustra a relação de domínio e submissão entre o homem e o animal, onde a cachorra Baleia é tratada com crueldade por Sinhá Vitória e por Fabiano refletindo a dureza da vida no sertão.

Encontramos também a representação das relações sociais e de poder. Notemos:

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer enfim, contanto, etc. É conforme. Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (Ramos, 1993, p.27).

Notamos que são retratadas as relações de poder entre Fabiano, um homem simples e vulnerável, e as autoridades locais, destacando a dinâmica de desigualdade social e opressão que existe na sociedade sertaneja. Essas representações são apenas algumas das muitas ao longo do livro, que proporcionam uma visão rica e complexa da vida e das experiências dos personagens no sertão nordestino.

Diante disso, percebemos que *Vidas Secas* é uma obra rica que pode ser explorada de diversas formas em sala de aula, abrangendo aspectos literários, sociais e históricos. Os(as) professores(as) podem trabalhar em sua sala de aula a leitura orientada, dividir o livro em partes e incentivar os(as) alunos(as) a discutirem os temas, personagens e acontecimentos de cada parte.

Desse modo, alunos(as) e professores(as) podem mergulhar na obra de forma crítica, promovendo discussões, por exemplo, Fabiano, Sinhá Victoria e seus filhos, a fim de discutir suas características, motivações e desenvolvimento ao longo da história. Isso ajuda os(as) alunos(as) a compreenderem a complexidade dos personagens e a explorar questões de identidade e representação.

Por fim, os(as) alunos(as) podem ser convidados(as) a escrever uma redação, resenha ou análise crítica sobre o livro, explorando seus temas, personagens e estilo literário. Isso os ajuda a melhorar a escrita e a análise de texto, ao mesmo tempo que lhes dá a oportunidade de expressar suas próprias opiniões e interpretações acerca do romance. Isso pode facilitar os(as) alunos(as) a se envolverem mais profundamente com o texto e a desenvolverem sua criatividade, imaginação e, sobretudo, a competência leitora.

Em *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna capta a língua, os costumes, os valores, as memórias, as paisagens e aspectos socioculturais do Nordeste. Trata-se de um livro que mescla elementos de comédia, tragédia e crítica social com folclore e crenças religiosas populares. A obra já foi adaptada diversas vezes, principalmente para uma minissérie e um filme de 2000 dirigido por Miguel Arraes de Alencar Filho.

A história passa-se no sertão nordestino e acompanha as aventuras de João Grilo e Chicó, dois amigos pobres e malandros que tentam sobreviver às dificuldades e injustiças da vida rural. O enredo tem reviravoltas humorísticas à medida que os personagens se envolvem em situações absurdas e hilárias para enganar algumas autoridades a fim de garantir sua própria sobrevivência.

O *Auto da Compadecida* explora aspectos identitários e ressalta elementos representativos da cultura sertaneja. Essa obra baseia-se marcadamente na literatura de

cordel, gênero tradicional da cultura popular nordestina. Suassuna utiliza elementos das tradições orais e populares para construir sua narrativa incorporando signos da cultura local a exemplo da linguagem regional, pois o uso de dialetos nordestinos proporciona autenticidade e aproxima o leitor(a)/espectador(a) do mundo sertanejo. Como demonstra Suassuna (1978, p.28) com esta frase: “Chicó: Não sei, só sei que foi assim. Saí tangendo os bois e de repente avistei uma cidade. É uma história que eu não gosto nem de contar.”

Esta frase “Não sei, só sei que foi assim!” é icônica e repetida muitas vezes ao longo da obra por Chicó, capturando a forma simples e direta de falar do personagem, mas também refletindo a sua natureza fantasiosa e a forma como aborda as histórias que conta. O autor também retrata a geografia do sertão com suas paisagens áridas e a vida simples da zona rural. Vejamos o que diz João Grilo. (Suassuna, 1978, p.27) “Isso é coisa de seca. Acaba nisso, essa fome: ninguém pode ter menino e haja cavalo no mundo.” O discurso do personagem destaca a dura realidade da seca e a preocupação com as pessoas que vivem no sertão.

João Grilo e Chicó representam figuras arquetípicas do nordeste brasileiro, a exemplo do matuto esperto e o covarde, respectivamente, enquanto outros personagens como o padre e o cangaceiro reforçam estereótipos e papéis sociais de poder.

A seca, a escassez de recursos e a simplicidade do cotidiano são aspectos recorrentes nas interações dos personagens e nas situações que enfrentam. Mesmo sem descrições extensas, as falas refletem o contexto ambiental, social e geográfico do Nordeste brasileiro.

Em relação à construção da identidade dos personagens, *O Auto da Compadecida* reflete a diversidade e a complexidade da sociedade nordestina, a exemplo de João Grilo. Este simboliza a astúcia e a tenacidade dos sertanejos que, de forma inteligente, tentam escapar, da pobreza e da opressão. Já Chicó, que apesar de todos os seus medos e fantasias, representa uma certa ingenuidade e simplicidade do povo do campo, em forte contraste com a inteligência de João Grilo.

A forte presença da religião na vida dos personagens, culminando no drama com a imagem da *Compadecida*, destaca a fé e a devoção como elementos centrais da identidade nordestina e as relações entre personagens de diferentes classes sociais, como a que se dá entre o Major Antônio Moraes e os(as) trabalhadores(as) pobres, expondo a estratificação e as tensões sociais da época, aspectos que também refletem as identidades dos(as) sertanejos(as).

Suassuna (1978) reconstrói, nesta peça, várias representações para criticar e refletir sobre costumes e valores ainda predominantes na sociedade sertaneja. O autor usa o humor e

sátira para fazer crítica social, criando um espaço para abordar questões sérias de maneira leve, mas profunda, como a corrupção dos padres e a hipocrisia dos ricos, expondo, de forma humorística, a injustiça e a desigualdade social.

Nesse contexto, estudar e/ou trabalhar o *Auto da Compadecida* em sala de aula é uma excelente forma de expor aos(as) alunos(as) à literatura brasileira, proporcionando a oportunidade de explorar temas culturais, sociais e históricos de maneira integrada e dinâmica. Através de uma combinação de leitura, análise crítica e atividades criativas, os(as) professores(as) podem ajudar os alunos a apreciar a profundidade e a relevância do trabalho.

Ainda na esteira da Literatura local, iremos nos deter, agora, em *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré, destacando também alguns aspectos da identidade e da representação de homens e mulheres do sertão.

*A Triste Partida*¹² é uma canção icônica da música brasileira, escrita por um dos poetas populares mais respeitados do Brasil. A canção, que ficou famosa por Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, é uma das interpretações mais comoventes da dura realidade enfrentada pelos(as) imigrantes nordestinos desenraizados(as) pela seca e pela pobreza.

A música começa com uma descrição da paisagem seca e árida do sertão, pintando um quadro sombrio/desolador que obrigou a família a partir:

Setembro passou, com outubro e novembro,
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,
Perdeu sua crença
Nas pedra de sá.
Mas nôta esperiência com gosto se agarra,
Pensando na barra
Do alegre Natá!
[...]

Apela p’ra maço, que é o mês preferido
Do Santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé.
[...]

¹² *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/1072884/>. Acesso em 03 de jun. de 2024.

Em riba do carro se junta a fãmia;
Chegou o triste dia,
Já vai viajá.
A sêca terrive, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá.
[...]
(Assaré, 2003, p.51-52)

Na primeira estrofe, notamos os meses de repetição e lamento do “pobre do seco Nordeste”, retratando a luta contínua contra a natureza impiedosa. A literatura local é representada por descrições, da cultura e das condições de vida nordestina. Os versos acima configuram um cenário de seca e fome, realidade recorrente do sertão nordestino.

A segunda parte do poema detalha a saída da família, enfatizando a dor e o desespero. Com efeito, o tema da identidade fica evidente nas descrições das experiências e características dos imigrantes nordestinos. A identidade do Nordeste é moldada pela sua relação com a terra, pela luta contra a seca e a pobreza, como podemos ver nos fragmentos acima.

A Triste Partida é mais do que uma canção; é um testemunho histórico da realidade social do Nordeste brasileiro. A interpretação de Luiz Gonzaga acrescenta profundidade à música, já que ele próprio é nordestino e tem experiência pessoal com dificuldades descritas na música. A obra de Patativa do Assaré dá voz, por meio de sua poesia, a milhares de pessoas que sofreram e continuam sofrendo as adversidades da seca e da pobreza.

A representação da realidade do retirante é mostrada claramente no poema. Patativa do Assaré visibiliza grupos marginalizados, representando suas lutas e sofrimentos:

[...]
Chegaro em São Paulo – sem cobre, quebrado.
O pobre, acanhado,
Procura um patrão.
Só vê cara estranha, da mais feia gente,
Tudo é diferente
Do caro torrão.

[...]
Distante da terra tão sêca tão boa,
Exposto à garoa,
À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vivê como escravo,
Nas terra do Sú.
(Assaré, 2003, p. 54)

Nesses versos, o poeta expõe mais uma vez a jornada dos(as) imigrantes, representando suas dificuldades e a busca por uma vida melhor. Patativa utiliza imagens poéticas do sertão para destacar temas da literatura local, da identidade e da representação. Por meio de descrições vívidas e emotivas, ele capta a essência da vida no Nordeste, dando voz a quem sofre com a seca e a migração.

Segundo Melo (2011, p.79) “O deserto, a aridez é apenas uma das múltiplas facetas do sertão. Certamente aquela que ficou mais marcada no imaginário social. Costuma-se associar o sertão, mais comumente, apenas aos espaços áridos e pobres, sobretudo do Nordeste.” Dessa forma, Patativa conta a saga de uma família expulsa de suas terras pela seca e embarca numa viagem para o sul, chegando em São Paulo, considerada a “Terra Prometida”. Porém, quando chegaram à cidade, tornaram-se escravos do capitalismo, acumulando dívidas que nunca poderiam pagar e perderam a esperança de um dia voltar à sua cidade natal.

No poema, podemos perceber também que o poeta está empenhado em representar pessoas simples e sem nome, porém, não há distância social entre elas e Patativa, pois o poeta divide sua vida em trabalho no campo, interior do Ceará, e a criação poética para além das fronteiras do sertão. Sua poesia é dedicada a questões políticas e sociais, revelando o nível de consciência deste homem do campo que vive em condições muitas vezes consideradas rurais e atrasadas, utilizando sua literatura para denunciar as condições de pobreza no Nordeste.

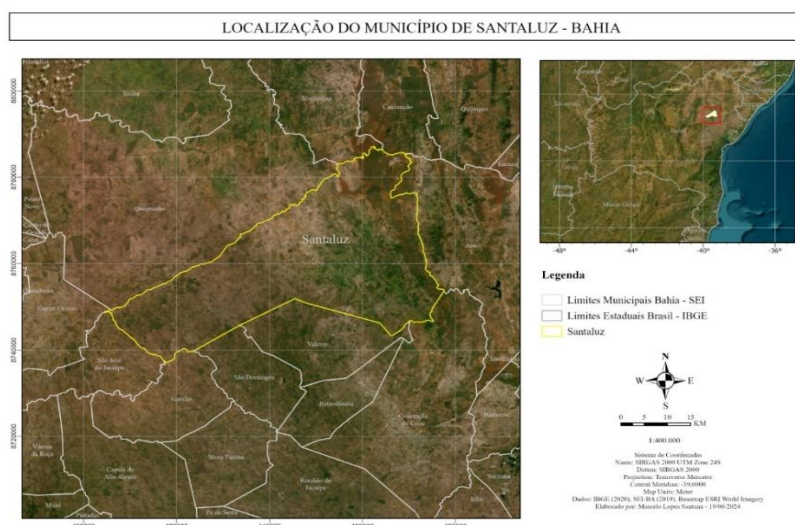
Patativa do Assaré “O poeta da roça”¹³ nos mostra o amor por sua terra e pelas letras. O poeta se vê como porta-voz dos anseios do povo brasileiro, representando não só o cotidiano do universo rural e urbano, mas também as aspirações sociais, as demandas políticas e econômicas. No que tange ao trabalho com poesia em sala de aula, faz-se importante inserir também poemas de Patativa do Assaré, pois, como podemos ver brevemente, essa é uma experiência rica para alunos(as) e professores(as). Antes de imergimos na poesia de Patativa, é importante conhecermos um pouco acerca da sua vida e obra. Em seguida, podemos pesquisar um pouco sobre os cenários históricos do Nordeste, incluindo a seca, a migração e as dificuldades enfrentadas pelos nordestinos. A leitura em voz alta deve ser incentivada para captar a musicalidade e o ritmo do poema, elementos essenciais da poesia, bem como dividir o poema em estrofes e analisá-las gradualmente, identificando temas como migração, pobreza, cultura nordestina, fauna, flora etc.

¹³ Entrevista com Patativa do Assaré no Programa Globo Rural.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4hcBUAAsng>. Acesso em: 02 de mar. de 2024.

Em nossas travessuras literárias, adentraremos, brevemente, na literatura produzida no Território do Sisal, uma região árida na qual a natureza e o trabalho humano entrelaçam-se para criar um tecido de vida e esperança. Apesar das condições adversas, o sisal floresce e sustenta a comunidade local. Cada fio de sisal é visto como um símbolo de determinação e labor, refletindo a capacidade dos(as) sertanejos(as) de transformar um ambiente desafiador em uma fonte de sustento e esperança. No Território do Sisal, podemos destacar, uma conexão profunda entre o ser humano, a natureza e a arte, onde o trabalho árduo, a paisagem áspera e um celeiro de artistas combinam-se para revelar uma beleza diversa, resiliente e poética.

Nessa região ensolarada do sertão baiano, vive uma artista cordelista, cuja arte ressoa com a alma do sertão. Maria Marlene Araújo Melo, conhecida como Marlene Araújo, a poetisa, nasceu em Santaluz, município do estado da Bahia, em 04 de junho de 1950, uma cidade da Bahia, próxima à cidade de Conceição do Coité, como pode ser observado no mapa a seguir.

Figura 2: Mapa do Município de Santaluz



Fonte: Mapa da localização do município de Santaluz (SANTANA, 2024)

Marlene escreve cordéis, encantando a todos(as) com sua habilidade de transformar palavras em melodias poéticas, tecendo histórias que refletem a vida, a cultura e as tradições do seu povo. Em seus poemas, encontramos heróis e heroínas enfrentando as adversidades e comemorando as pequenas vitórias da vida com coragem e determinação. Marlene nos lembra que mesmo diante das dificuldades sempre há espaço para a religião, a beleza, a alegria e a esperança:

[...]
Como é bonito de ver
No sertão o amanhecer
O galo canta no terreiro
O céu escuro pra chover
O sol se pondo na serra
O dia que se encerra
Esperando o anoitecer

Porem o melhor do sertão
É o sertanejo valente
Homem guerreiro e forte
De Deus ele é temente
Luta pra sobreviver
Cumpridor do seu dever
O melhor de nossa gente

[...]
(Marlene Melo, 2018, p. 01)

Essas imagens simbolizam as paisagens nordestinas e aparecem com frequência na literatura de cordel, que tem como foco sobretudo a descrição do cotidiano da vida no campo. A estrutura rimada e o ritmo de seus poemas são característicos do cordel, gênero literário tradicional do Nordeste brasileiro. Cordel é conhecido por sua métrica regular e rima simples, o que é bom para memorização e recitação oral.

Os versos de Marlene captam com maestria a essência e a beleza de lugares do sertão, a força e a resiliência do povo nordestino. O cordel é uma forma de comunicar a cultura e as histórias do Nordeste Sua poesia explora elementos típicos do sertão, como o amanhecer, o canto dos galos, o céu escuro anunciando chuva e o pôr do sol nas montanhas. Segundo Bachelard (2008, p.5-6), “em muitas circunstâncias, deve-se reconhecer que a poesia é um compromisso da alma. [...] Nos poemas se manifestam forças que não passam pelos circuitos de um saber.” Desse modo, Bachelard nos mostra que a poesia não é apenas uma forma de expressão artística, mas também um reflexo profundo da experiência interior e pessoal do(a) poeta. Ao escrever ou ler poesia, existe um forte envolvimento emocional e intelectual, uma experiência estética que transcende a razão.

Nesse sentido, a poesia é vista como um meio para o (a) poeta explorar e revelar os aspectos mais íntimos de sua alma. É um compromisso com exploração das profundezas do ser humano. A poesia torna-se assim uma viagem interior, um ato de autodescoberta e uma forma de compartilhar essa descoberta com outras pessoas. Como revela Marlene (2018, p. 02), nas estrofes abaixo:

[...]

O sertão é mais conhecido
Na extensa região nordeste
Uma área de transição
Nas regiões do agreste
A vegetação é a caatinga
Intimamente ligada ao clima
Terra de cabra-da-pestre

Tem muitas coisas boas
Em nosso querido sertão
Desde a comida variada
Buchada de bode e feijão
Milho assado na fogueira
Nas noites bem brasileiras
Na festa de São João

O sertanejo é arretado
Na figura do vaqueiro
No aboio do seu berrante
Conduz o gado maneiro
Por esse sertão afora
O perigo ele ignora
Ele é mesmo catingueiro.

[...]

(Marlene Melo, 2018, p. 02)

Nas estrofes apresentadas, podemos encontrar elementos que representam a literatura local, identidade e representação cultural do sertão nordestino. A literatura local descreve o Sertão recorrentemente presente, na literatura regionalista, que visa retratar o ambiente e a vida da população local. A identidade regional é reforçada através de referências à “caatinga” e ao “cabra-da-pestre”; um termo coloquial que se refere aos sujeitos corajosos e resilientes do sertão. Este é representado no poema pela a caatinga como vegetação típica e o clima árido.

Na segunda estrofe, observamos que a autora aborda a literatura local, nesta a culinária típica e as festas juninas são temas recorrentes. A identidade sertaneja pode ser notada nos alimentos mencionados, como buchada, feijão e nas celebrações tradicionais, a exemplo da festa de São João e com relação a representação: a estrofe retrata práticas alimentares e culturais que são representativas do Nordeste.

A terceira estrofe traz a figura do vaqueiro, um dos mais relevantes símbolos do sertão. As características do sertanejo como “arretado” e “catingueiro” representam a coragem e adaptabilidade, já o aboio e a condução do gado são representações típicas da vida no sertão.

No fragmento, abaixo, a autora evoca imediatamente uma profunda sensação de desolação e saudade. A imagem da “terra ardendo” refere-se à severa seca que assola o sertão

e é uma poderosa metáfora para o sofrimento causado pela falta de água. A ave “Asa Branca”, que bate as asas com as aves que chegam, simboliza a migração forçada da população rural em busca de melhores condições de vida. A despedida de Rosinha, que fica para trás, intensifica a dor da separação e a saudade, enquanto a promessa do eu lírico é de deixar seu coração com ela, enfatizando o seu vínculo afetivo e o amor pela terra e pela pessoa amada. Estes versos estabelecem um tom nostálgico, permitindo ao leitor compreender a profundidade da dor e da resiliência do povo sertanejo.

[...]
“Quando olho a terra ardendo”
Vejo tristeza no sertão
Asa branca bate asas
Com as aves de arribação
“Entonce eu digo adeus Rosinha”
Terra que te deixou sozinha
Deixo contigo meu coração.

[...]
(Marlene Melo, 2018, p. 04)

Percebemos uma intertextualidade com a famosa canção *Asa Branca*¹⁴, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Nesse contexto, Marlene parafraseia: “Quando olho a terra ardendo”, já que em *Asa Branca*, a letra diz: “Quando olhei a terra ardendo / Qual fogueira de São João”. Ambos versos evocam imagens de terras secas em chama, metáfora poderosa para representar a seca devastadora no coração do Nordeste. No verso seguinte a autora expressa: “Entonce eu digo adeus Rosinha”; em *Asa Branca*, temos: “Entonce eu disse: Adeus, Rosinha”. Ambas contam a história de uma dolorosa despedida, em que o eu lírico despede-se de sua amada devido à necessidade de migrar em busca de melhores condições de vida.

No que diz respeito à intertextualidade, a autora evoca o sentimento de dor e saudade fortemente presente na canção de Luiz Gonzaga. Isso cria uma conexão direta com o cenário do sertão, reforçando o tema da migração forçada devido à seca e a tristeza de deixar para trás lares e entes queridos.

Nas estrofes abaixo, muda-se o tom, celebrando a cultura e a alegria do sertão, em forte contraste com a tristeza do primeiro trecho. Apesar das dificuldades, a vida no sertão é rica em tradições e festejos, principalmente durante o período de junho.

¹⁴ Canção *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. In: Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>. Acesso em: 04 de junho de 2024.

[...]

As festas do meu sertão
É uma belezura só
Tem dança de todo tipo
Xote, baião e forró
Tem quadrilha ensaiada
Que alegre a moçada
Nunca vi coisa mió

São João e Santo Antônio
E São Pedro são festejados
Um batiza e outro casa
Pedro do céu tem o cadeado
O sanfoneiro puxa o fole
Não deixa ninguém fica mole
É aquele forró retado

[...]

(Marlene Melo, 2018, p. 04)

Destarte, Marlene continua enfatizando a importância das tradições culturais e religiosas no sertão. A referência aos santos juninos (São João, Santo Antônio e São Pedro) e a descrição da música e da dança (forró) enfatizam a centralidade dessas celebrações na vida comunitária e na manutenção da alegria e da esperança mesmo em tempos difíceis.

Por fim, a autora usa conscientemente a intertextualidade com *Asa Branca* para retratar a luta e a resiliência do povo sertanejo. Enquanto a primeira estrofe narra a dor da migração e da separação, as estrofes seguintes celebram a vida e a cultura do sertão, demonstrando a capacidade do seu povo de encontrar alegria e significado mesmo diante da adversidade. Esse entrelaçamento de tristeza e celebração é recorrente na literatura e na música nordestinas.

Certamente, esses estrofes condensam a essência do sertão nordestino através de descrições vividas da sua geografia, cultura, comida e personagens típicos. O poema baseia-se em elementos específicos da vida e do ambiente do(a) sertanejo(a) para construir uma imagem rica e autêntica, que celebra a identidade regional e reforça as representações culturais dessa parte do Brasil.

Porém em nosso sertão
Nem tudo é alegria
Tem muita pobreza e miséria
No sofrer do dia-a-dia
Tem desigualdade social
A causa de muito mal
Que no Nordeste irradia.

[...]

(Marlene Melo, 2018, p. 07)

Esses versos retratam que a desigualdade social é um desafio constante que afeta não só a qualidade de vida das pessoas, mas também a coesão social e o desenvolvimento econômico. É importante reconhecer essas questões e encontrar formas para saná-las e/ou amenizá-las, sobretudo através de políticas públicas sérias e comprometidas com a transformação social. Segundo Marlene (2018, p.07), o(a) sertanejo(a) também tem momentos de alegria, como podemos observar no fragmento abaixo:

[...]
Nossos músicos são exaltados
Por bela composição
Axé, samba e arrocha
Forró que anima a multidão
O trio elétrico da Bahia
Ecoa trazendo alegria
Belezas do meu sertão.

[...]
(Marlene Melo, 2018, p. 08)

A autora nos mostra que o cordel celebra a riqueza cultural e musical do sertão, enfatizando como a música pode ser fonte de alegria e identidade para as pessoas que ali vivem. Axé, samba, arrocha e forró são gêneros musicais que inspiram e unem multidões, e o trio elétrico da Bahia é um símbolo icônico dessa energia festiva. Esta diversidade musical não só proporciona momentos de felicidade, mas também fortalece os laços comunitários e preserva as tradições culturais do sertão. Nos trechos, a seguir, percebemos a dedicação, a fé e o amor que a poetisa tem por sua terra natal:

[...]
Minha cidade é Santaluz
Encravada no sertão
Num cantinho da Bahia
Que amo de coração
Cidade de brilho e luz
Abençoada por Jesus
Onde todos se dão as mãos

Sou Marlene a poetisa
Canto em verso e prosa o sertão
Sou sertaneja arretada
Agradeço em oração
A virgem Santa Luzia
Padroeira que nos guia

E louvor ao Pai da criação.
(Marlene Melo, 2018, p. 08)

Trata-se de uma homenagem calorosa a Santaluz destacando sua beleza, seu povo e sua fé. A referência à virgem Santa Luzia, como padroeira que guia os(as) moradores(as) e protege a cidade, enfatiza a importância da espiritualidade no dia a dia das pessoas do sertão. E a gratidão expressa pela poetisa Marlene demonstra a sua profunda ligação com suas raízes e sua cultura. O poema celebra a vida no sertão, incluindo suas alegrias e lutas, além de homenagear a riqueza e a beleza dessa região às vezes sofrida, mas abençoada.

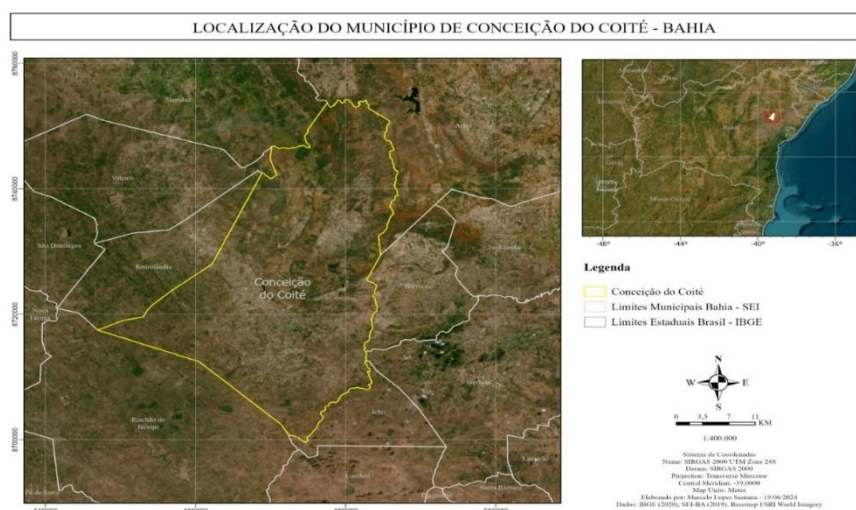
Enfim, trabalhar o sertão em sala de aula, principalmente, utilizando o gênero cordel, pode ser uma forma enriquecedora de explorar a cultura, a história, as características e a identidade do povo sertanejo. Entendemos que a produção cultural de uma nação é muito rica e diversificada, mas o Nordeste é especial. Diante disso, os(as) professores(as) podem criar um ambiente de aprendizado envolvente e dinâmico no qual os(as) alunos(as) possam reconhecer-se enquanto sertanejos(as) imergindo em conhecimentos e experiências históricas e culturais vendo-se como sujeitos agentes desse sertão tão plural.

No coração dessa rica tradição da literatura de cordel, encontramos cidades que são verdadeiros berços de escritores(as), compositores(as), cordelistas, poetas/poetisas e repentistas. Uma dessas cidades é Conceição do Coité. O município também faz parte, assim como Santaluz, do Território do Sisal. Como afirma a professora Marielza Carneiro D’Vilanova¹⁵, escritora e autora do Hino de Coité: “*Oh! Cidade graciosa, altaneira Majestosa Conceição do Coité*”¹⁶.

¹⁵ Marielza Carneiro D’Vilanova In: Literatura Coiteense: ampliando os horizontes. Disponível em: <https://literaturacoiteense.wordpress.com/2018/05/28/escritores-coiteenses-com-obras-publicadas>. Acesso em: 23 de abril de 2024.

¹⁶ Hino de Conceição do Coité. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/hinos-de-cidades/1787297/>. Acesso em 23 de abril de 2024.

Figura 3- Mapa do Município de Conceição do Coité



Fonte: Mapa da localização do município de Conceição do Coité, (SANTANA, 2024).

Em Conceição do Coité encontramos um poeta, escritor, compositor e cordelista Carlos Neves de Freitas; filho de Clemente Francisco Freitas e Maria Neves de Freitas. Carlos Neves, nascido em 16 de maio de 1961, natural de Conceição do Coité-Bahia, encontrou na poesia a forma para expressar seus sentimentos e seu olhar sobre a vida. É um poeta sertanejo que expressa os saberes e sabores de homens e mulheres nordestinos.

Durante a pesquisa sobre Carlos Neves, destacou-se sua difícil realidade social. Ele teve uma infância sofrida e só conseguiu estudar graças à sua mãe, Maria Neves de Freitas, conhecida como Maria Palheira por trabalhar com palhas. Maria era uma nordestina que se mudou da zona rural para a cidade, onde encontrou emprego como batedeira de sisal, entregando palha para ser amaciada na máquina.

Segundo Neves, antes de se mudar para Coité, D. Maria Palheira já trabalhava com palha no motor de sisal, recolhendo folhas cortadas no campo e transportando-as com um jegue para o motor de sisal, onde eram desfibradas. Além disso, ela também quebrou licuri¹⁷ para vendê-lo em Santaluz, levando cinco pratos por semana (25 litros) para trocar por alimentos na feira livre, visando alimentar seus filhos. D. Maria também utilizava a palha do licurizeiro para confeccionar diversos artefatos, como vassouras, abanadores, esteiras, bocapios e chapéus.

¹⁷ Licuri: O ouro desconhecido da caatinga. O licuri pertence à categoria das frutas, é um coco pequeno de polpa amarela rico em cálcio, magnésio e betacaroteno. As amêndoas também contêm altas concentrações de cobre, zinco e selênio. Disponível em: <https://invest.mcti.gov.br/blog/licuri-o-ouro-desconhecido-da-caatinga/#:~:text=Voc%C3%AA%20j%C3%A1%20ouvuiu%20falar%20do,artesanato%20e%20na%20alimenta%C3%A7%C3%A3o%20animal>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

D. Maria Palheira faleceu após ser atropelada na cidade enquanto carregava uma garrafa de gás para seu fogão a lenha. Internada, não resistiu aos ferimentos e, antes de morrer, pediu que seu filho Carlos Neves não fosse retirado da escola. A trajetória de Neves nos causa um sentimento de impotência e ressalta a necessidade de lutar por uma vida digna, saúde e educação de qualidade, lembrando histórias nordestinas como “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.

Nas veredas sertanejas, lembramos de D. Nair que, diferente de D. Maria, não vendia licuri, mas o buscava nas roças para cozinhar para seus filhos. Durante a quebra do licuri, momento de descontração e reflexão, ela dizia: “O vaqueiro parava no pé de licuri e perdia a boiada”, ensinando que distrações podem levar à perda de algo valioso. Suas histórias enfatizavam a importância de focar nas prioridades e responsabilidades, evitando prazeres passageiros, e a necessidade de atenção e disciplina para evitar consequências negativas. Esse ditado pode ser usado para discutir responsabilidade, gerenciamento de tempo e atenção, especialmente em estudos sobre cultura popular, literatura de cordel e vida sertaneja.

Carlos Neves sempre foi apaixonado por circos e palhaços. Quando criança, sua mãe, D. Maria, o levou ao circo como recompensa por suas boas notas na escola. Ela pagou sua entrada e esperou do lado de fora. No entanto, um senhor o expulsou do circo, acreditando que ele havia entrado sem pagar. D. Maria, ao ver a situação, explicou que havia comprado o ingresso para o filho, mas não tinha dinheiro para o próprio ingresso. Um palhaço, ao saber do ocorrido, pediu desculpas e permitiu que ambos assistissem ao espetáculo juntos.

Carlos Neves lembra vividamente do dia em que foi ao circo com sua mãe, apesar do incidente inicial, eles se divertiram muito, e essa experiência explica a profunda relação afetiva do poeta com o universo do circo, especialmente com o palhaço. No cordel “O Palhaço do Circo Quadrado”, lançado em Brasília em 2008, essa conexão é evidente. O poema foi elogiado por Chico Anísio na TV Globo em Brasília, destacando o significado especial do palhaço para o autor.

Figura 4: O Palhaço



Fonte: Museu Maria Neves em Conceição do Coité, 2024

O Palhaço

Eu vejo no rosto do simples rapaz
Um gesto da paz multicolorida
Com roupa folgada, gravata comprida
Sapatos disformes da moda que jaz
A festa do circo é ele quem faz
Fazendo o povo sorrir e brincar
Transformando a voz para trabalhar
Crianças torcendo que o show não acabe
Palhaço na vida é um homem que sabe
Fazer de improviso o sorriso brotar
(Carlos Neves, 2008, p. 07)

Nessa estrofe, o poeta transmite-nos várias emoções e conceitos relacionados ao papel do palhaço e ressalta a sua importância na vida das pessoas. A imagem do “simples rapaz” com um “gesto da paz multicolorida” implica que a simplicidade e a alegria do palhaço trazem uma sensação de paz e felicidade para aqueles(as) ao seu redor. A descrição do palhaço com “roupa folgada, gravata comprida” e “sapatos disformes da moda que jaz” pinta um retrato tradicional do palhaço, destacando sua aparência peculiar e charmosa que é sua parte do encanto. Os versos acima retratam que “a festa do circo é ele quem faz”, destacando o papel central dos palhaços em trazer alegria e entretenimento. Ele é o coração do circo, um homem que faz as pessoas “sorrir e brincar”. Já o verso “Transformando a voz para trabalhar” demonstra a habilidade do palhaço de mudar e adaptar sua voz (e talvez também sua personalidade) para entreter e cativar o público.

O trecho, o “Palhaço na vida é um homem que sabe fazer de improviso o sorriso brotar”, mostra-nos que os palhaços têm habilidades especiais de improvisar e criar alegria num instante, podendo transformar qualquer situação num momento de felicidade. A estrofe ainda enfatiza a simplicidade, a paz, a alegria, a versatilidade, a centralidade do palhaço no circo e seu profundo impacto, especialmente nas crianças. Ela celebra o talento único do palhaço em criar felicidade e sua capacidade de improvisar e trazer sorriso em qualquer situação.

O trecho acima também retrata uma imagem vivida do palhaço com rica linguagem descritiva, típica da literatura de cordel. O circo é uma instituição cultural importante e difundida, mas a forma como é descrito, com foco na simplicidade, na alegria e na capacidade de improvisar, ressoa com as tradições locais de contar histórias e valorizar a figura do artista popular.

No poema, *O Palhaço do Circo Quadrado*, Carlos Neves explora a identidade do palhaço como um símbolo de simplicidade e alegria. A identidade está intrinsecamente ligada à sua capacidade de “transformar a voz para trabalhar” e “fazer de improviso o sorriso brotar”, destacando as suas habilidades únicas e sua dedicação à arte de fazer os outros felizes. O palhaço é representado como uma figura humilde e alegre, vestindo roupas simples e disformes, mas capaz de transformar qualquer situação em um momento de alegria. As crianças que, “torcendo que o show não acabe”, representam a pureza e a sinceridade da alegria que o palhaço traz, reforçando sua importância como figura central no circo e na vida cultural local.

Portanto, trata-se de um importante cordel que capta a essência do palhaço e a magia do circo, evocando a simplicidade e profundidade desse encantador de pessoas. A primeira estrofe celebra a figura do palhaço, artista que muda vidas e espalha alegria e esperança através da sua simpatia e talento. O poema forja tanto a beleza do circo quanto a complexidade e o valor do trabalho de um palhaço, destacando a capacidade de sorrir mesmo diante das adversidades humanas.

[...]
Sinônimo perfeito do verbo alegrar
Como adjetivo, transcende a expressão
Arrancar um sorriso é difícil missão
E é ele que faz sem titubear.
Seja no circo ou em qualquer lugar
O palhaço é humano e merece respeito
e o nome real daquele sujeito
Que usa o dedão como assinatura
Fica escondido por trás da pintura
Mas reluz sua arte impressa no peito.
(Carlos Neves, 2008, p. 07)

Carlos Neves, nessa estrofe, transmite mensagens e sentimentos profundos sobre a figura do palhaço e seu papel na sociedade. O palhaço é descrito como sinônimo de “alegrar”, destacando sua habilidade única de levar alegria às pessoas, uma tarefa difícil que ele realiza com confiança. A alegria proporcionada pelos palhaços não se limita ao circo, mas pode ocorrer em qualquer lugar, ressaltando a universalidade e importância de sua presença.

Embora o palhaço faça gestos simples e humildes, como gesticular com o polegar, sua verdadeira identidade permanece oculta, mas sua arte e essência são evidentes. Neves afirma que “a arte é algo na vida que nunca fica à parte, portanto, nunca se aparte da arte”, indicando que a arte é inseparável do ser humano e uma necessidade básica, não um luxo. A arte está

sempre presente, influenciando nossos pensamentos, emoções e ações, mesmo que não a percebamos diretamente.

Na segunda estrofe, Neves destaca que “reluz sua arte impressa no peito”, enfatizando que a paixão e dedicação do palhaço são visíveis em seu trabalho. O palhaço ressignificado por Carlos Neves é representado como uma figura respeitável cuja verdadeira identidade está “escondida por trás da pintura”, mas cuja arte está “impressa no peito”. O poema também enfatiza o talento artístico e a dedicação do palhaço, que cumpre sua difícil missão de trazer sorrisos “sem titubear” demonstrando sua paixão e comprometimento com sua arte.

A ressignificação do palhaço por Carlos Neves, apresenta como uma figura respeitável cuja verdadeira identidade está oculta pela maquiagem, mas cuja arte e dedicação são evidentes. O poema destaca o talento artístico e o compromisso do palhaço em trazer alegria, cumprindo sua missão com paixão e sem hesitação.

Durante a pesquisa, consideramos vários pseudônimos para homenagear Neves, como Severino do Sertão, Seven do Sertão, Ouro Preto do Sertão, Nordeste do Museu, Sertanejo Coiteense e Neves do Sertão. Cada nome reflete aspectos de sua versatilidade, talento, amor pelo sertão, Coité (sua terra natal) e a cultura nordestina, remetendo à expressão simbólica “O sertão virou mar”. Neves do Sertão foi o nome escolhido, pois é uma expressão poética e significativa, que, assim como “O sertão virou mar”, sugere um contraste marcante e improvável. A neve, rara no clima quente e árido do sertão, simboliza algo extraordinário ocorrendo em um lugar inesperado, refletindo a riqueza da cultura nordestina.

A expressão “Neves do Sertão” pode simbolizar renovação e mudança positiva no sertão, associando-se à pureza e novos começos. O poema “O Palhaço de Neves” permite uma analogia entre o circo e o sertanejo, temas presentes nos cordéis de Neves. Ambos, o palhaço e o sertanejo, refletem resiliência, adaptabilidade e um forte senso de comunidade e tradição oral. A trajetória do circo, especialmente do palhaço, espelha a vida do povo sertanejo, compartilhando uma admirável resiliência, ricas tradições culturais e a capacidade de encontrar alegria em meio às adversidades. Assim, tanto o circo quanto o sertanejo nos lembram da beleza e do poder da vida comunitária, da tradição e da perseverança humana.

A literatura local, especialmente a do Nordeste do Brasil, é uma expressão poderosa da identidade e da cultura de seu povo. Através de músicas, contos, poesias e cordéis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna, Patativa do Assaré, Marlene e Carlos Neves (Neves do Sertão), dentre outros(as), captaram a essência da vida sertaneja, suas lutas, suas alegrias e suas tradições.

Por fim, ao explorar a literatura local, os(as) alunos(as) não apenas se conectam com suas raízes, mas também adquirem uma compreensão mais profunda da diversidade cultural do Brasil. Esta ligação com as tradições, identidades e representações sertanejas são fundamentais para o desenvolvimento de cidadãos e cidadãs que possam reconhecer-se pertencentes às suas origens ancestrais e, conseqüentemente, culturais apesar das mudanças históricas contemporâneas. A literatura torna-se, assim, um instrumento de preservação e celebração das culturas e identidades através das quais professores(as) e alunos(as) podem ressignificar a sua existência num mundo tão plural e em constante transformação.

2.2 Desenvolvimento da Competência Leitora

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio [...]. (Soares, 2009, ps. 45-46)

Soares (2009) salienta que há uma diferença entre aprender a descodificar letras e palavras (ou seja, alfabetização) e adquirir grandes habilidades de leitura e escrita (ou seja, competências de leitura e escrita). Embora a alfabetização ensine as habilidades básicas de interpretação de textos, a competência de ler e escrever vai além disso e envolve a capacidade de entender e criar texto de forma significativa e eficiente. (Soares, 2009).

Embora os indivíduos já tivessem a capacidade de falar antes de aprenderem a ler e escrever, mesmo que existam comunidades ágrafas, nos dias de hoje, na sociedade letrada em que vivemos, saber ler e escrever é uma habilidade essencial não só para questões profissionais, mas também para uma boa convivência. Não há dúvida de que a capacidade de ler criticamente tornou-se uma habilidade humana indispensável, tornando-se uma prática essencial na realização de diversas atividades do dia a dia: desde as mais simples como andar de ônibus, ler um panfleto publicitário, cozinhar usando um livro e/ou cadernos de receitas, até mesmo os mais complexos, como a leitura de textos científicos ou literários.

A leitura tem sido associada à escrita nas mais diversas formas e modos de ocorrência desde o início da prática. Aproximadamente, no século XVI, com o advento da imprensa, começando com Gutenberg, o livro tornou-se a principal fonte de texto escrito disponível para um segmento das classes mais abastadas. Ou seja, naquela época, a capacidade de ler não era acessível a quem quisesse desenvolvê-la, pois só era acessível a um pequeno segmento da sociedade. Do século XVI ao século XIX, os hábitos de leitura foram influenciados pelas práticas escolares, pelas escolhas religiosas e pelo ritmo crescente da industrialização. No século XIX, o aumento geral da alfabetização e o uso da cultura impressa aumentaram enormemente os padrões de leitura de novas classes de leitores: mulheres, crianças e trabalhadores.

Com a expansão da educação escolar (nas décadas de 1960, 1970 e 1980, na realidade brasileira), a alfabetização é cada vez mais vista como sinônimo de leitura, valorizando àqueles que dominam o código escrito e marginalizando aqueles que não dominavam o código escrito, bem como não tinham acesso a ele. O tempo passou e a leitura continuava sendo um elemento importante, um fator decisivo para promover ou não alguém na sociedade atual.

Aquelas pessoas que sabem ler, entender e interpretar o que leem acabam por ganhar status social e ocupar um espaço privilegiado na sociedade e utilizando a leitura para isso, bem como seus objetivos, a exemplo dos melhores empregos e melhor formação acadêmica. Em suma, elas conseguem os melhores empregos e desfrutam da melhor qualidade de vida nos setores da sociedade.

Neste caso, podemos dizer que numa sociedade como a nossa, o acesso à cultura é tão valorizado, mas limitada a um pequeno grupo de pessoas. A difusão de hábitos de leitura nas escolas tornou-se a base para prosseguir o exercício dos direitos de cidadania e na busca por uma realidade mais justa e menos desigual. Logo, a leitura pode ser pensada como uma prática que se desenvolve por meio da inovação desencadeada por mudanças históricas e sociais. No mundo moderno, por exemplo, a leitura tem se tornado muito importante, tornando possível a libertação e autonomia das pessoas que a utilizam continuamente. De modo geral, a capacidade de leitura torna-se uma importante ferramenta de poder, porque cria espaço para que os cidadãos tenham o seu tempo e energia, ou seja, tenham vez e voz, tornar-se um indivíduo pleno, interagindo com a realidade em que vive. Corroboro com Magda Soares (2004, p.19), quando ela pontua que

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à literatura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria

benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Neste contexto, percebemos que a leitura cria um mundo de possibilidades para quem tem condições de dominar esta competência e excluir efetivamente àqueles que não a possuem ou não sabem como usá-la. Logo, passam a discriminá-los social, econômica e culturalmente. Isso indica que ler em si não é um ato proposital, mas uma habilidade e/ou competência para que o sujeito possa atingir um determinado objetivo.

Diante disso, Charmeux (1995, p.42) acrescenta que “ler aparece como um meio para uma outra coisa, e não como uma atividade em si, com uma finalidade própria”. Ter o domínio da leitura refere-se à interação em outras tarefas, compromissos, atividades etc., que dela dependem, fazendo com que o indivíduo esteja presente e faça valer a sua opinião. Isso ocorre porque quem exerce o domínio da competência leitora pode compreender e interpretar melhor o que lê, caso contrário o sujeito só poderá decodificar o código escrito porque a compreensão consiste em estabelecer relações semânticas, ou melhor ainda, trata-se de construir sentidos. Como bem afirma Solé (1998, p.22).

o leitor constrói o significado do texto. [...] Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha sentido ou significado. [...] O significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os 13 conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.

Neste trecho Solé (1998) confere ao (a) leitor (a) o papel de construtor(a) do significado das palavras que ele (ela) leu. São os(as) leitores(as) quem atribuem com base em determinadas pistas, que o(a) autor (a) deixa, dando sentido no que lê, dessa forma pode-se dizer que a leitura do mesmo texto jamais é única, pois depende de quem o(a) lê, em momentos diferentes da sua vida e/ou da forma que o (a) leitor(a) se encontra em determinada época. Portanto, penso que a leitura é um meio para alcançar um determinado objetivo. Podemos entender pela definição de Martins (1997, p.30) que

Seria preciso, então considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

Nessa perspectiva, podemos dizer que não só o conteúdo gravado e/ou registrado e o que está no papel é lido, mas de forma mais ampla, tudo contribui para a compreensão, que pode ser vista como um exercício de leitura, um gesto, expressões, imagens, símbolos, desenhos, etc. Neste conceito, a leitura não inclui, apenas conhecimento verbal (escrito e falado); mas, de modo geral, o mundo é representado por meio de figuras, símbolos, imagens, desenhos, dentre outros.

Diante disso, podemos afirmar que o aprendizado da leitura começa muito antes da exposição à palavra escrita, ou seja, nas primeiras séries da escola. Segundo Paulo Freire (1989, p.09) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” ou mais do que isso, pois ela transcende a atividade de leitura que se dá por meio do diálogo entre leitores e leitura de objetos.

Martins (1997) acredita que para uma leitura se tornar eficaz, deve “preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais”(Martins, 1997, p.82). É bom lembrar que, se esses aspectos citados, não forem confirmados, a leitura não acontecerá e se tornará apenas mais uma atividade mecânica, praticada na escola, mas esquecida em casa. Isso, às vezes, faz com que o ato de ler se torne mais uma ferramenta de avaliação nas mãos dos (das) professores (as) de português, já que, a pontuação de leitura desses(as) professores(as) é através das fichas de leitura, questionários, teste e provas, as quais são reveladas gradativamente aos (as)alunos(as) o objetivo da leitura escolar que é: ler (decodificar) com intuito de atribuir e receber as notas.

Além do mais, pontuações baixas e finais fracassados acabam levando o(a)aluno(a) a acreditar que ele ou ela é incapaz de ler, contribuindo ainda mais para a sua exclusão social. Após a conclusão da avaliação, o que é lido é ignorado porque não tem sentido nem utilidade na vida do(a) aluno(a). Somente a ação mecânica de decodificação de símbolos e regras é realizada. Também, nessa perspectiva, a leitura de textos afasta os(as)alunos(as) do hábito de ler porque não há prazer em ler os textos e livros solicitados sem averiguar se os(as) alunos(as) têm interesse ou apenas a obrigação de lê-los nos prazos estipulados pelo professor que cumpre as atividades prescritas pela escola. De acordo com Kleiman (2004, p.18)

A leitura, a julgar pelos exercícios de compreensão e interpretação dos livros didáticos e da sala de aula, fica reduzida, quase sem exceções, a manipulação mecanicista de seqüências discretas de sentenças, não apenas havendo a preocupação pela apreensão do significado global do texto.

Esta observação, feita pela autora, destaca preocupações sobre o acesso limitado à leitura nas salas de aula de língua materna. Os exercícios de leitura, conforme descritos nos livros didáticos e nos exercícios de compreensão e interpretação em sala de aula, parecem estar excessivamente focados na manipulação mecânica de sequências de frases individuais, em vez de promoverem uma compreensão mais ampla e profunda de todo o texto. Esta abordagem mecânica pode levar os alunos a ver a leitura como uma atividade fragmentada e descontextualizada, cujo objetivo principal é decifrar o significado de frases isoladas, em vez de compreender o texto inteiro e apreciar a sua mensagem global.

Diante disso, para superar esta limitação, os(as) professores(as) devem expandir as suas abordagens de leitura para ir além da compreensão de detalhes e incluir estratégias concebidas para desenvolver uma compreensão integral do texto. Isso pode envolver a realização de atividades que incentivem a análise crítica, a interpretação pessoal e a discussão de temas e ideias do texto. Além disso, os(as) professores(as) devem selecionar materiais de leitura que sejam relevantes, envolventes e desafiadores para os alunos, estimulando assim o seu interesse pela leitura e incentivando-os a explorar o significado mais amplo do texto.

Irané Antunes (2003), também argumenta a maneira como o trabalho com a leitura é desenvolvido na escola. Habitualmente, os exercícios de leitura são utilizados como práticas de decodificação da escrita sem considerar suas dimensões interativas verbais. Consistem em atividades que não têm finalidade social, bem como o que se faz da leitura e com o propósito de ser usada como meio para considerar outras atividades com questões prioritárias como interpretação do texto lido e produção do texto pelos alunos. Quando o(a) professor (a) faz o trabalho utilizando o texto, ele ou ela sugere que o texto atue como intermediário entre o leitor e o conteúdo a ser aprendido e não como uma reflexão e/ou na formação de opinião.

Nessa perspectiva, as práticas de leitura realizadas no âmbito das atividades de interpretação e compreensão de textos são problemáticas porque, em última análise, reduzem a experiência de leitura dos alunos que é dividida na tríade leitura-interpretação-escrita. Neste esquema, o significado do texto foi determinado por livros didáticos ou perguntado pelo professor para que não haja necessidade de construir a resposta e/ou conhecimento, os alunos são responsáveis por responder às perguntas conforme necessário, ou com base nas expectativas do professor, independentemente do que os alunos realmente pensam ou querem dizer. Então, diante disso, entendemos que a atividade de leitura não é um processo automático/mecânico, mas uma prática social, a qual deve ser uma construção de significado que requer reflexão por parte dos alunos. Charneux (1995, p. 88-89) pontua que

ensinar a leitura, portanto, é colocar em funcionamento um comportamento ativo, vigilante, de construção inteligente de significação, motivado por um processo consciente e deliberado, e isto desde o próprio início da escolaridade das crianças, e mesmo antes que elas cheguem à escola [...] tudo que não conduzir diretamente a este resultado não pode pretender ser uma aprendizagem de leitura.

Diante disso, percebemos que, o ensino da leitura, conforme a autora, não deve ser passivo, mas deve envolver um comportamento ativo por parte dos alunos. Isso significa que os alunos devem estar totalmente focados e engajados no processo de construção do significado do texto. Ler não é apenas uma atividade mecânica de decodificação de texto, mas um processo ativo de compreensão e interpretação de texto. Os (as)alunos (as) devem ser motivados a pensar criticamente e interligar os textos ao seu conhecimento prévio para construir significados de forma sábia e inteligente. Assim sendo, o ensino da leitura deve ser incentivado por um processo consciente e ponderado, no qual os(as) alunos(as) compreendem a importância da leitura e são motivados a se envolverem ativamente com o texto. A importância disso, fica evidente desde os primeiros anos que a criança entrou na escola. Isto sugere que o desenvolvimento da competência leitora deve começar o mais cedo possível e ser uma prioridade desde o início da escolaridade da criança.

Esta afirmação indica que qualquer método ou atividade que não contribua diretamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura não deve fazer parte do processo de instrução de leitura. Isto enfatiza a importância de focar em estratégias eficazes que promovam a compreensão e interpretação do texto. Enfim, com esse trecho a autora destaca a importância de uma abordagem dinâmica, reflexiva e intencional com relação ao ensino da leitura, pois ensinar a ler deve ser a partir dos primeiros anos de escolaridade das crianças.

Charneux (1995) afirma que ler é uma atividade muito complicada para que um ano possa ser suficiente para dominá-la de forma permanente. Ela também ressalta que limitar a aprendizagem apenas à primeira série é confirmar o vulnerável, é não ser totalmente compreendido. Os professores enfrentam fracassos angustiantes desde a primeira série e os das séries posteriores condenaram veementemente isso. Ou seja, o sujeito não aprende a ler apenas no primeiro ano de escola, formar leitores bons e capazes requer esforço constante por parte dos (das) professores(as) e da escola, nos anos após a alfabetização, para alguns estudiosos da linguística, a exemplo de Kleiman (2005), formar bons leitores é um processo de letramento.

Nesta abordagem, letramento é mais do que a alfabetização (entendida aqui como

como decodificação da linguagem escrita). É ensinar a ler e escrever dentro de um ambiente, no qual leitura e a escrita sejam significativas e façam parte da vida dos(das) alunos(as), ou seja, o letramento ocorre quando se consideram os usos sociais da escrita.

Esta prática visa a reflexão, o ensino e a aprendizagem e inclui aspectos sociais da língua escrita. Assim, o letramento avalia o ensino a partir da sociedade e a sua utilização de textos verbais: orais e escritos. a respeito disso, Kleiman (2007, p.04) aponta que

Assumir o letramento como objetivo do ensino no contexto dos ciclos escolares implica adotar uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção de cunho tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de competências e habilidades individuais.

Por sinal, vale lembrar que o conceito de letramento foi criado em meados do século XX. Na década de 1980, tratava-se de “distinguir as múltiplas práticas de letramento da prática de alfabetização, tida como única e geral, mas apenas uma das práticas de letramento da nossa sociedade.” (Kleiman, 2007, p.1-2). Em outro texto da autora, voltado especificamente para professores, ela elucida que o letramento não é um novo método de ensino, nem é alfabetização – embora incluída - nem pode ser considerado habilidade ou competência. Como podemos ver, neste contexto, a alfabetização é um processo típico e específico escolar para que os sujeitos possam ter a oportunidade de entrar no universo letrado para e se tornarem sujeitos dessas práticas letradas.

Logo, desenvolver a competência de leitura significa permear todo o ensino (e não apenas aulas de português), pois segundo Perini (1999) esta responsabilidade cabe a toda a escola e não apenas a um professor ou uma disciplina (neste caso, o idioma nativo), nenhum professor ou nenhuma professora, independentemente de sua área de atuação ou domínio de atividade, esta obrigação coletiva não deverá limitar-se simplesmente ao professor ou professora de Português porque todos têm a responsabilidade de colaborar na aprendizagem integral do estudante. Isso reforça a noção de que a leitura tem caráter interdisciplinar, ou seja, o ato de ler é construído dentro de diversas relações entre o autor e o leitor/ouvinte no processo de interação verbal, estabelecendo sua própria posição no mundo da linguagem. Eysen, Oliveira e Santos (2021, p.191) pontuam que:

O trabalho inter/transdisciplinar busca inovar as propostas metodológicas dos(as) professores(as), que, por vezes, são realizadas de maneira fragmentada e restrita a uma disciplina, impossibilitando diálogos com outras áreas do conhecimento. Contudo, numa perspectiva inter/transdisciplinaridade, as

diferentes áreas do saber dialogam, complementam-se, interagem entre si, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo mais dinâmico. Com efeito, a escola oportuniza um leque de aprendizagem aos(as) estudantes capazes de motivar uma formação mais crítica.

O autor e as autoras acima destacam a importância do trabalho inter/interdisciplinar na educação, enfatizando que as metodologias dos professores são muitas vezes fragmentadas e limitadas a uma única disciplina. Isso pode dificultar o diálogo e a integração entre as diferentes áreas do conhecimento. Porém, numa perspectiva interdisciplinar, os conhecimentos das diferentes áreas comunicam-se, complementam-se e interagem entre si, tornando o processo de ensino mais significativo e dinâmico. Neste contexto, a escola proporciona aos alunos um amplo leque de oportunidades de aprendizagem e promove uma educação mais crítica e motivacional.

Embora o currículo escolar seja dividido em disciplinas, os leitores devem mobilizar conhecimentos de diferentes áreas ao ler com plena compreensão. É por isso que o desenvolvimento das habilidades de compreensão leitora não pode se limitar às aulas de língua materna, pois a boa leitura abarca muitas áreas do conhecimento. Com por exemplo, uma pessoa para chegar com sucesso a um endereço desconhecido, ela precisa saber ler um mapa e orientar-se geograficamente no espaço, caso contrário, um pedaço de papel com um endereço escrito não terá sentido. Neste caso, as estratégias de leitura desenvolvidas pela disciplina de Português estão diretamente relacionadas com os conhecimentos ensinados em Geografia, exigindo um trabalho de leitura conjunto entre as duas disciplinas.

Os Parâmetros do Currículo Nacional (PCNs, 1998) enfatizam que a tarefa de formar leitores e usuários de escrita competentes não se limita ao domínio da língua portuguesa, pois todo professor depende da língua para desenvolver os aspectos conceituais de seu componente. Lamentavelmente, as atuais estruturas escolares e o pensamento coletivo acima mencionado prejudicam o sucesso das práticas que desenvolvem competências de leitura e os(as) alunos(as) não conseguem compreender completamente os textos que leem.

Segundo Bortoni-Ricardo et al. (2010, p.16), o problema central está na dificuldade que a escola tem em auxiliar seus alunos a desenvolverem habilidades de leitura como meio para adquirir conhecimento. Logo, as atividades de prática de leitura realizadas na sala de aula, geralmente não há planos que permitam aos(as) alunos(as) se envolvem em diferentes situações de leitura. Ou seja, a leitura tem objetivos específicos, bem como limitados: ler para “aprender” algo e responder as perguntas que, na maioria dos casos, não incentivam a reflexão. Magnani (1994, p.13-14) confirma esta ideia

a leitura, compreendida em seu sentido lato, e sobretudo em seu caráter plural e dialógico, constitui-se em precioso instrumento no processo de produção do conhecimento por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo. A formação de leitores emerge como prioridade e como um grande desafio da Educação.

Nota-se que a autora enfatiza a importância da leitura como ferramenta essencial no processo de construção do conhecimento. Ao compreender a leitura no seu sentido mais amplo, reconhecendo o seu caráter plural e dialógico, percebemos que ela não se limita à decodificação de palavras, mas envolve uma interação ativa entre texto e leitor. Através da exposição a diferentes tipos de textos e perspectivas, a leitura permite aos leitores expandir a sua compreensão e enriquecer as suas visões de mundo e experiências. Isso porque a leitura oferece diferentes formas de pensar, sentir e compreender a realidade.

A autora também ressalta que cultivar leitores é a principal prioridade da educação. Isto significa não apenas ensinar os(as) alunos(as) a ler, mas também desenvolver neles o amor pela leitura e a capacidade de ler de forma crítica, reflexiva e analítica. Então, o desafio é criar ambientes e práticas que incentivem e promovam a leitura como parte integrante da vida dos (as) alunos (as) para que se tornem cidadãos mais informados, críticos e participativos.

Além disso, ao contrário do que se pensava há pouco tempo, ler não é uma atividade solitária, ou seja, anteriormente, a leitura era muitas vezes considerada um ato solitário, com leitores isolados e imersos no texto, sem interagir com outras pessoas. No entanto, esta citação mostra que este conceito está desatualizado. Rocco (1994, p.39) pontua que o “indivíduo, ao ler um texto, um livro, interage não propriamente com o texto, com o livro, mas com os leitores virtuais criados pelo autor e também com esse próprio autor”. Diante disso, entendemos que a autora enfatiza o papel central do texto como mediador de interações entre diferentes leitores, sejam eles reais (indivíduos que efetivamente leem o texto) ou fictício (personagens, narradores e vozes criadas pelo autor). Ela acredita que cada leitura é única e subjetiva, pois cada leitor (a) interpreta o texto de forma pessoal e individual com base em seu próprio conhecimento, experiência e perspectiva.

Assim sendo, é mister enfatizar que ao interpretar o texto, os(as) leitores(as) não apenas decodificam as palavras, mas também atribuem significado a elas, fazendo conexões com seu próprio contexto e compreensão do mundo. Cada leitura representa, assim, uma nova interpretação do texto e do significado que ele transmite. Esta ideia enfatiza o caráter dinâmico e multifacetado da leitura, onde o texto serve como ponto de encontro entre autor e leitor,

possibilitando uma variedade de interpretações e experiências. O texto não é, portanto, algo estático, mas um espaço aberto para a construção de sentidos que mudam a cada nova leitura.

Diante disso, a discussão acima está intimamente relacionada à competência leitora, porque enfatiza que a compreensão da leitura é um processo ativo e dinâmico, e não apenas uma simples decodificação de palavras. As habilidades de leitura e a competência leitora envolvem a capacidade de interpretar o texto de uma forma profunda e significativa. O trecho enfatiza que o texto é um espaço aberto para construção de sentido, o que destaca a importância da interpretação ativa do leitor para dar sentido ao texto.

Para compreender totalmente um texto, os leitores muitas vezes precisam considerar o contexto em que o texto foi escrito e as experiências pessoais que traz consigo. O trecho enfatiza que o texto é um ponto de encontro entre o autor e o leitor, sugerindo que a compreensão do texto é influenciada pela interação entre esses dois elementos e pelo contexto em que essa interação ocorre. Para Kleiman, “É por isso que a leitura é considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo momento com o que vem da página para chegar à compreensão” (2004, p.17). Esta perspectiva, a autora reforça a ideia de que a leitura é um processo interativo no qual os leitores não apenas recebem passivamente informações de um texto, mas também as processam ativamente, integrando-as com seus conhecimentos prévios, experiências e perspectivas pessoais.

Diante disso, é mister pontuar que, ao ler, o leitor conecta o que está lendo com o que já sabe. Ele baseia-se em seu conhecimento prévio do assunto, seu contexto histórico, cultural e social, bem como em suas experiências pessoais, para imbuir o texto de significado. Os leitores não apenas absorvem informações de um texto, mas também refletem sobre ele, questionam-no e analisam-no criticamente. Ele pode encontrar novas ideias que desafiem suas crenças ou conceitos preexistentes, levando à revisão ou expansão de sua compreensão. O leitor não apenas absorve informações de um texto, mas também reflete sobre ele, questiona-o e analisa-o criticamente. Ele pode encontrar novas ideias que desafiem suas crenças ou conceitos preexistentes, levando à revisão ou expansão de sua compreensão.

Entende-se também que durante a leitura, os leitores podem travar conversas imaginárias com o autor, questionar as suas intenções, interpretar as suas mensagens e formar as suas próprias opiniões. Essa interação entre leitor e texto é fundamental para desenvolver uma compreensão profunda e significativa do que você está lendo. Por fim, o processo de leitura interativa constrói um significado único para cada leitor. Cada pessoa interpreta o texto de forma pessoal e subjetiva, com base em suas próprias vivências e perspectivas, o que torna a

leitura uma experiência profundamente pessoal e enriquecedora. Logo, a leitura é de fato um processo interativo, e o conhecimento diversificado do leitor interage constantemente com o texto para alcançar uma compreensão mais completa e significativa.

Dessa forma, a competência leitora e/ou a proficiência em leitura também envolve a capacidade de analisar criticamente um texto, questionando sua mensagem, suposições e intenções. Sabemos que o texto não é estático, mas é influenciado pelas diversas interpretações e experiências do leitor, destacando a importância da análise crítica na compreensão do texto. A compreensão dos textos é um espaço aberto para a construção de sentidos, evidenciando a relevância da leitura no cotidiano. Desenvolver a competência leitora permite que os indivíduos compreendam e avaliem as informações que encontram em diferentes textos, sejam eles literários, acadêmicos ou jornalísticos, permitindo-lhes participar da sociedade de forma mais informada e crítica.

Por fim, este estudo aponta para uma lacuna na abordagem da leitura nas salas de aula de língua materna nas escolas. Embora a leitura seja incorporada em atividades de linguagem, como a gramática e a expressão escrita, ela parece ser vista mais como um meio para atingir outros objetivos do que como uma habilidade central a ser desenvolvida por si só. Esta abordagem pode limitar o potencial da leitura como ferramenta para desenvolver a competência leitora dos(as) alunos(as). Por isso que, a leitura não deve tornar-se apenas uma ferramenta para outras atividades, mas uma prática valiosa que promove o pensamento crítico, a compreensão de textos e amplia as competências linguísticas e culturais dos alunos.

Portanto, os(as) professores(as) devem reconhecer a importância inerente da leitura e investir tempo e energia no desenvolvimento das competências de leitura dos(as) alunos(as) de forma sistemática e deliberada. Isto pode envolver a seleção de textos apropriados, o ensino de estratégias de compreensão, a promoção da discussão dos textos lidos e a criação de um ambiente de leitura estimulante na sala de aula. Ao priorizar as habilidades de leitura, os(as) professores(as) podem ajudar os(as) alunos(as) a se tornarem leitores(as) mais proficientes e críticos, preparados para enfrentar os desafios da sociedade atual.

3 NAS TRILHAS DA METODOLOGIA

Esta pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa e de natureza colaborativa. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos do estudo foram professores(as) da rede de Ensino Fundamental II do município de Conceição do Coité, que puderam contribuir de forma significativa com trocas de experiência, vivências e observações acerca da realidade escolar em que estão inseridos.

Para iniciar esta caminhada nas trilhas da metodologia, coloco-me enquanto docente e pesquisadora. Nesse contexto, Paulo Freire (1996, p.32) pontua:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

No espaço da escola, sempre associamos o ensino a diversas atividades, uma delas é a pesquisa. O docente não só no campo acadêmico, mas também na experiência da sala de aula, aciona a pesquisa, uma vez que o ensino sem a mesma tende a se constituir de maneira fragilizada impactando diretamente na aprendizagem. Com efeito, professores(as) e alunos(as) devem manter-se vinculados(as) à pesquisa e ao ensino aprofundando leituras, conhecimentos, reflexões críticas, saberes e experiências dentro e fora da escola.

A pesquisa situa-se como instrumento necessário para o desenvolvimento do processo formativo transcendendo a instrução que visa direcionar os educandos em habilidades e competências. Para Demo (1992), essa reflexão se aprofunda significativamente quando é direcionada para um campo mais amplo da vida dos envolvidos: “[...] a transmissão de conhecimento é importante, mas a face educativa aparece na capacidade de construir, à medida que emerge a condição de sujeito capaz de se definir e de participar” (Demo, 1992, p.128).

Quando nos aproximamos da pesquisa, seguindo a abordagem qualitativa e suas estratégias de investigação, Creswell (2007, p. 35) ressalta que:

[...] uma técnica qualitativa é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão;

ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados.

O autor afirma que os dados ou informações coletadas podem ser obtidos de acordo com o objetivo que o(a) pesquisador(a) deseja alcançar. Especificamente, na pesquisa qualitativa, a busca de dados em levantamentos leva-o(a) a utilizar uma variedade de ferramentas para estruturar e analisar os dados. Diante disso, Creswell (2007, p. 184) reitera:

Os procedimentos qualitativos apresentam um grande contraste com os métodos da pesquisa quantitativa. a investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação.

Assim sendo, os artifícios utilizados pela pesquisa qualitativa nos possibilitam uma abordagem mais aberta, flexível, que considera a polifonia de vozes dos atores e atrizes sociais como elementos fundamentais para a “descrição densa”, ampla e abrangente da realidade focada. É saber escutar e sentir a partir do seu lugar social na interação, ou seja, o alvo de observação é um lugar de relação com a experiência do que se observa, bem como baseando em dados de texto e imagens, além de permitir etapas únicas na análise de dados e usar diferentes estratégias de pesquisa.

Nessa perspectiva, Ludke e André (1986) versam que a pesquisa qualitativa possibilita um contato privilegiado entre os sujeitos na perspectiva de elencar os fenômenos de uma ação que ocorre em um contexto que envolve as interações e as atividades cotidianas dos participantes. Assim, podemos compreender a realidade humana vivenciada na escola, trabalhando com questões do tipo: crenças, valores, atitudes e aspirações, em que, de acordo Minayo (1994, p. 22), correspondem “a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

De acordo Ludke e André, os fundamentos dessa abordagem ocorrem onde “[...] a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja a mais verdadeira. Assim, são dados vários elementos para que o leitor possa chegar as suas próprias conclusões e decisões, além evidentemente, das conclusões do próprio investigador.” (Ludke e André, 1986, p.20).

Voltando ao que abordamos inicialmente, colocando-nos no lugar de pesquisadores(as) e docentes, trazemos o propósito de não apenas investigar, mas fazer parte e colaborar com as ações que envolvem o lócus e sujeitos da pesquisa. Por isso, escolhemos a pesquisa qualitativa, com caráter colaborativo, por ser uma modalidade de trabalho caracterizada por tentativas de compreender, explicar, investigar, resolver problemas, refletir e criar condições com e para os sujeitos colaboradores, como bem sinaliza Ibiapina (2016, p. 34 e 35):

[...] A pesquisa colaborativa surge como modalidade de trabalho crítico caracterizado por tentar compreender, interpretar e solucionar os problemas enfrentados pelos professores, proporcionando informações que permitem a transformação da cultura docente, pois as investigações construídas com base nesta perspectiva aliam a produção de conhecimentos à autor-reflexão, criando condições para o desenvolvimento profissional dos agentes sociais.

Logo, essa investigação implica na construção do conhecimento mediante a postura do(a) pesquisador(a) epistemologicamente curioso(a) em relação ao objeto, o que resulta na comunicação de variados aspectos, os quais podem envolver os fenômenos, inquietações, discussões e troca de experiências, bem como a construção de saberes coletivos. Dessa maneira, elegemos a pesquisa colaborativa, pois a mesma possibilita aos professores(as) momentos de participação e de investigação em parceria com o(a) pesquisador(a)

Para a coleta de dados, utilizaremos a realização de uma entrevista semiestruturada com os(as) professores(as). No decorrer do estudo, documentos podem ser acionados como o Projeto Político Pedagógico da escola ou o Plano Municipal de Ensino, contudo, a análise documental não será um instrumento fundante para coletar as informações e os dados desta pesquisa. Terei um contato inicial com os sujeitos através da visitação e depois a entrevista semiestruturada.

A entrevista, “tem sido empregada em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem fechados num formato padronizado”, (Szymanski, 2002, p. 10). Esse dispositivo possibilita um contato direto com os entrevistados(as), podendo observar seu comportamento e colher informações precisas sobre o entendimento a respeito das categorias que lhe foram questionadas. Nesse sentido, Minayo (1996) diz que a entrevista oferece dados que se dividem em duas formas:

Os da natureza objetiva – fatos concretos, objetivos – que podem ser observados por outros meios – e os de natureza subjetiva, como atitudes, valores, opiniões, que só podem ser obtidos com a contribuição de autores sociais envolvidos (Minayo, 1996, p. 108, apud Szymanski, 2002, p. 10)

Assim, na entrevista existe um processo de confiabilidade entre o(a) entrevistado(a) e o(a) pesquisador(a), pois, no decorrer do diálogo, haverá o surgimento de várias informações sobre a temática proposta que poderão ser ou não processadas como dados relevantes, sendo conduzida a todo momento pelo(a) pesquisador(a). No decorrer desse diálogo, serão realizadas reflexões sobre os conceitos de literatura, ensino da literatura, textos literários, ludicidade, letramento literário, formação de leitores e identidade. Essas categorias serão acionadas a fim de nos ajudar a refletir de forma crítica sobre a questão que norteia esta pesquisa: de que maneira a Literatura, enquanto linguagem artística, pode contribuir para o desenvolvimento da competência leitora dos(as) alunos(as) da escola pública?

Ainda no percurso destas trilhas metodológicas apresentarei na análise dos dados, com base nas entrevistas dos sujeitos colaboradores reflexões sobre algumas questões importantes para o aprofundamento desta pesquisa, a saber: 1. Pensar como a Literatura chega ao/a aluno(a) a partir do ambiente escolar; 2. De que forma a Literatura é apresentada aos alunos no contexto escolar; 3. Analisar como se estabelece a relação do(a) aluno(a) com o texto literário no seu cotidiano; 4. Refletir de que forma a Literatura pode impactar na formação identitária e comportamental desses sujeitos; 5. A metodologia docente e o trabalho lúdico na sala de aula e 6. A formação de alunos(as) leitores(as).

Por fim, ao longo da realização do projeto de intervenção, foi possível criar diálogos formativos e construir ações que coadunem e corroborem com a prática reflexiva da leitura literária na escola e, quiçá, em outras unidades de ensino.

3.1 Os Sujeitos

Os sujeitos da pesquisa foram aproximadamente 08 docentes, da EMJPF, situada na cidade de Conceição do Coité, Bahia. Os(as) participantes são graduados(as), especialistas(as) e mestres(as) egressos(as) de universidades públicas e de faculdades particulares. Cada profissional atua na sua área específica de formação. Assim, fizeram parte desta pesquisa docentes licenciados em Língua Portuguesa, Artes, Matemática, Ciências e Língua Inglesa.

3.2 O Locus

A pesquisa foi desenvolvida na EMJPF, localizada na rua Bailon Lopes Carneiro - Conceição do Coité, Bahia – s/n, formalizada pela portaria 076, publicada no Diário Oficial do dia 31/10/1997. A escola atende atualmente as modalidades de Ensino Fundamental II (Série Finais) e Educação de Jovens e Adultos. De acordo com seu Projeto Político Pedagógico (PPP), essa instituição tem como missão oferecer à comunidade serviços educacionais atualizados, dinâmicos e inovadores que contribuam para a formação de cidadãos críticos, conscientes de seus deveres e direitos e capazes de atuar como agentes de mudança em um ambiente inclusivo, participativo, aberto e integrador.

A escola possui 616 estudantes matriculados em 2024, distribuídos entre os anos e as seguintes quantidades de turmas apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 1: Anos e Turmas dos(as) Estudantes Matriculados na EMJPF

TURNO	ANOS	QUANTIDADE DE TURMAS
MATUTINO	6º	03
	7º	03
	8º	03
VESPERTINO	6º	01
	7º	01
	8º	01
	6º/7º Educação de Jovens e Adultos	01
	8º/9º Educação de Jovens e Adultos	01
NOTURNO	2º/3º Educação de Jovens e Adultos	01
	4º/5º Educação de Jovens e Adultos	01
	6º/7º Educação de Jovens e Adultos	02
	8º/9º Educação de Jovens e Adultos	02

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

O espaço físico da escola é dividido em dois pavilhões (térreo e primeiro andar). No térreo funciona a parte administrativa da escola, biblioteca, quadra esportiva, espaço de convivência, almoxarifado, sala multifuncional, sala de vídeo, cozinha, refeitório e banheiros. As salas de aula ficam no primeiro andar juntamente com a sala dos(as) professores(as), coordenação, banheiros e pátio.

Figura 05 - Fachada da EMJPF



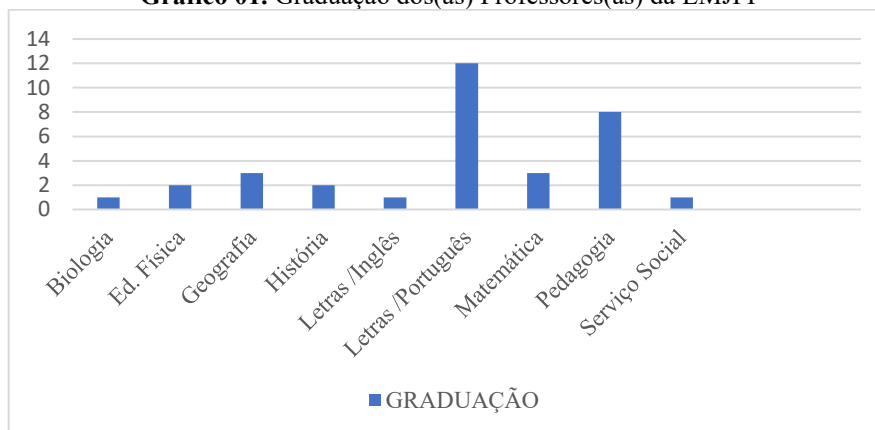
Fonte: Registro feito pela autora, 2024.

É preciso ressaltar que apesar de a escola estar localizada em uma área privilegiada, no centro da cidade, o seu público-alvo é majoritariamente da periferia urbana e rural provenientes de famílias de baixo poder aquisitivo. A maioria dos(as) alunos(as) mora longe da escola e utiliza o transporte escolar público.

O corpo docente, técnico-administrativo e pedagógico atualmente é composto por direção, vice direção, coordenação pedagógica, vinte e cinco professores(as), um(a) professor(a) para Atendimento Educacional Especializado e três auxiliares, estudantes de psicologia que dão suporte aos(as) professores(as) para auxiliar com os(as) estudantes com deficiências que necessitam de um atendimento específico, além de auxiliares de secretaria, porteiros, merendeiras e zeladoras.

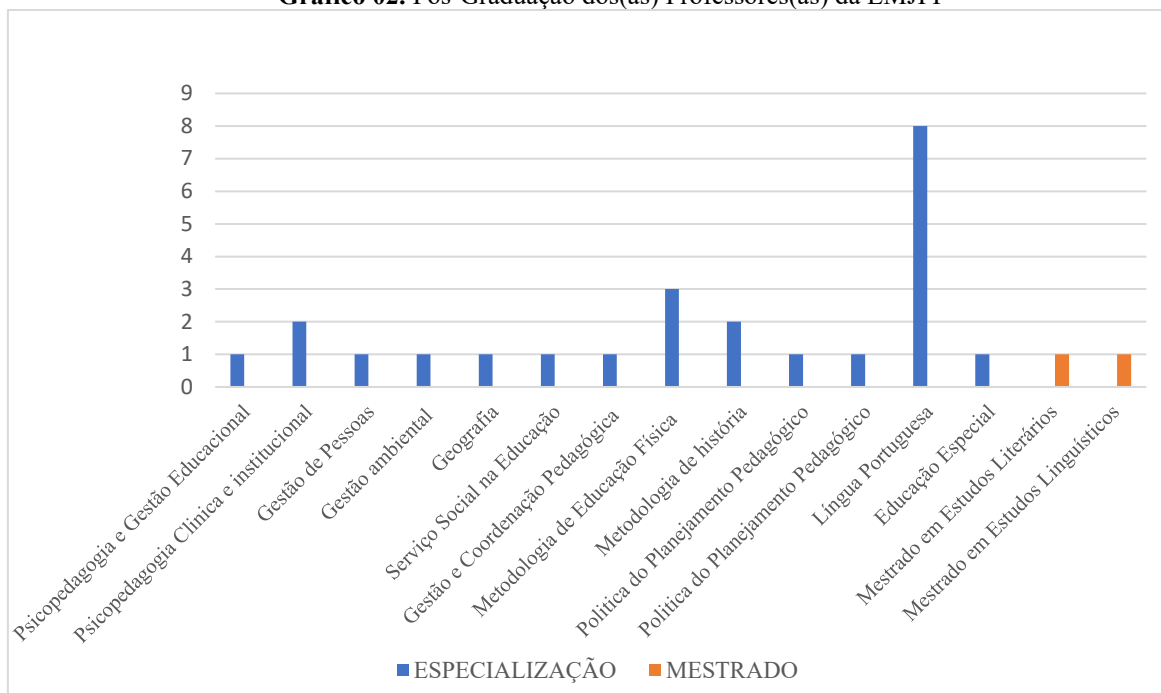
Quanto ao corpo docente, a EMJPF é composta por professores(as) especialistas e mestres(as), com os quantitativos e áreas de atuação descritas nos gráficos a seguir:

Gráfico 01. Graduação dos(as) Professores(as) da EMJPF



Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Gráfico 02. Pós-Graduação dos(as) Professores(as) da EMJPF



Fonte: Elaboração da autora, 2024.

3.3 Proposta de Intervenção

Por ser uma pesquisa realizada num Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade, propus a realização da intervenção na EMJPF da qual fui professora e gestora. Para a academia e para os mestrandos a experiência interventiva é fundamental, uma vez que pode agregar valores, conhecimentos e saberes. Desse modo, vivenciar um projeto voltado para a prática escolar pode fazer toda a diferença, pois, por meio da intervenção é possível colaborar com as ações do cotidiano da escola. As estratégias e metodologias compartilhadas possibilitam formas para agregar mais conhecimentos e aprendizados.

Pensando assim, a literatura foi e continua a ser uma das vias trilhadas cujo trajeto sugere a atribuição de sentidos ao espaço que estamos inseridos(as) e/ou que está a nossa volta. O contato com diferentes e variados textos artísticos, como: contos, poemas, crônicas, novelas, fábulas, dentre outros, favorece a construção contínua de sentidos, passando assim a constituir a identidade de cada sujeito. Candido (2011) afirma que a literatura “[...] pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos

humaniza” (Candido, 2011, p. 188). Dessa maneira, a literatura contribui para desenvolver um sujeito mais consciente e crítico sobre si mesmo e sobre o que o cerca.

Seguindo esse pensar, comecei a desenhar a proposta interventiva desta pesquisa, intitulada *Literatura de Cordel: saberes, encantos e experiências na formação leitora*, organizada através de oficinas pedagógicas. Esta ideia, dialogada com o meu orientador, professor Dr. Adriano Eysen, partiu de uma experiência que construí através da coordenação e execução do Projeto de Intervenção sobre Literatura com os(as) alunos(as) do Fundamental II e Ensino Médio com a Literatura de Cordel no Colégio Estadual Ieda Barradas Carneiro de Conceição do Coité –BA. Através desse trabalho, percebi a riqueza em explorar esse gênero literário de forma interdisciplinar. Essa experiência ocorreu em 2006 e, desde então, a literatura de cordel, que já fazia parte da minha vida, tornou-se mais presente ainda na minha prática docente. Nesse momento houve um despertar, e hoje, na condição de mestrandia do PPGED, procurei refletir sobre a importância da literatura de cordel na formação leitora dos(as) alunos(as) nesse processo de interação/colaboração com os sujeitos da pesquisa.

Percebemos que a simplicidade é uma marca importante da Literatura de Cordel: relatos de acontecimentos históricos, artísticos e folclóricos destacam-se em versos que encantam, com uma linguagem rítmica e musical capaz de envolver a pessoa com assuntos importantes e diversos. A expressividade e a emoção das rimas dos(as) cordelistas cativam a todos(as), tornando esse gênero literário tão presente, sobretudo, no nordeste brasileiro.

Para incentivar a leitura e despertar o interesse pela cultura, muitas escolas têm adotado a Literatura de Cordel como recurso didático em sala de aula para promover o engajamento dos(as) alunos(as) e o desenvolvimento criativo do texto. O trabalho sobre a Literatura de Cordel permite que os(as) professores(as) inspirados(as) pelo gênero demonstrem aos(as) alunos(as) todos os pontos fortes de sua formação artística e socioemocional.


Durante a organização do projeto, notamos a necessidade de promover um momento para os (as) professores(as) refletirem sobre as práticas pedagógicas, proporcionando, assim, uma articulação entre a vida e a educação, já que ensinar a ler e escrever não é uma tarefa fácil, por isso, buscamos momentos que oportunizassem aos(às) colaboradores(as) uma forma de compartilhar experiências e conhecimentos a partir, em especial, das suas realidades.


Os encontros foram realizados com os(as) professores(as) na sala multifuncional da EMJPF. As oficinas, intituladas *Saberes e Encantos da Literatura de Cordel* aconteceram no turno noturno, uma vez por semana, durante três semanas, o tempo previsto de duração foi de

duas horas. Logo abaixo, apresento, os quadros com imagens demonstrando o que foi realizado em cada encontro.

Quadros Interativos 1: Propostas das Oficinas Pedagógicas:
“Literatura de Cordel: saberes, encantos e experiências na formação leitora”

1º ENCONTRO

<p>1ª ETAPA</p>  <p>João, onde será a Intervenção?</p> <p>Oxente, Maria! Será na EMJPF</p>	<p>CORDEL - GÊNERO LITERÁRIO POPULAR</p> <p>Apresentação da proposta da pesquisa e relatar a importância do cordel no contexto escolar.</p> <p>Compreender como a literatura de cordel pode contribuir para a formação dos(os) leitores(as).</p>
---	---

<p>2ª ETAPA</p> 	<p>RECONHECIMENTO DO CENÁRIO NORDESTINO</p> <p>Visitar o cenário nordestino e escolher uma peça que mais se identificou e/ou despertou a sua memória afetiva.</p> <p>Observar e adotar um objeto, pois além de marcar o seu espaço nesta oficina, será a motivação para fazer o seu cordel.</p> <p>Disponibilizar cordéis impressos, escolha do cordel e leitura compartilhada.</p>
--	--

2º ENCONTRO



O CORDEL SOB O SEU OLHAR

Assistir ao vídeo **Candeiro Encantado**, refletir sobre a música e os aspectos apresentados fazendo relação com a literatura de cordel.

Criação dos cordéis utilizando o objeto escolhido.

Leitura e reflexão sobre os cordéis.




CAFÉ CORDELIZADO E RODA DE CONVERSA

Assistir ao Vídeo **Clipe- Xaxado Pisada do Sertão**.

Reflexão sobre a música e os aspectos mostrados no vídeo.

Apresentação e declamação dos cordéis, os quais foram discutidos pelos(as) autores(as) e por todos(as) presentes.

3º ENCONTRO

 <p>1ª ETAPA</p>	<p>CAMINHOS PERCORRIDOS E A PECORRER</p> <p>Oportunizar aos colaboradores(as) um momento para avaliarem os encontros, bem como colocar os pontos positivos e negativos das oficinas e suas vivências durante as mesmas.</p> <p>Socializar as experiências e confraternizar.</p> <p>Agradecimentos e entrega das lembrancinhas.</p>
--	---

Fonte: Imagens retiradas do acervo da pesquisadora e do domínio público disponível em: www.google.com, 2024.

De forma mais detalhada, apresentamos na tabela 02 - Planejamento das sequências didáticas para as oficinas, o passo a passo com as sequências didáticas para as oficinas. Nessa proposta de estudo, busquei a partir das obras literárias, dialogar sobre Literatura, competências leitora e literatura de cordel, dando ênfase a importância dessas tanto na formação leitora e indelével dos(as) alunos(as). Iniciaremos nossa travessia pelas obras dos autores que versam sobre tais temáticas, bem como imagens que retratem o sertão nordestino, buscando trazer alguns aspectos da realidade dos(as) estudantes e compreender o papel da literatura na escola. Nessa proposta, a Literatura, apresentada através do gênero de Cordel, assume a linguagem artística capaz de potencializar desenvolvimento da competência leitora, não apenas na disciplina de Língua Portuguesa, pois teremos docentes de diferentes áreas.

Tabela 02: Planejamento das Sequências Didáticas para as Oficinas

ENCONTROS	TEMAS	AÇÕES A SEREM DESENVOLVIDAS
1 ° ENCONTRO	1ª Etapa Cordel - gênero literário popular	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação da pesquisadora e sujeitos colaboradores; 2. Apresentação da proposta da pesquisa; 3. Discutir acerca da importância do cordel no contexto escolar; 4. Compreender como a literatura de cordel pode contribuir para a formação dos leitores(as).
	2ª Etapa Cenário nordestino X Memória afetiva	<ol style="list-style-type: none"> 1. (Re)conhecimento do cenário nordestino; 2. Escolher um objeto que mais se identificou e/ou despertou a sua memória afetiva; 3. Adotar o objeto escolhido, pois além de marcar o seu espaço nesta oficina, será a motivação para fazer o seu cordel; 4. Disponibilizar cordéis impressos; 5. Cada participante deve escolher um cordel e, a partir daí, fazer uma leitura compartilhada.
2° ENCONTRO	1ª Etapa Saberes e encantos do cordel	<ol style="list-style-type: none"> 1. Exibição do vídeo <i>Candeeiro Encantado</i>; 2. Reflexão sobre o vídeo, a música Candeeiro Encantado, de Lenine e os aspectos temáticos a serem trabalhados serão: o sertão, a natureza e as tradições. fazendo relação com a literatura de cordel; 3. Cada participante deve criar um cordel utilizando como tema o objeto escolhido; 4. Apresentação dos cordéis, leitura e reflexão dos mesmos.
	2ª Etapa Café Cordelizado e Roda de conversa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Mesa posta para o Café Cordelizado; 2. Convidar os(as) participantes para se sentarem ao redor da mesa a fim de se servirem; 3. Exibição do Vídeo Clipe - <i>Xaxado Pisada do Sertão</i>; 4. Reflexão sobre a música e os aspectos mostrados no vídeo. 5. Declamação dos cordéis e reflexão crítica sobre os mesmos.
3° ENCONTRO	1ª Etapa Caminhos percorridos e a percorrer	<ol style="list-style-type: none"> 1. No primeiro momento, oportunizar aos/às colaboradores/as um tempo para avaliarem os encontros, bem como colocar os pontos positivos e negativos das oficinas e suas vivências durante as mesmas; 2. No segundo momento, socialização da experiência e confraternização; 3. No terceiro momento, agradecimentos e entrega das lembrancinhas.

Fonte: Criação e elaboração da autora, 2023.

Após o término do projeto, foi a vez de visitar à EMJPF. Nosso primeiro contato foi com a diretora da Escola a Prof. Edney Souza dos Santos Silva para apresentar o Projeto de

Intervenção intitulado *Literatura de Cordel: saberes, encantos e experiências na formação leitora*. Destacamos a receptividade positiva da gestora em relação ao projeto e a generosidade dela durante o encontro. Além disso, menciona a escolha da sala multifuncional, sugerida pela gestora por ser térrea e arejada, como o espaço ideal para desenvolver as atividades do projeto.

Para agilizar a aplicação do Projeto de Intervenção, foi realizado outro encontro, com a presença da coordenadora pedagógica, para discutir o calendário e a disponibilidade dos participantes. A diretora comprometeu-se a conversar com os(as) professores(as) sobre a participação, sugerindo marcar a intervenção durante o turno noturno. Após algumas semanas, a Prof. Edney Souza agendou a intervenção para a segunda semana de maio. A coordenadora pedagógica prontificou-se a encontrar um dia que atendesse a todos(as) os(as) participantes.

A escola, comprometida com a formação leitora e a formação integral do cidadão, deve oferecer uma educação de qualidade e participativa, onde todos(as) tenham voz e vez. Essa responsabilidade é compartilhada entre gestores(as), coordenadores(as) pedagógicos(as), professores(as), funcionários(as), pais, mães e alunos(as), trabalhando de forma integral e contínua.

Em 2006, ao implementar um Projeto de Intervenção sobre Literatura de Cordel com alunos(as) do Fundamental II e Ensino Médio em uma escola pública, percebi a riqueza de trabalhar com esse gênero de forma interdisciplinar. O projeto culminou em uma avaliação da IV unidade, e desde então, a Literatura de Cordel tornou-se fundamental para minha prática docente e formação leitora. Como professora, essa experiência ajudou os(as) alunos(as) a se aproximarem dos textos literários e a desenvolverem uma relação mais vertical com a leitura. Atualmente, como mestrande e pesquisadora da mesma temática, busco demonstrar a importância da Literatura de Cordel na formação leitora dos(as) alunos(as).

A literatura é uma das vias que possibilitam atribuir sentidos aos espaços ao nosso redor. O contato com variados textos artísticos, como contos, poemas, crônicas, novelas e fábulas, favorece a contínua construção de sentidos, contribuindo para a formação da identidade do sujeito. Segundo Cosson (2022, p. 16) “[...] A literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo.” Logo, a literatura contém uma vasta quantidade de conhecimento e compreensão sobre a natureza humana e a realidade ao nosso redor. Ela reflete e explora as experiências, emoções, culturas, e pensamentos humanos, oferecendo uma compreensão profunda tanto do ser humano quanto do mundo em que vivemos.

A simplicidade é uma característica importante da Literatura de Cordel, destacando relatos de acontecimentos históricos, artísticos e folclóricos em versos encantadores. A

linguagem envolvente e a expressividade das rimas dos cordelistas cativam diversos(as) leitores(as) no Brasil e em diversas partes do mundo. Para incentivar a leitura e promover a cultura, muitas escolas adotam a Literatura de Cordel como recurso didático, visando engajar os(as) alunos(as) e desenvolver sua criatividade textual. Esse trabalho permite que professores(as), inspirados(as) no gênero, mostrem aos(as) alunos(as) os pontos fortes de sua formação artística e socioemocional.

Segundo Abreu (1999), a literatura de cordel popularizou-se devido à materialidade do folheto, tornando-o acessível para diferentes classes sociais e culturais. O nome "cordel" origina-se do fato de os livrinhos serem pendurados em cordéis ou varais para venda. Um professor de português, conhecedor desse gênero literário, pode realizar atividades de leitura de forma eficiente e prazerosa, explorando as estruturas e linguagem do cordel e considerando os descritores de habilidade de leitura da Matriz de Referência em Português para a Prova Brasil (Brasil, 2009).

A literatura de cordel tornou-se o atual projeto de intervenção, segundo Abreu (1999), intitulado “Literatura de cordel: conhecimento, fascínio e experiência na formação do leitor”. A linguagem como arte facilita o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribui para a formação da identidade dos alunos, aprofundando seus conhecimentos sobre este gênero literário e proporcionando a oportunidade de expressarem seus pensamentos. Este projeto de intervenção, centrado na cultura popular, valoriza o papel do cidadão na sociedade através da história local, da literatura e de outras linguagens artísticas como a xilogravura.

O Projeto de Intervenção *Literatura de Cordel: saberes, encantos e experiências na formação leitora* contemplavam, inicialmente, professores(as) de Língua Portuguesa e Artes, mas, surpreendentemente, docentes de outras disciplinas, como Matemática, Ciências e Língua Inglesa, também quiseram participar, tornando o projeto transdisciplinar. Desenvolvido por meio de oficinas, o projeto visava socializar e compartilhar experiências para colaborar com a formação de leitores(as) e todos(as) os interessados(as) na Literatura de Cordel.

Durante os encontros, discutimos com os(as) professores(as) acerca da criação de um e-book. Eles(as) acolheram a proposta, pois, a mesma pode ser utilizada nas escolas do município para contribuir com a formação de leitores(as) e democratizar o acesso à literatura produzida, sobretudo, no Território do Sisal. Além disso, é possível contribuir com a qualidade na educação do município ao fomentar, em especial, a leitura de professores(as) e estudantes.

A metodologia envolveu teoria e prática, visando trabalhar com leitura e produção textual. O desenvolvimento do Projeto de Intervenção aconteceu em três encontros. Todos no

turno noturno, conforme a disponibilidade dos professores. Para assegurar a compreensão e a viabilização da oficina, foi necessário dividi-la em cinco etapas.

Na primeira etapa, os(as) professores(as) e a pesquisadora se apresentaram. Em seguida, foi feita a exposição da proposta de pesquisa e de intervenção, enfatizando os objetivos geral e específicos. Logo após, houve uma breve explanação sobre a Literatura de Cordel e sua importância na escola, seguida pela exibição de uma reportagem do *Globo Rural*¹⁸. Isso abriu espaço para que os participantes pudessem refletir sobre a reportagem, expressar suas impressões, questionamentos e expectativas em relação ao projeto. O objetivo também era perceber o grau de interesse dos(as) participantes pela Literatura de Cordel e compreender como a mesma pode contribuir para a formação dos(as) leitores.

Na segunda etapa, os professores foram ao cenário nordestino e escolheram uma peça que mais os identificou ou despertou sua memória afetiva. Observaram detalhadamente o objeto escolhido, pois além de marcar seu espaço na oficina, serviu como motivação para a criação de seu próprio cordel, que seria socializado no próximo encontro. Com efeito, a pesquisadora disponibilizou alguns cordéis impressos e cada participante escolheu um para realizar uma leitura compartilhada. Essa estratégia permitiu aos(as) professores(as) perceber a estrutura, entonação e rimas utilizadas nos cordéis.

Na terceira etapa, assistimos ao vídeo *Candeeiro Encantado* e refletimos sobre a música fazendo uma relação com a Literatura de Cordel. Em seguida, foi dado um tempo para a criação de 3 a 5 estrofes de cordel motivadas pelo objeto escolhido. Posteriormente, os(as) participantes fizeram a leitura e refletiram sobre o cordel.

No segundo encontro, na quarta etapa foi utilizada uma roda de conversa em um *Café Cordelizado*, promovendo um ambiente informal e acolhedor com relevantes trocas de ideias. Foi um momento ímpar do projeto, pois fizemos um Café Cordelizado utilizando a roda de conversa. Iniciamos com uma conversa informal: rememorando o encontro anterior. Durante o café, assistiremos ao *Video Clipe- Xaxado Pisada do Sertão*, procuramos refletir sobre a música e os aspectos mostrados no vídeo. Ouvimos também algumas músicas do “Rei do Baião” Luiz Gonzaga.

Ainda durante o café, deu-se início as apresentações dos cordéis. Os quais formam declamados pelos autores/as e discutido por todos presentes. Diante disso, percebemos grande interesse e participação no grupo, atingindo o objetivo de promover um encontro com os

¹⁸ Literatura de cordel globo rural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>. Acesso em: 03 de abril de 2024

professores(as) da EMJPF para compreender como a literatura de cordel pode potencializar o desenvolvimento da competência leitora e contribuir para a formação identitária dos alunos. Reconhecer os gêneros literários, especialmente o Cordel, é essencial, pois faz parte de nossa cultura. Identificar características do nordeste nos textos literários é significativo. Nesse contexto, trabalhar com a literatura popular torna a aprendizagem atraente e incentiva os alunos a usarem a oralidade como forma de comunicação e expressão poética.

Conforme Antunes (2011), as oficinas pedagógicas sugerem que a aquisição do conhecimento se estabelece por meio de metodologias que estimulem o interesse, a participação, a autonomia, a criatividade, a curiosidade intelectual e o prazer de aprender. Por isso percebo que as oficinas são adequadas para esta proposta interventiva, uma vez que as mesmas constituem a possibilidade de estabelecer uma prática pedagógica reflexiva, crítica e colaborativa.

Como ferramenta pedagógica e de apoio didático, as oficinas trazem propostas lúdicas com intuito de incentivar os(as) alunos(as) a desenvolverem suas competências e habilidades, além de trabalhar as suas possíveis dificuldades de ensino/aprendizagem superando-as gradualmente. A questão básica da oficina é inovar, disseminar o conteúdo de forma mais simples e atrativa. Trazer as disciplinas escolares para o dia a dia dos(as) alunos(as), uma vez que ensinar e aprender não devem ser atividades mecânicas, mas, criativas, inclusivas, plurais e críticas.

Por fim, ao vivenciar essa experiência das oficinas pedagógicas, os(as) docentes podem pensar outras possibilidades de ações para o desenvolvimento da competência leitora dos seus(as) alunos(as). As oficinas permitem uma análise da realidade de cada aluno(a) sem a fuga do conteúdo que deve ser abordado, além de possibilitar o intercâmbio de experiências em que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, porém, ao longo de todo processo de construção do conhecimento. São situações de ensino e aprendizagem de forma aberta e dinâmica, sendo uma valiosa forma estratégica para a formação tanto dos(as) educadores(as), quanto dos(as) discentes. Para Ferreira (2001) as oficinas pedagógicas, como proposta metodológica, se constituem em

estratégia para o sucesso escolar, na medida que permite organizar situações de motivação, de sistematização e de avaliação da aprendizagem, adaptada às necessidades e dificuldades específicas dos alunos, segundo processos diversificados que lhes possibilitem tornar-se conscientes de suas possibilidades e emergir o desejo de aprender e transformar as capacidades em competências. (Ferreira, 2001, p.13)

Pensando nisso, as oficinas pedagógicas são uma estratégia de aprendizagem não só para a formação de professores, mas também para crianças, jovens e profissionais das escolas onde as oficinas são realizadas. Ferreira (2001) identificou a interação social e o trabalho colaborativo como marcas das oficinas. Destarte, com as oficinas, os(as) professores(as) tanto ensinam como aprendem. Há uma troca mútua de conhecimentos de forma descontraída, na qual ambos os lados podem amadurecer intelectualmente.

Por fim, no último encontro, os(as) colaboradores(as) tiveram um momento para avaliarem as oficinas e socializarem as suas experiências. Nosso projeto foi prestigiado também pela diretora, vice-diretor, outros(as) professores(as) e alguns(as) funcionários(as), inclusive com a presença de todos(as) no café. Logo após, tivemos a sessão de fotos e finalizamos com agradecimentos a todos que participaram direta e indiretamente das atividades. Assim, encerramos com uma singela confraternização e entrega das lembrancinhas.

Figura 6: Lembrança do Projeto de Intervenção



Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Figura 7: Lembrança do Projeto de Intervenção



Fonte: Elaboração da autora, 2024.

A construção do projeto visou refletir sobre os debates em torno do ensino de literatura nas escolas, destacando a importância e a significância de trabalhar com textos literários para explorar a realidade sociocultural dos(as) alunos(as). O letramento literário deve integrar a literatura e gêneros literários como o cordel ao currículo de Português e/ou em outras disciplinas, tornando a prática de leitura mais eficaz e contribuindo para a formação de leitores(as) nas escolas. Portanto, a literatura tem um papel crucial na vida dos indivíduos e na construção do conhecimento, permitindo aos(as) alunos(as) sonhar, expandir seu pensamento, abrir horizontes e refletir sobre diferentes aspectos da vida, além de transformá-los(as) em sujeitos ativos e responsáveis por sua própria aprendizagem e cidadania.

4 ANÁLISE DE DADOS

Nas travessias desta pesquisa, contamos com a participação de 08 (oito) professores(as) do Ensino Fundamental II, da EMJPF. Com eles(as) forjamos uma relação de escuta e diálogo colaborativos coletando dados que precisam ser, aqui, compartilhados e analisados como quem debulha saberes e experiências no chão da escola. Desse modo, buscamos entender de que forma o texto literário, como uma linguagem artística, pode potencializar o desenvolvimento da competência leitora e contribuir no processo de formação identitária dos(as) alunos(as) da EMJPF.

Nesse contexto, realizamos entrevistas semiestruturadas com professores (as) que lecionam as disciplinas de Português, Inglês, Matemática e Ciências nas turmas do 8º e 9º anos, em 2024. Foram disponibilizadas 07 (sete) questões, as quais deveriam ser respondidas com base nas experiências dos sujeitos colaboradores. Com efeito, os resultados obtidos no estudo são apresentados a seguir, considerando o anonimato dos(as) professores(as) por razões éticas.

Procuramos priorizar os(as) professores(as) da área de Linguagem como colaboradores(as) de nossa pesquisa, mas, ao entrar em contato com eles(as), não conseguimos o quantitativo esperado ao chegar na escola. Alguns professores(as) da área de Linguagem não tiveram interesse, outros(as) não puderam por conta da carga horária ou só poderiam participar durante as Atividades Complementares (AC), ficando inviável por conta da agenda de cada um(a). Então, como encontramos professores(as) de outras áreas que quiseram participar, aceitamos o desafio transdisciplinar.

As sete questões que compuseram as entrevistas semiestruturadas têm como escopo investigar possíveis experiências dos(as) professores(as) com a literatura: quais autores(as) e obras que os(as) influenciam no processo de formação leitora de cada um(a); a maneira que a literatura contribui para a formação crítica e estética desses sujeitos; se eles(as) leem a literatura de cordel; a relação desses(as) leitores(as) com esse gênero literário; se essa literatura contribui para a potencialização da competência leitora dos (as) alunos(as) e os desafios enfrentados por eles(as) em suas aulas e se a formação acadêmica interferem positivamente nas suas práticas pedagógicas. As respostas dadas foram divididas em dois blocos: o primeiro trata da formação acadêmica/leitora e experiência literária e o segundo detém-se a contribuição da literatura de cordel e os desafios ao trabalhar a leitura e a escrita.

Levando em consideração as informações obtidas a partir dos depoimentos dos(as) oito professores(as) colaboradores(as), foi possível, revisitar gradualmente os dados coletados para

aprofundarmos as nossas reflexões críticas acerca do que nos propomos ao longo desta pesquisa. Neste grupo pesquisado, contamos com dois (02) professores e seis (06) professoras, sendo que cinco (05) têm entre 30 a 49 anos e três têm mais de 50 anos. Em relação à formação acadêmica, todos(as) são graduados e pós-graduados (especialização) e um tem mestrado. Todos(as) atuam em suas áreas de formação, porém 03 deles(as) completam a carga horária com outra disciplina. Quatro (04) atuam somente nas séries finais do Ensino Fundamental II e quatro (04) também trabalham com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Com base nas descrições dos(das) professores(as), percebe-se que eles(as) têm longo tempo de serviço, possuem formação e experiência no Ensino Fundamental II e na EJA, conferindo-lhes, assim, habilidade, competência e/ou prática de leitura significativas.

Neste primeiro bloco iniciaremos a análise a partir da primeira pergunta realizada na entrevista: **Qual a sua formação acadêmica e de que forma ela interfere na sua prática pedagógica?** Cinco (05) colaboradores(as) responderam a primeira pergunta de forma clara e demonstraram que suas formações contribuíram efetivamente para as suas práticas pedagógicas, como podemos perceber na resposta do professor abaixo, que por questões de respeito, à identidade são nomeadas por pseudônimos¹⁹.

Eu sou formado em Letras Vernáculas pela UNEB. Fiz Pós-Graduação na Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e essas duas formações me favoreceram, pois me proporcionou um olhar mais aguçado sobre a Língua Portuguesa e sobre tudo que é concernente à disciplina da área de linguagens, me permitindo um horizonte maior, para que eu possa também colaborar de forma mais efetiva na educação das nossas crianças. (Professor Gonçalo)

No trecho acima, o professor Gonçalo enfatiza a importância da formação continuada e do desenvolvimento de uma perspectiva crítica sobre a educação, o que vai ao encontro do pensamento de Freire (2000). Este, conhecido por seu trabalho em pedagogia crítica, enfatizou a importância da educação não apenas como transmissão de conhecimento, mas, acreditava que ela deve ser um processo de compreensão, com diálogo contínuo entre educadores(as) e alunos(as) para promover uma compreensão crítica da realidade e a capacidade de transformar a realidade. Então, ao mencionar como a sua formação proporcionou “uma compreensão mais clara da língua portuguesa” e uma “perspectiva mais ampla”, nos reflete a ideia de Freire (2011)

¹⁹ Em todas as falas dos sujeitos desta investigação, serão utilizados pseudônimos a fim de preservar a sua identidade.

de que a educação deve ampliar a visão de mundo de um indivíduo, permitindo-lhe compreender e questionar a sua própria realidade. Freire (2011) acreditava que o conhecimento não é algo estático que se transfere simplesmente do(a) professor(a) para o(a) aluno(a), mas é algo dinâmico que se constrói por meio da interação e da reflexão crítica.

Assim como o professor Gonçalo, a professora Alice também tem formação em Letras pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Ambos licenciados pelo Departamento de Educação-Campus XIV, em Conceição do Coité:

Eu sou licenciada em letras pela UNEB. Eu trabalho hoje na sala de recursos, de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Na verdade, durante os 10 anos ensinando a Língua Portuguesa, eu trabalhei bastante com literatura. Isso me ajudou bastante na questão do desenvolvimento da leitura dos alunos, pois a literatura é muito rica em significado. Hoje eu trabalho bem menos, porém, ela também faz parte do meu trabalho dentro da sala de recursos e nos projetos da escola também. (Professora Alice)

Percebemos no depoimento dela que a experiência de dez anos lecionando português e desenvolvendo trabalhos em literatura criou um repertório vasto e significativo que atualmente é utilizado para enriquecer o ensino especializado. Assim sendo, a literatura desenha-se como espaço favorável para integrar experiências e dar significado à vida. Essa prática não consiste apenas na transferência de conhecimento, mas a criação de um ambiente coletivo de aprendizagem.

A formação literária e a realização de atividades no ensino da língua portuguesa (com ênfase na literatura), podem ser valiosas no desenvolvimento das habilidades de leitura dos(as) alunos(as). A literatura é rica em significado e oferece aos alunos(as) excelentes oportunidades para explorar diferentes perspectivas, aumentar o vocabulário e desenvolver o pensamento crítico. O atual trabalho nas salas de recursos, embora em número reduzido, é vital para a continuidade da educação inclusiva e profissional e contribui para o desenvolvimento integral dos(as) alunos(as).

A professora Cecília, formada em Letras Vernáculas e pós-graduada em Psicopedagogia, nos informou que a combinação dessas duas formações tem sido extremamente valiosa na sua atuação profissional, especialmente na área de linguagens. A integração dos conhecimentos linguísticos com a prática psicopedagógica possibilita uma compreensão mais abrangente das dificuldades enfrentadas por professores(as) e alunos(as). A formação em Letras Vernáculas a fornece uma base sólida no estudo da língua portuguesa e da literatura, essenciais para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos(as)

alunos(as). A Psicopedagogia, por outro lado, lhe permite compreender os processos de aprendizagem e as dificuldades específicas que os(as) alunos(as) podem enfrentar, possibilitando-lhe desenvolver estratégias de ensino mais eficazes e inclusivas.

Nesse contexto, destacamos também a fala do professor Horácio ao pontuar que:

“[...] o professor que eu sou hoje após o mestrado e o professor que eu fui antes dele, é uma diferença muito grande, foram muitas reflexões realizadas. Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, dando ênfase, é claro! No meu caso, A linguística. É porque a minha prática pedagógica se faz assim muito de maneira. É muito de maneira do chão mesmo, da sala de aula, no sentido de eu sou professor de língua portuguesa desde o primeiro semestre da graduação. Então, tudo, tudo o que eu vivenciava na universidade, em certa medida, eu já ia vendo se eu conseguia colocar em prática na sala de aula. E eu inquietava muito os meus professores naquele momento, porque eu dizia assim: Bem, isto aqui que o autor X diz que dá certo na sala de aula, não dá. Ou então isso aqui dá certo, mas antes a gente precisa fazer, precisamos contextualizar e ressignificar. Eu não sou, né? Digamos. Não é uma verdade absoluta para muitas pessoas. O autor que eu questionei deu certo. E o que eu achei que dava certo naquele momento, não deu. E eu acho que as teorias se fazem dessa forma.

[...]. (Professor Horácio)

O discurso do professor acima sobre sua evolução como educador, principalmente após o mestrado, pode ser comparado com a abordagem de alguns escritores e educadores que refletem sobre a prática docente e a teoria aplicada em sala de aula. Tal comentário, remete-nos ao pensamento de Lev Vygotsky (2007), um psicólogo russo cujas teorias destacam a interação social e o contexto cultural como fundamentais para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Ele defendia que a aprendizagem é um processo social, enfatizando que os educadores devem incorporar o contexto e as interações sociais ao planejar suas práticas pedagógicas.

Para Freire (1996, p.38) “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o que fazer”, ela não se limita à aplicação de técnicas ou métodos de ensino, mas exige reflexão e pensamento consciente sobre essa prática. Assim como Freire, o professor Horácio procura valorizar a experiência prática do educador e a necessidade de adaptar seu conhecimento às circunstâncias específicas da sala de aula. O termo “pensar certo” utilizado por Freire revela que esse pensamento não é apenas tecnicamente correto, mas também ético e moralmente correto. Isto significa que os professores não só realizam atividades educativas, porém, outrossim, avaliam e refletem continuamente sobre como essas práticas impactam os(as) alunos(as), o processo de aprendizagem e o contexto educacional mais amplo.

O professor Horácio, ainda reconhece que existem incertezas no desenvolvimento e aplicação da teoria. Mesmo uma ideia que parece certa à primeira vista, pode não funcionar como esperado no final. Entendemos que o ato de questionar e criticar a teoria existente é crucial. No caso citado pelo professor Horácio, que uma abordagem ou ideia era correta, enquanto outras suposições que inicialmente eram corretas não se sustentavam. Sabemos que a construção do conhecimento e da teoria é dinâmica e envolve tentativa e erro. As teorias são elaboradas testando certas ideias e refutando outras ideias. A atitude desse professor demonstra a necessidade de flexibilidade intelectual e abertura para mudanças de ideias. Reconhecer que algo aparentemente certo não funciona é um passo importante para possibilitar transformações em suas práticas pedagógicas.

Os(as) demais professores(as) sinalizaram a importância de ter uma formação continuada, pois, a mesma interfere positivamente em suas práticas pedagógicas. Ressaltaram que esse conhecimento precisa coadunar com o processo de formação dos(as) alunos(as) em sala de aula de forma contextualizada, ou seja, é preciso entender a que lugar esses sujeitos pertencem e estabelecer correlações com a própria vida. Assumindo aqui “[...] a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.” (Freire, 1996. p.26- 27) Não se tratando apenas de um ensino de conteúdos especificamente acadêmicos, porém, de uma formação holística dos(as) alunos(as) como sujeitos críticos e cidadãos capazes de contribuir para a transformação do mundo.

Ainda no primeiro bloco, partiremos para a segunda questão: **Qual foi sua primeira experiência significativa com a literatura?**

As respostas dos(as) professores(as) exemplificam como a literatura pode impactar as pessoas de forma diversa e subjetiva, pois, cada uma expõe experiências e descobertas únicas. Observemos alguns depoimentos transcritos:

Foi através um projeto que nós fizemos na escola, um projeto de leitura com alguns professores e nós trabalhamos com o livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Os Sertões* de Euclides da Cunha, onde os meninos leram a obra e apresentaram um seminário. No final do projeto, nós fomos visitar a cidade de Canudos. Eles vivenciaram muitas cenas do filme naquele lugar. Foi muito interessante. (Professora Alice)

No fragmento acima, percebemos uma experiência significativa com a literatura durante a realização de um projeto escolar denominado Projeto de Leitura: o imaginário e a realidade

em “*Vidas Secas*” e “*Os Sertões*”²⁰. Nota-se na fala dessa professora que o ponto culminante do projeto foi uma visita à cidade de Canudos, onde os(as) alunos(as) vivenciaram muitas das cenas descritas no livro. Essa imersão no ambiente e na história de *Vidas Secas* e *Os Sertões* foi trazido pela docente como um momento extremamente importante, uma vez que marcou profundamente a relação dos(as) envolvidos(as) com a literatura.

O professor Gonçalo nos apresenta uma experiência vivenciada na própria graduação no Curso de Letras Vernáculas, apontando que

A primeira experiência significativa com a literatura ocorreu no curso de Letras, ao ler "Literatura e sociedade" de Antônio Cândido, que ampliou a visão sobre a relação entre literatura e vida social. Outros autores do curso, como Bakhtin, também contribuíram para uma compreensão mais profunda da linguagem e dos preconceitos linguísticos. (Professor Gonçalo)

Esse depoimento remete-nos ao pensamento crítico de Antônio Candido (1995), pois para ele, o ser humano tem o direito também “[...] à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura” (Candido, 1995, p.241). O autor entende a literatura em seu conceito mais amplo como uma forma universal de expressão em que o ser humano vive plenamente, visto que ninguém consegue viver sem o contato com fábulas e ficção, como ressalta Candido (1995, p. 242):

[...] durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito –, como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (Candido, 1995, p.242)

O autor enfatiza que a função da literatura é humanizar, porque a mesma contribui de maneira direta e indireta o processo formativo de um sujeito, oportunizando-lhe sentir e pensar a vida de forma profunda e plural. Esse pensamento coaduna também com a fala da professora Bárbara, quando nos diz que a literatura faz parte da sua vida desde o período de estudante.

[...] Lembro-me de quando era estudante, daquela coleção Vagalume... O contato com a literatura era esse e eu gostava muito! Depois fui pra área de exatas. Mas isso não fez com que eu deixe de trabalhar nas minhas aulas com textos. Adoro trabalhar com textos e redação. Não importa o tema, seja voltado pra números, seja pra outras áreas, sempre estou buscando esse texto

²⁰ Projeto de Leitura realizado com todas as turmas do 8º e 9º Anos da EMJPF no ano de 2005.

pra enriquecer as aulas. Sem contar também com os paradidáticos, utilizo-os bastante porque é uma forma dos alunos também não pararem. Eles veem que a leitura do livro não só está voltada pra área de linguagem, mas na área de exata também. Em Matemática a gente também pode estar fazendo o uso da literatura com livro paradidático e assim vai... Dessa forma, eles podem ver os conteúdos de uma forma mais divertida. (Professora Bárbara)

Ainda através dessa fala, percebemos que a leitura não se limita à área de Linguagem, mas também pode ser aplicada em outras áreas, a exemplo de matemática. A professora Bárbara utiliza a literatura paradidática em suas aulas de exatas para tornar o conteúdo mais acessível e interessante. Isso ajuda a mostrar que a literatura é transdisciplinar, e enriquece o trabalho de diversas disciplinas. A resposta supracitada demonstra uma ligação contínua e multifacetada com a literatura, mesmo em áreas muitas vezes consideradas distintas, como a de exatas. Essa ideia reforça que a literatura pode ser integrada de maneira criativa e eficaz em diferentes áreas do conhecimento, destacando a importância da leitura no processo de formação dos(as) alunos(as), como também, a utilização desse material para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais lúdico e, portanto, eficiente.

Corroborando com esse pensamento, a professora Francisca afirmou que embora seja formada na área de Ciências Biológicas, ela já trabalhou com outras disciplinas, a exemplo da literatura: “Eu sou da disciplina de ciências, porém trabalho com outras. Já trabalhei com Geografia, com educação física, com artes, com religião. Até empreendedorismo já trabalhei. E tudo isso envolve a literatura”. (Professora Francisca)

Prosseguindo, a professora Diva também iniciou sua experiência leitora na infância. Vejamos o que ela nos diz:

Eu fui uma criança leitora, sempre gostei de ler contos de fadas, estória em quadrinhos. No momento que ingressei na universidade, comecei a ler outras obras. Eu gosto muito de ler romances, tanto de autores brasileiros quanto autores de outros países. De forma geral, eu acredito a criança leitora que fui, foi significativo para me tornar um adulto leitor. (Professora Diva)

Ler desde a tenra idade proporcionou a Professora Elisa uma base sólida para a construção da sua formação leitora, a curiosidade intelectual e, principalmente, o amor pela literatura; uma relação profícua que parece permanecer na idade adulta. Então, desde as primeiras leituras infantis, perpassando por toda sua experiência na escola, a literatura fez parte da sua jornada, moldando, assim, uma relevante experiência literária. Cosson (2022, p.17) afirma que “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa própria experiência.”

O professor Horácio traz em seu relato, abaixo, uma experiência bastante significativa, uma vez que nos apresenta uma situação muito comum entre os(as) estudantes dos cursos de graduação. Ele traz a sua relação com a literatura em meio aos estudos enquanto discente de graduação e professor, já vivenciando algumas experiências com os textos literários.

Eu fui professor de literatura nesse mesmo período, ainda estudando na graduação. Tive a sorte de ser professor do Ensino Médio. Então, eu tive mesmo que me debruçar para aprender para dar aula. E aí era uma labuta, porque eu recém saído da Educação Básica precisava dar conta dos meus trabalhos acadêmicos e também da escola. Onde eu estudava e aprendia para conseguir ensinar aos meus alunos. Pense lá, no primeiro ano do Ensino Médio, desde a era medieval até chegar à pós-contemporaneidade. Assim, a minha relação com a literatura, se forjou, digamos que também, em relação ao ensino de língua Portuguesa, da Gramática, da Linguística, do chão da sala de aula, tendo que aprender para ensinar. (Professor Horácio)

De acordo com Paulo Freire (1996, p.24): “[...] aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torna-lo mais e mais criador.” O professor Horácio ressalta que ensinar literatura desde a Idade Média até a pós-contemporânea é uma tarefa difícil, mas extremamente impactante, já que a relação com a literatura se desenvolveu estreitamente, ao mesmo tempo em que lecionava Português, Gramática e Linguística. A necessidade de aprender para ensinar os(as) alunos (as) proporcionou-lhe uma compreensão mais profunda e prática da literatura, abrindo seu caminho para a docência.

Esse depoimento nos permite lembrar que “educar é substantivamente formar” (Freire, 1996, p.33). Esta reflexão nos mostra a profunda ligação entre a educação e a formação integral do indivíduo, enfatizando a responsabilidade e o impacto das ações educativas em sua vida. É um processo que vai além da simples transmissão de conhecimentos, já que envolve leituras, reflexões críticas, desenvolve habilidades, competências, criatividade, experiências lúdicas e, conseqüentemente, promove o crescimento pessoal e social dos(as) alunos(as) para ajudá-los(as), possivelmente, a enfrentar a complexidade e os desafios da vida.

As vivências com a literatura na graduação não pararam na fala deste professor. A professora Cecília também faz esse recorte e traz a presença da literatura local através do poeta local Carlos Neves.

Eu tive na faculdade muitas experiências assim, mas o que me marcou mesmo foram os momentos em que participava muito com as atividades propostas pelo professor Carlos Neves. Tanto na faculdade quanto fora dela, a maneira dele trabalhar é uma coisa que encanta. A literatura de Cordel que ele usa deixa a gente apaixonada, na verdade. (Professora Cecília)

Falaremos mais adiante sobre a literatura de cordel, mas destacamos no trecho acima que a professora Cecília demonstrou um encantamento e fascínio ao retratar esse gênero literário, demonstrando que “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (Freire, 1996, p.142).

Finalizando a análise dessa questão, a professora Elisa emocionou-nos com suas lembranças e experiências durante a sua trajetória leitora, que vão desde a infância até a atual atuação profissional na educação. Essa emoção transcorre por ser um retrato do nosso território pesquisado, por serem falas que ressoam e se repetem em vários lugares no Território do Sisal.

[...] A minha experiência com a literatura foi construindo aos poucos, pois sou oriunda de uma escola de zona rural e a prática de leitura não era constante. Na escola da zona rural, primeiro a gente nem tinha acesso a livros, era muito pouco. Na maioria das vezes, que há gente tinha acesso, era apenas o livro didático, os livros de literatura não faziam parte do nosso cotidiano enquanto estudantes de escola pública, nas áreas rurais. Posteriormente, a gente entrou no ensino médio e iniciou os primeiros contatos, já que começamos a estudar os clássicos. Lembro-me que o primeiro clássico que tive contato foi na condição de estudante do Ensino Médio, com o livro *Amor de Perdição*, que marcou meu primeiro ano de Ensino Médio, na fase do estudo sobre o Romantismo. O livro é um clássico da literatura portuguesa do século XIX. E daí então, fui fazendo as descobertas da literatura e aprofundei na universidade. (Professora Elisa)

A professora mostra-nos a dificuldade de leitura enfrentada no contexto escolar. No Território do Sisal, infelizmente, ainda é uma realidade que se repete nas escolas em algumas zonas rurais, especificamente o acesso limitado aos livros. Isso afeta a formação acadêmica e cultural dos(as) alunos(as). Ainda assim, por “insistência e desejo próprios” foi possível que a professora E continuasse e não deixasse essa situação impedir que ela alcançasse seu objetivo.

Nessa perspectiva, a escola deve ser vista como um local importante para o desenvolvimento da habilidade leitora, onde os(as) alunos(as) aprendem a compartilhar conhecimentos, saberes e experiências de vida. As escolas desempenham, portanto, um papel vital na promoção da leitura como uma prática colaborativa, facilitando a partilha de ideias e a aprendizagem conjunta. Segundo Cosson (2017, p.360), “A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social”. Por isso, uma das principais funções da escola é justamente constituir-se como espaço onde aprendemos a viver e a partilhar a leitura.

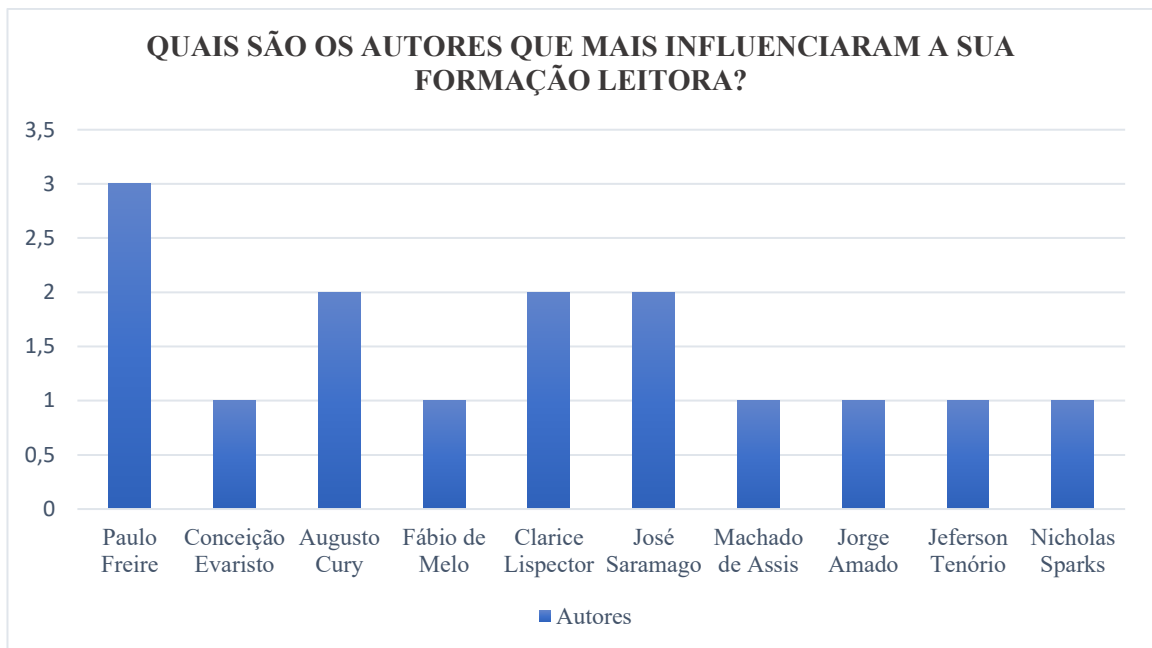
Assim sendo, quando a escola falha nesse compartilhamento, no processo da leitura, na função de nos tornar leitores, falha em tudo o mais, pois não há conhecimento sem leitura, sem a mediação da palavra e da interpretação, da leitura, enfim.” (Cosson, 2017, p.36). Certamente, quando as escolas não conseguem facilitar eficazmente o processo de partilha e leitura, falham na sua função essencial de formar leitores(as). Essa falha é grave porque a leitura é a base para a aquisição de conhecimento. Sem a interferência da palavra, da explicação e da prática de leitura, a aprendizagem em outras áreas também sofre. Portanto, as escolas precisam priorizar a leitura para garantir que os(as) alunos(as) desenvolvam as habilidades necessárias para interpretar e compreender o mundo ao seu redor.

O depoimento da professora Elisa, ainda nos mostra a importância de se trabalhar as obras, como *Amor de Perdição*, do cânone Camilo Castelo Branco, que marcou sua trajetória no início do Ensino Médio. Diante disso, notamos que a leitura da literatura clássica e contemporânea ajuda ao(à) leitor(a) desenvolver a sua identidade cultural e a compreender diferentes contextos históricos e sociais do mundo. A leitura democratiza e o acesso ao conhecimento, permite que todos(as) tenham a oportunidade de aprender e refletir sobre a diversidade que é a vida. A leitura proporciona autonomia intelectual, capacitando o sujeito a se tornar agente de mudança em suas comunidades. Segundo Cosson (2022, p.29) “[...] se quisermos formar leitores(as) capazes de experimentar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler, até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa.” Dessa maneira, o autor destaca a complexidade da formação de leitores(as) qualificados(as) e ressalta que a leitura por si só não é suficiente para experimentar plenamente os benefícios humanizadores da literatura.

Dando continuidade, partiremos para terceira pergunta, sendo ela: **Quais são os (as) autores(as) e as obras que mais influenciaram a sua formação leitora?**

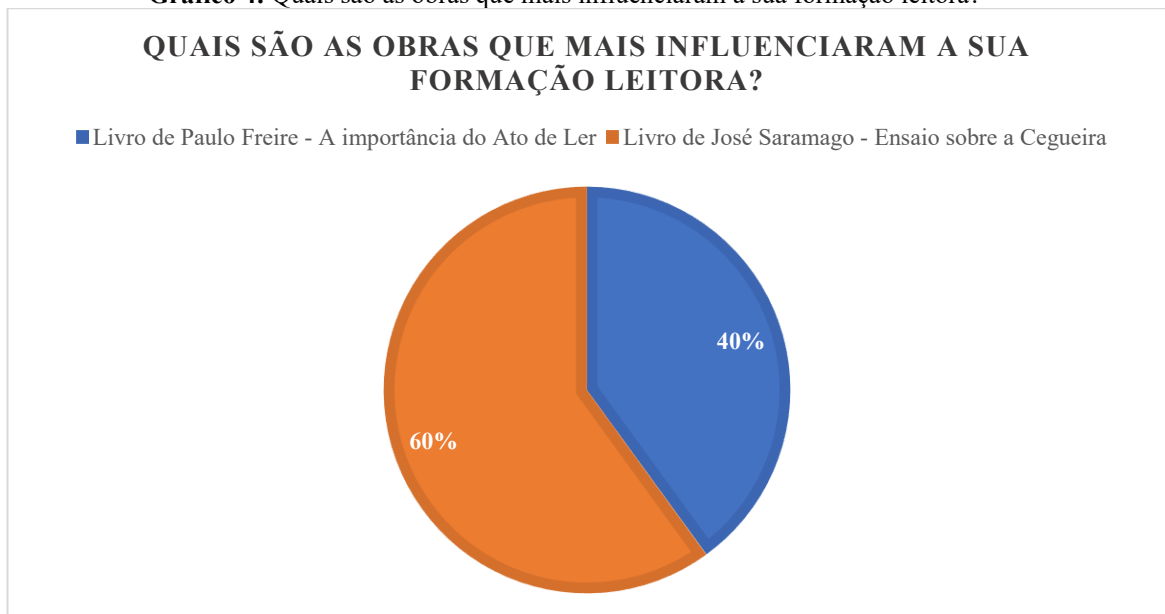
Em resposta a essa questão, obtivemos 10 autores(as) citados(as). Através dos gráficos a seguir, podemos visualizar quais foram eles(as) e a quantidade de pessoas que os citaram. Em seguida, apresentamos as obras que foram trazidas por 05 (cinco) professores(as), 03 (três) deles(as) citaram *A Importância do Ato de Ler*, de Paulo Freire e 02 (dois) mencionaram o romance *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.

Gráfico 3: Quais são os autores que mais influenciaram a sua formação leitora?



Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Gráfico 4: Quais são as obras que mais influenciaram a sua formação leitora?



Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Percebemos que os autores Paulo Freire, José Saramago, Clarice Lispector e Augusto Cury foram citados por mais de um(a) professor(a). Levando em consideração as duas obras citadas no gráfico 04, falaremos sobre seus dois autores nesta análise. Assim sendo, podemos trazer, de forma resumida que Saramago, escritor português, é valorizado por suas narrativas complexas e provocativas. Seu trabalho é caracterizado por frases longas, pontuação pouco

convencional e narrativas que muitas vezes misturam realidade e fantasia, a exemplo da obra “Ensaio sobre a Cegueira” (1995), um romance que conta a história de uma repentina epidemia de cegueira que varre uma cidade e leva a sociedade ao colapso.

O depoimento abaixo da professora Diva, nos permite perceber o impacto da obra *A Importância do ato de Ler*, de Paulo Freire, na sua vida e formação enquanto docente.

De verdade, eu fui despertando o interesse pela leitura não pelos clássicos, mas por outras obras. No primeiro semestre da universidade, uma professora de metodologia do Ensino e da Pesquisa, Maria do Socorro, me marcou profundamente. Ela nos propôs uma síntese a partir de uma obra sobre Educação, “A Importância do Ato de Ler” de Paulo Freire. A frase “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” foi marcante para mim. Percebi que já lia o mundo e precisava conectar isso com a palavra. Paulo Freire é uma inspiração para mim. Depois vieram outros autores inspiradores, como Jorge Amado, Jeferson Tenório e Conceição Evaristo, que enriqueceram minha prática educativa. (Professora Diva)

Essa professora destaca a importância de entender o contexto e a realidade antes de interpretar textos. O autor Paulo Freire, citado em diversos momentos dessa pesquisa, foi para ela uma inspiração inicial. Para Freire (2006, p.28), “do ponto de vista de uma tal visão da educação, é da intimidade das consciências, movidas pela bondade dos corações, que o mundo refaz. E já que a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais”. De acordo com o autor, a educação deve ser vista como um processo que toca profundamente a consciência dos sujeitos e os orienta para o bem e os valores interiores. É através da transformação interior de cada um(a) que o mundo começa a mudar.

Neste momento, destacaremos, abaixo, o depoimento da professora Elisa, pois, percebemos que ela aprecia livros que trazem temáticas diferentes, como as de Augusto Cury com suas obras de autoajuda e desenvolvimento pessoal, as quais são inspiradoras e oferecem *insights* valiosos sobre a inteligência emocional e o bem-estar mental. Como ela mesma relata:

“Eu gosto muito de livros que trazem temáticas diferentes como romances e de alta ajuda. Augusto Cury, livros de Padre Fábio de Melo (...) já li Machado de Assis. E tem um autor americano, Nicholas Sparks. Gostava muito dos romances dele, lia muito. É em língua estrangeira e tem as versões em português, eu já os li de português e já li também em língua estrangeira.” (Professora Elisa)

A professora Elisa cita Augusto Cury e Padre Fábio de Melo com seus livros que também são uma fonte de inspiração, abordando temas espirituais e de crescimento pessoal.

Um dos grandes clássicos da literatura brasileira, cujas obras continuam a influenciar sua leitura e compreensão literária, é Machado de Assis; além do autor americano Nicholas Sparks com seus romances envolventes. Diante do depoimento da professora, entendemos que, num contexto educacional, é importante ensinar aos(as) alunos(as) a decodificarem textos escritos, bem como a interpretar outros tipos de texto. Na vida cotidiana, a capacidade de ler e interpretar diferentes linguagens e textos é crucial para uma comunicação eficaz dos ambientes socioculturais. Para Cosson (2022, p.27):

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também na sociedade em que ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. [...] a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo.

Segundo o estudioso, a leitura é um ato complexo e enriquecedor que vai além da decodificação de símbolos. A mesma entra no mundo do outro, interagindo com as muitas vozes que emergem de um texto. Nesse sentido, a leitura não é apenas a decodificação de símbolos escritos em um pedaço de papel, uma vez que o ato de ler coloca-nos diante da pluralidade do mundo e nos possibilita sentir e pensar sobre as mais diversas condições do ser humano numa relação simbiótica consigo mesmo e com o outro.

Finalizando esse bloco, trazemos a quarta questão, **de que maneira a literatura contribui para a formação crítica e estética do sujeito?** Percebemos que as respostas dos(as) professores(as) estabeleceram muitas conexões entre si, pois de modo geral eles apontaram sobre o papel da literatura e o quanto esta pode contribuir para o processo formativo do sujeito.

Pensando na literatura mais voltada para a nossa realidade. É, acho que é interessante citar também a literatura de cordel, certo? (...) essa manifestação da própria cultura popular brasileira e que tem origem no Nordeste, é algo muito próximo, muito nosso. A gente consegue a partir dessa, compreender a linguagem popular e a cultura popular. A questão da oralidade é das próprias manifestações dessa cultura. Que tem raiz aqui na nossa, no nosso chão. E quando a gente parte do chão da escola, do chão da nossa própria realidade, a compreensão de mundo torna-se melhor e mais agradável também, tanto para nós quanto para os alunos em sala. (Professor Gonçalo)

Através das reflexões realizadas no decorrer deste trabalho, percebemos o quanto é fundamental pensar num trabalho com a literatura de forma contextualizada. A Literatura de Cordel é um rico reflexo da cultura popular brasileira, especialmente do Nordeste, e oferece oportunidades valiosas para um diálogo mais profundo. É uma literatura que reflete a língua,

os costumes e as tradições das pessoas e tem uma ligação direta com a realidade local. A incorporação dos cordéis no currículo escolar pode enriquecer a educação e torná-la mais atraente para os(as) alunos(as).

É de diversas formas, mas eu acredito que a questão da linguagem oral amplie o vocabulário dele. Então, a fala dele é rica, certo? Em significado, amplia a visão de mundo também. Então, ao ser questionado em diálogos, ele tem uma amplitude de palavras. Para enumerar, para falar... E a compreensão dele também é muito melhor quando ele ler bastante. Quanto mais se lê, mais se compreende. (Professora Alice)

Nesse depoimento, a professora Alice mostra-nos a importância da linguagem oral. Assim sendo, entendemos que a linguagem oral e a leitura desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento cognitivo, na expansão do vocabulário e da compreensão do mundo do sujeito. Nessa perspectiva, é perceptível o poder do texto literário, pois há em cada texto vozes capazes de representar diferentes olhares, histórias, culturas, identidades e experiências de mundo. Desse modo o professor Horácio salienta:

Eu acho que a literatura é a representação da nossa vida. Os autores fazem essa representação. [...] Nos textos literários podemos fazer uma série de reflexões, como reflexões sobre problemas sociais, problemas psicológicos, problemas ambientais, a seca, as enchentes, as guerras, tudo isso, né? A literatura nos possibilita e sendo assim, nós fazendo essa leitura atenta. A gente pode sim estabelecer uma visão mais crítica, mais cuidada, digamos assim, ou mais cuidadosa da nossa realidade e também, obviamente, levar isso pra nossa sala de aula e esse olhar mais apurado. (Professor Horácio)

A literatura é uma representação rica e multifacetada de nossas vidas. Por meio de suas obras, os autores captam experiências, emoções e situações que muitas vezes não conseguimos vivenciar diretamente. A leitura atenta e crítica do texto literário, como enfatiza o professor Horácio, pode nos dar uma visão mais verticalizada e crítica da realidade. Podemos analisar o texto para extrair significados mais profundo e compreender as complexidades da vida.

Conforme afirmou o professor, a literatura muitas vezes trata de questões históricas e geográficas, como: desigualdade, injustiça, pobreza, seca, inundações e guerra. Estes temas permitem-nos refletir sobre a sociedade em que vivemos e as condições que moldam a vida dos seres humanos. Muitas obras literárias exploram a psique humana, abordando questões como ansiedade, depressão, morte, amor e paixão. Isso nos ajuda a compreender melhor as nossas próprias emoções e as de outras pessoas. Diante disso, Todorov (2009, p.82) nos diz:

Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir nossa vocação. É por isso que devemos encorajar a leitura por todos os meios - inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, se não com desprezo, desde Os Três Mosqueteiros até Harry Potter: não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas.

As palavras de Todorov nos convidam a reflexão, já que ler, pensar e sentir a partir da perspectiva dos outros é crucial para desenvolver uma visão de mundo universal e empática. Incentivar a leitura de livros de todos os gêneros, incluindo bestsellers, assim como obras desconhecidas do grande público, não só promove o hábito da leitura, mas também pode permitir aos(as) leitores(as) construir uma compreensão inicial do mundo que se aprofundará e se tornará mais complexa com leituras futuras.

A professora Diva, com uma expressão de encantamento, também salienta o sentido da literatura quando diz que:

A literatura é como se fosse a expansão do olhar do ser humano para o mundo. Eu considero como se fosse a ampliação da visão do ser humano. (...) A literatura é fundamental pra você se perceber enquanto ser humano e agente nesse mundo, sem proficiência leitora você vive, mas você vive sob o olhar do outro, guiado pelo olhar do outro, entendeu? Então, ela é fundamental. (Professora Diva)

Essa fala reforça ainda mais sobre a importância da literatura, visto que esta desempenha um papel fulcral nas possibilidades de se expandir o olhar humano, ampliando horizontes e permitindo perceber as matizes e sentidos ocultos entre ações e palavras. Essa capacidade de interpretar e compreender profundamente a vida é fundamental para o desenvolvimento pessoal e para o nosso papel no mundo. Permite-nos perceber as nuances e significados escondidos nas entrelinhas, ampliando nossa perspectiva sobre o mundo e sobre nós mesmos. Sem a capacidade de ler, vivemos sob o olhar dos outros, porém, com as mais diversas experiências leitoras, ganhamos autonomia e aptidão para observar e compreender a complexidade de existir.

Neste momento iniciaremos o segundo bloco no qual adentraremos mais especificadamente na Literatura de Cordel. Este gênero foi escolhido para fazer parte das entrevistas por ser uma literatura local, típica da nossa região Nordeste e ainda muito presente em nosso território. Durante a minha vivência na docência, sempre fomos tencionados a

trabalhar e valorizar aspectos da cultura local. No nosso caso, além de obras que retratassem a vida sertaneja, sempre estivemos interligadas ao Cordel.

Dessa maneira, iniciamos este bloco com as seguintes perguntas: **você lê literatura de cordel? Qual a sua relação com esse gênero literário? Fale um pouco sobre isso.** De forma muito objetiva, todos(as) os(as) professores(as) responderam que sim. E aos poucos foram narrando sobre essa relação. As professoras Alice e Bárbara, trouxeram-nos o seguinte:

Trabalhei pouco na faculdade, mas vendo os vídeos de Ariano Suassuna, me apaixonei pela literatura de cordel. [...] O livro de artes traz muito isso da literatura de cordel e a gente trabalhou bastante com a sua gravura. Enriqueceu bastante as aulas. Os meninos interagem bastante. Exibimos filmes e vídeos. Aquele filme que Selton Mello fez agora. *O Auto da Compadecida*. Nós assistimos e fizemos uma dramatização. E a partir daí nós fomos trabalhando mais até chegar o momento da gente em sala de aula e tentar reproduzir o livreto na literatura de cordel. (Professora Alice)

Chama a atenção porque é raiz. E a experiência, eu lembro bem que no curso de Pedagogia, teve um momento lá no seminário e convidamos Carlos Neves. Então Carlos Neves, na apresentação, eu fiquei encantada, eu fiquei encantada pelo cordel. (...)Foi a partir dessa participação de Carlos Neves, sua presença, foi maravilhoso. E a partir daí, começou a me chamar atenção do cordel. (Professora Bárbara)

Podemos perceber aqui a presença de um clássico, *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna e a de um autor local, Carlos Neves. A obra citada é uma excelente ferramenta para explorar a cultura nordestina, discutir temas sociais e promover a valorização da literatura brasileira. Mais adiante, na entrevista, a professora Alice continuou relatando que os(as) alunos(as) familiarizam-se com esse lugar e reconhecem as falas, os objetos, o clima, os personagens e conseguem transportar tais histórias para as imagens (xilografuras) e versos do cordel.

A Literatura de Cordel é uma linguagem artística de grande valor social e pode ser inserida no currículo escolar para fomentar o letramento literário no dia a dia dos(as) alunos(as). É nessa perspectiva que o poeta Carlos Neves se torna uma referência da Literatura de Cordel, sobretudo no Território do Sisal.

Em seguida, apresentamos os depoimentos do professor Horácio e da professora Diva:

Eu já tive muito contato com a literatura de cordel, gosto muito desse gênero. Desde Patativa do Assaré ao contemporâneo Bráulio Bessa. Eu sou de Tucano, e lá tem um professor, Valdir, que é cordelista, ele tem influenciado muito neste trabalho. [...] E inclusive, eu estou desenvolvendo um trabalho em

Tucano, que é a produção de cordéis com meus alunos a partir de um assentamento, o assentamento Santa Luzia. (Professor Horácio)

O professor acima nos mostra a importância da Literatura de Cordel, especialmente em um contexto educacional. Ele expõe a sua rica experiência pessoal e as atividades com cordel que desenvolveu com seus (suas) alunos(as) em outros ambientes escolares. Sobre os autores citados, o professor Horácio destaca o seu gosto por Patativa do Assaré e Bráulio Bessa, poeta contemporâneo, muito conhecido por participar do programa *Encontro* com Fátima Bernardes, na Rede Globo. Além disso, os cordéis de Bráulio Bessa têm atingido várias camadas da população nordestina e em outros estados. Já Patativa do Assaré, conhecido por “o poeta da roça”, assume a identidade de um sertanejo ao retratar sua vida, bem como a sua existência e estilo poético, suas crenças e ideologias, seus amores e medos. A professora Diva também nos apresenta um olhar mais específico do trabalho em sala de aula quando nos fala que:

A literatura de cordel, eu tenho um pequeno acervo e sempre que eu tenho contato, tento adquirir porque eu trabalho gênero na minha sala de aula. Com minhas turmas, eu percebo que os alunos gostam muito do gênero textual, apesar de que eles têm dificuldades de produzirem conforme uma estrutura pré-estabelecida, mas quando a gente deixa a produção livre, eles conseguem com mais maior facilidade e conseguem produzir no nível até consideravelmente bom. É um gênero textual que passa a mensagem que eles querem transmitir e os alunos percebem a questão da visão crítica do autor em relação ao mundo, as problemáticas e as coisas que circundam o ambiente escolar e social. Além do mais, o ritmo! É bem atrativo, tem a ver também com nossa questão identitária, isso acaba motivando-os a ler e a gostarem da literatura de cordel. (Professora Diva)

Aqui, podemos perceber que, embora os(as) alunos(as) tenham dificuldade em seguir uma estrutura pré-estabelecida, eles(as) conseguem criar bons textos quando produzem livremente. Identificam-se com a linguagem do cordel e compreendem a perspectiva crítica do autor sobre o mundo e as suas reflexões sobre as questões sociais. Além disso, o ritmo envolvente e as questões de identidade motivam-nos a ler e apreciar o cordel. De acordo com Pinheiro (2001, p.56), “a literatura de cordel, ao longo de sua história, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social”. Diante disso, notamos que a poesia popular traz significativa riqueza cultural e poética com seus ritmos, temas, rimas e personagens que representam a dinâmica de vida de determinados grupos e/ou comunidades.

Por fim, nas falas das professoras Elisa e Francisca, expostas abaixo, percebemos a importância do cordel para ambas, apesar da professora Francisca alegar que não tinha muito conhecimento sobre esse gênero.

Nos cordéis, eu acho muito interessante a expressão, a formação, a construção, a linguagem e, principalmente, para nós nordestinos que trazemos uma cultura muito forte de tudo que a gente tem, de nosso povo, de nossas lutas, da nossa alegria, das características dos lugares que a gente tem aqui. Eu fico encantada com a literatura de cordel. (Professora Elisa)

Já li realmente, mas eu não tinha tanto conhecimento quanto agora para participar desse tipo de trabalho. Com esse trabalho interventivo desta pesquisa, a senhora me abriu ainda mais os olhos e interesse para esse gênero porque nós já trabalhamos isso na escola. Transformamos alguns temas em cordel. E aí a gente vai trabalhando... Mesmo não sendo da área de linguagem, durante os projetos, na minha disciplina, tento trabalhar os conteúdos. (Professora Francisca)

Mais uma vez, percebemos uma fala positiva sobre a leitura e utilização do cordel como ferramenta em sala de aula. A professora Elisa ratifica, mais uma vez, que o cordel apresenta uma cultura forte, de seu povo, de sua formação, das lutas, da alegria, da linguagem dos nordestinos, dentre outros aspectos. De acordo com Pinheiro (2001, p.13)

A poesia popular restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país.

Diante disso, percebemos que o cordel apresenta essa poesia popular que passou por um processo histórico e cultural, integrando-se a alguns livros didáticos e se inserindo no universo acadêmico, sejam pelos seus aspectos culturais, literários e estéticos.

Partiremos agora para a análise das informações coletadas a respeito da sexta pergunta:
Como a literatura de cordel pode contribuir com o desenvolvimento da competência leitora dos(as) alunos(as)?

O cordel dentro da sala de aula, como competência leitora, traz uma linguagem coloquial e informal, faz uso de humor, da ironia, do sarcasmo. [...] Apresenta tantas vertentes faladas das bisavós, dos avós, dos pais, das pessoas que estão ali mais na periferia, no campo. Então, o cordel nos proporciona essa dimensão, além de trabalhar com folclore, os temas religiosos e profanos. (Professor Gonçalo)

Eu acredito que a literatura de cordel dá liberdade aos alunos de falar. Então, as trocas são mais fáceis entre eles. Os temas do dia a dia facilitam bastante a construção de textos. A rima também é muito importante. (Professora Alice)

Os(as) professores(as) acima trazem aspectos importantes sobre o cordel, ressaltando a sua importância para o desenvolvimento da competência leitora dos(as)alunos(as) em sala de aula, pois com sua linguagem coloquial com tons humorísticos, irônicos e sarcásticos oferece uma abordagem acessível e envolvente potencializando, portanto, a leitura e a escrita. A diversidade de temas presentes na Literatura de Cordel pode incentivar as discussões em sala de aula e ajudar os(as) alunos(as) a desenvolverem sua capacidade reflexiva e discursiva. Nesse contexto, a professora Bárbara pontua:

Somos nordestinos. Então, trabalhar dentro de um costume, de um contexto e tudo que tem significados, nessa questão da competência, a gente consegue que eles se envolvam mais e adquiram novos conhecimentos através do prazer. Falar da competência leitora, a gente vê, até aqueles alunos que estão desmotivados, quando vem alguém aqui na escola, vem trabalhando de uma forma diferente com eles, com o cordel, por exemplo, a gente vê a motivação e a interação na participação desses alunos. Eu gosto de inovar... Já trabalhei equação através de paródias, [...] e isso marca a vida do aluno. A música também está presente no cordel e não deixa de estar dentro dessa competência leitora, pois eles começam a fazer analogias do conhecimento que eles precisam naquele momento com a letra da música. (Professora Bárbara)

De acordo com a professora, é preciso que os(as) alunos(as) desenvolvam sua competência leitora pelo prazer. A professora utilizou a música e a musicalidade para motivá-los (as), bem como a integração e a participação deles(as) nas atividades propostas. É mister frisar que a professora conseguiu êxito em suas aulas mesmo não sendo da área de linguagem. Desse modo, para Jesús Alonso Tapia (1999, p.44):

A motivação, como se pode comprovar, não depende só do aluno, mas também do contexto. Daí a importância avaliarem e modificarem, se preciso, a meta que suas mensagens privilegiam, já que ela define por que é relevante ao aluno fazer ou aprender o que se pede.

A professora Diva também sinalizou que a rima e a musicalidade presentes no cordel se aproximam do universo dos(as) alunos(as), por conta disso, eles(elas) acabam tendo um maior envolvimento. “Além de melhorar o processo de leitura, melhora a escrita, pois é um gênero mais livre. [...] A musicalidade e a rima se aproximam ao do mundo do estudante e eles acabam que se identificando mais” (Professora Diva). Corroborando com esse ponto, o professor Horácio, nos traz o seguinte:

A literatura de cordel é um texto que trata do cotidiano das histórias que a gente vivencia dentro do nosso cotidiano, então, partir desse gênero é muito importante. Porque nós não vamos partir de um texto distante, certo? Temos vários clássicos dentro dessa literatura do cordel e que infelizmente ainda é visto como marginalizada. Vista como menor, digamos assim. Sem contar que o cordel tem relações com outros gêneros, inclusive musicais, como o rap e o repente. E eles conseguem ver sentido. (Professor Horácio)

Dessa maneira, falando sobre o cotidiano, os(as) alunos(as) podem aprender por meio de suas famílias e comunidades. Essa proximidade permite que eles(as) se identifiquem com o texto, tornando a leitura mais envolvente. O professor ainda nos chama a atenção para uma posição marginal da Literatura Cordel, uma vez que esta, em geral, ainda se encontra fora do currículo da maioria das escolas. Por certo, inserir o cordel no ambiente escolar e, conseqüentemente, na vida dos(as) alunos(as) pode ser uma estratégia poderosa para desenvolver habilidades de leitura. Como enfatiza Lajolo (1993, p.106)

[...] a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer a sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela e tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos.

No entanto, algumas escolas resistem a certas mudanças. Às vezes, presenciamos, em muitos casos, que os textos literários são utilizados apenas para aplicação de estudos normas/regras gramaticais. Então, infelizmente, em muitas salas de aula a literatura é reduzida apenas a essa realidade. Para superar e/ou sanar alguns desses desafios, segundo Zilberman (1987, p.24) cabe ao(a) professor(a) “detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere”, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o(a) leitor(a) alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.

Zilberman (1987), enfatiza ainda a importância do papel do(a) professor(a) na exploração das diversas interpretações oriundas da leitura de uma obra literária. Então, eles(as) têm a responsabilidade de ajudar os(as) alunos(as) a compreender que cada leitura de um texto literário pode ser única e que a visão pessoal de cada leitor(a) sobre o universo representado na obra produzirá uma interpretação diferente. O objetivo é promover a leitura crítica, permitindo aos(as) alunos(as) explorar e partilhar livremente a sua razão e o seu imaginário, contribuindo para uma compreensão mais ampla e diversificada dos textos literários.

Para finalizar essa análise de dados, chegamos então, a última questão do segundo bloco: **Quais são os maiores desafios que você enfrenta ao trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula?** Vejamos os depoimentos dos(as) Professores(as):

Um dos maiores desafios na formação dos alunos do Ensino Fundamental II é a falta de uma base sólida em leitura. Muitos alunos do sexto e sétimo anos enfrentam grandes dificuldades no processo leitor, pois vêm de outras escolas sem essa base. Trazer a literatura de cordel para a sala de aula pode despertar o gosto pela leitura, pois ela reflete a realidade desses alunos. Seria interessante implementar um projeto que incentivasse esse gosto desde a alfabetização, utilizando o cordel como ferramenta de letramento. A maioria dos livros didáticos disponíveis não aborda a realidade dos alunos, enquanto o cordel pode conectar-se à ironia, ao humor, à linguagem coloquial e a temas do folclore e da realidade social, que são relevantes e envolventes para eles. (Professor Gonçalo)

O professor Gonçalo sugere que a introdução da Literatura de Cordel nas salas de aula pode ser uma solução eficaz para despertar o gosto pela leitura, devido à sua proximidade com a realidade cultural dos(as) alunos(as). Ele argumenta que a alfabetização e o letramento deveriam começar desde os primeiros anos de ensino, utilizando materiais que fossem relevantes para o processo formativo desses jovens.

Segundo Magda Soares (2009, p.18), “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” Soares (2009), destaca que o letramento resulta do processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, sendo essencial para o desenvolvimento dessas habilidades. O professor Gonçalo observa que os livros didáticos nas escolas muitas vezes não refletem a realidade dos(as) alunos(as), o que dificulta o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Prosseguindo com a análise desta questão, a professora Alice observa que a influência da mídia e da internet tem afastado os(as) alunos(as) da leitura, diminuindo seu vocabulário e interesse por obras literárias. Ela ressalta a importância dos(as) educadores(as) em incentivar o desejo pela leitura, especialmente através da literatura de cordel, que é mais acessível e relevante para os(as) alunos(as) facilitando seu processo de alfabetização. De acordo a ela,

A internet reduziu o vocabulário dos alunos e o interesse por leituras, tornando nosso papel como professores ainda mais importante para incentivá-los. É essencial aproximá-los da literatura de cordel, que é rica e faz parte do cotidiano deles. Como muitos alunos chegam ao sexto ano sem saber ler, o cordel, com seus textos curtos e rimados, facilita esse processo. Minha vivência com a literatura de cordel foi fundamental na minha trajetória como

educadora, e hoje utilizo esses textos na sala de recursos para apoiar o desenvolvimento dos alunos. (Professora Alice)

Ainda nesta linha de pensamento, o professor Horácio reflete que

A leitura tradicional está em declínio, com alunos preferindo o celular a livros físicos e tirando fotos do quadro em vez de escrever. Embora as TICs tenham sido incentivadas nas aulas, ele ressalta a necessidade de resgatar o uso de livros e dicionários. Muitos alunos chegam ao ensino médio sem habilidades básicas de leitura e escrita, tornando a alfabetização um grande desafio para os professores. (Professor Horácio)

Assim, embora a introdução das TICs tenha sido inicialmente positiva, notamos alguns retrocessos, como a falta de familiaridade dos(as) alunos(as) com dicionários e a chegada ao ensino médio sem habilidades básicas de leitura e escrita. Ele sugere a necessidade de equilibrar o uso de tecnologias com a preservação das habilidades tradicionais, ressaltando a importância de materiais concretos para uma formação mais completa. Para Werthein (2000, p.77)

As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

Para o autor, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) são uma continuidade de ferramentas usadas ao longo da história para promover educação e aprendizagem. No entanto, o uso dessas tecnologias deve ser feita de maneira consciente e estratégica, com cada sociedade escolhendo quais ferramentas adotar de acordo com suas necessidades e objetivos de desenvolvimento. Em outras palavras, a eficácia das TICs na educação depende de como elas são integradas e utilizadas para atingir metas específicas, não sendo uma solução única para todos os contextos.

Conforme Moran (1997) ensinar utilizando a *internet* é eficaz quando faz parte de um contexto de mudança no processo de ensino-aprendizagem, onde professores e alunos se envolvem em comunicação aberta e em participação ativa tanto individual quanto em grupo. Sem essa integração, a *internet* será apenas mais uma ferramenta que reforça métodos tradicionais de ensino. A *internet*, por si só, não transforma o ensino; a transformação depende da postura pessoal e institucional em relação à vida, ao mundo e aos outros. (Moran, 1997, p.7).

Diante do pensamento do autor, percebemos que o uso eficaz da Internet no ensino depende de uma mudança ampla no processo educacional, com comunicação aberta e participação ativa. Sem isso, a Internet apenas reforça métodos tradicionais, pois a verdadeira transformação exige uma atitude comprometida de todos os envolvidos.

O depoimento da professora Bárbara inicia ressaltando sobre a importância da leitura e interpretação, mesmo na matemática, onde essas habilidades são frequentemente subestimadas. Ela nos diz que:

Trabalho com matemática e muitos acham que não precisa de leitura, mas é o contrário. A leitura e interpretação são fundamentais, pois os alunos precisam entender os conceitos e falar a linguagem matemática. Brinco com meus alunos sobre como eles usam termos matemáticos, enriquecendo seu vocabulário. Trabalhamos leitura de dados e interpretação em estatística, o que ajuda na tomada de decisões. O desafio é que muitos sabem ler, mas não sabem interpretar. Quando um aluno é bom em leitura e interpretação, ele se sai bem em outras áreas também. O trabalho com literatura de cordel deve ser constante, não pontual, pois faz parte da nossa cultura. Podemos incluir no PPP da escola, integrando temas como diversidade, meio ambiente e bullying com o cordel. (Professora Bárbara)

Ela destaca ainda que a compreensão é essencial para o aprendizado dos conceitos matemáticos e para o uso da linguagem da disciplina. Além disso, a professora defende o trabalho contínuo com a literatura de cordel, sugerindo que a mesma seja integrada ao currículo escolar para abordar outros temas, enriquecendo o aprendizado e a cultura dos(as) alunos(as).

A professora Cecília, nos revelou que uma grave situação em que muitos alunos chegam ao Ensino Fundamental II sem serem alfabetizados, com mais de 50% da turma do 6º ano apresentando dificuldades nesse aspecto. “Estamos tentando resolver isso com projetos e atividades de reforço” (Professora Cecília). Ela ainda sinalizou a necessidade de apoio contínuo e colaboração entre educadores para superar essas dificuldades. Segundo Cagliari (2009) “Os alunos aprendem o que lhes é ensinado. A incompetência dos alunos nada mais é do que um fruto de incompetência da escola.” (Cagliari, 2009. p.36)

Certamente, alfabetizar crianças nativas não é uma tarefa fácil, como se poderia pensar, mas sim complicada de uma perspectiva linguística em que a criança já decodifica a língua e sabe o que está dizendo. O desafio é apenas transformar essa fala em escrita.

Outra situação apresentada nesta questão foi a dificuldade de acesso a materiais literários. A professora Diva nos diz que:

Temos pouco material para trabalhar a literatura na sala de aula. Quando os estudantes têm contato com a literatura desde cedo, a prática se torna mais espontânea e prazerosa. Trabalhei com turmas do 9º ano em um projeto sobre povos originários usando o livro 'Irmão Negro' de Valcy Carrasco. Inicialmente, houve rejeição, mas a maioria dos alunos abraçou a leitura após as sensibilizações que conectavam o livro à realidade deles. Na EJA juvenil, percebo resistência à leitura; muitos dizem que não gostam de ler. É preciso sensibilizar e mostrar as possibilidades da leitura. A prática coletiva de leitura deveria abranger todas as áreas do conhecimento, não apenas linguagens. Espero que tenhamos mais material para trabalhar em sala de aula, pois fica complicado sempre ter que providenciar algo e em grande quantidade para os(as) alunos(as). Espero ainda, que possamos desenvolver uma proposta metodológica interessante para trabalhar com literatura de cordel em sala de aula. (Professora Diva)

Ela aponta a falta de prática leitora e o acesso limitado a materiais literários como principais desafios. Observa ainda que a exposição precoce à literatura facilita a leitura, mas enfrenta resistência, especialmente na Educação de Jovens e Adultos. Para superar isso, utiliza sensibilizações que conectam livros, como “Irmão Negro”, à realidade dos alunos. Ela sugere que a prática coletiva de leitura deve ser integrada a todas as disciplinas e expressa interesse em criar uma metodologia dinâmica para a literatura de cordel.

Diante disso, o trabalho com leitura deve engajar o(a)aluno(a) em atividades que ampliem sua capacidade de atuar no mundo. Para isso, o(a) professor(a)precisa realizar atividades didáticas que proporcionem aos(às) aluno(as) o contato com diversos tipos de textos encontrados em seu ambiente. Segundo Lajolo:

Quando vemos e ouvimos pessoas lendo, quando participamos de ambientes em que livros e leituras se fazem presentes, nos tornamos leitores. Assim como, falando conosco em uma determinada língua quando éramos pequenos, adultos e crianças mais velhas nos ensinaram a falar essa língua, é em situações coletivas de leitura que nos tornamos leitores. (Lajolo, 2005, p.28).

Segundo Lajolo, aprender a ler é parecido com aprender a falar. Quando o(a) aluno(a) vê outras pessoas lendo ou contando histórias e interagindo com os textos, ele(a) deseja participar dessa experiência de leitura, imitando inconscientemente esses(as) leitores(as) ou narradores(as). É importante que os(as) alunos(as) tenham modelos de leitores(as) que demonstrem entusiasmo e prazer pela leitura, e o(a) professor(a) pode ser um desses exemplos.

A leitura pode transformar vidas, e é papel do(a) professor(a) incentivar os(as) alunos (as) a ler e atribuir significados aos textos para que se tornem leitores(as) adultos. Para formar bons(as) leitores(as), é essencial iniciar o hábito desde os primeiros anos do ensino

fundamental, com atividades que despertem o prazer pela leitura. O(a) professor(a) deve conhecer os gostos dos(as) alunos(as) e criar um ambiente onde a leitura seja um prazer, utilizando estratégias que desenvolvam criticidade, oralidade, interpretação, pensamento, criatividade e diálogo.

As professoras Elisa e Francisca apontaram os mesmos desafios expostos pelos(as) demais sujeitos colaboradores, como: 1) As dificuldades de alfabetização enfrentadas por alunos(as) do 6º e 7º ano, que apresentam problemas significativos em leitura e escrita; 2) As dificuldades encontradas para estimular o gosto pela leitura, pois muitos(as) alunos(as) não se sentem motivados(as) devido às suas fragilidades na aprendizagem e 3) As dificuldades dos(as) alunos(as) em ler e interpretar corretamente o que leem.

Certamente, esta análise revelou-nos que a literatura, especialmente a de Cordel, desempenha um papel crucial no desenvolvimento da competência leitora e na formação identitária dos(as) alunos(as) do Ensino Fundamental II da EMJPF.

Em suma, percebemos que os(as) professores(as) ressaltaram a eficácia da Literatura de Cordel como uma ferramenta pedagógica valiosa, devido a sua relação direta com a realidade, em geral, dos(as) alunos(as) e por causa, também, de uma linguagem mais acessível e atraente, potencializando o letramento literário dessas pessoas. Além disso, identificamos a necessidade de um trabalho contínuo e eficaz de leitura e escrita na escola para oportunizar aos(as) alunos(as) um processo formativo capaz de proporcionar-lhes um olhar crítico e sensível em relação à pluralidade e desafios do mundo tornando-os(as) cidadãos e cidadãs comprometidos(as) com a transformação da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, discutimos como o uso do texto literário pelo(a) professor(a) pode potencializar o desenvolvimento da competência leitora dos(as) alunos(as), referindo-se a essa prática como “travessuras literárias”.

Exploramos a importância das travessuras literárias como uma estratégia eficaz para o desenvolvimento da competência leitora, que não apenas estimula o interesse pela leitura, mas também possibilita uma relação mais profícua e criativa dos(as) alunos(as) com os textos, fomentando uma maior imersão no universo da literatura. A leitura deve transcender a simples decodificação de palavras a fim de que possa desenvolver o pensamento crítico e expandir o imaginário dos(as) alunos(as), propiciando-lhes experiências estéticas, históricas, culturais e identitárias capazes de leva-los(as) a enxergar e pensar sobre a diversidade e complexidade do mundo. Nesse contexto, as “travessuras literárias” são apresentadas como caminhos valiosos capazes de potencializar a curiosidade e o prazer da leitura, ao incorporar elementos lúdicos no processo de formação leitora desses jovens.

As discussões, leituras e depoimentos dos(as) professores(as) forneceram bases teóricas e práticas para o trabalho com textos literários. A metodologia adotada, com visitas ao cenário nordestino, leitura de cordéis e atividades temáticas, mostrou-se eficaz na criação de um ambiente colaborativo, promovendo a leitura, a escrita e a criatividade. Assim sendo, recomendamos que as escolas ampliem atividades lúdicas e literárias para fortalecer os hábitos de leitura, com formação contínua dos educadores e envolvimento da comunidade para criar uma rede de apoio.

Em suma, as travessuras literárias são uma abordagem promissora para melhorar a competência e a proficiência leitora, tornando a leitura prazerosa e significativa. Essas práticas contribuem para o desenvolvimento educacional, social e cultural das futuras gerações. O encantamento pela literatura nos motiva a criar ações diferenciadas com textos literários, incentivando professores(as) e alunos(as) a reavaliarem o estudo literário e a valorizarem a literatura de cordel, uma manifestação da cultura popular brasileira.

Certamente, este trabalho com foco na leitura literária contribuirá para o desenvolvimento da competência leitora e o pensamento crítico dos estudantes. Embora desafiador e exaustivo, o projeto ganhou forma com cada leitura e diálogo com o orientador. Apresentar histórias em forma de cordel foi gratificante, mas o maior desafio foi a escrita acadêmica. Cada parte do estudo foi cuidadosamente elaborada, especialmente na metodologia. Com experiência na

educação básica e quando estive como gestora da EMJPF, onde a pesquisa foi realizada, sempre busquei construir novos saberes por meio de projetos estruturantes.

Saliento que, ao retornar à escola, fui recebida pela equipe gestora e escolhi essa instituição por experiências anteriores. A pesquisa buscou entender como o texto literário, especialmente o cordel, pode fortalecer a competência leitora e a formação identitária dos alunos. A literatura expande o pensamento, aproxima de diferentes culturas e reafirma a importância da pesquisa no contexto educacional. De acordo com Bakhtin (1992), a literatura atua como um poderoso estímulo, desafiando o indivíduo a se tornar protagonista de sua própria aprendizagem, apto a entender e transformar seu ambiente conforme suas necessidades.

Nesta pesquisa, contamos com a participação de oito professores do Ensino Fundamental II da EMJPF, com os quais mantivemos uma relação de escuta e diálogo colaborativo. Coletamos dados que agora devem ser compartilhados e analisados para entender como o texto literário pode fortalecer a competência leitora e contribuir para a formação identitária dos(as)alunos(as) da EMJPF.

Os dados mostraram que a literatura de cordel, com sua linguagem simples e temas relevantes, engajou os(as) alunos(as) na leitura e escrita. Embora houvesse dificuldades iniciais, os professores observaram um desenvolvimento significativo nas habilidades de leitura e maior participação dos estudantes. A formação contínua dos educadores e projetos interdisciplinares foram fundamentais para superar desafios no ensino dessas competências.

Em síntese, a pesquisa evidenciou que a literatura de cordel pode ser uma ferramenta poderosa quando aliada a educação, não apenas por sua capacidade de despertar o interesse pela leitura, mas também por sua contribuição para a formação crítica e estética dos(as) alunos(as). Ao integrar a literatura de cordel no currículo escolar e promover a formação contínua dos(as) educadores(as), é possível criar um ambiente de aprendizagem mais significativo e inclusivo, que valorize a cultura local e potencialize o desenvolvimento das competências leitoras e identitárias dos(as) estudantes.

Por fim, aqui estou disposta e feliz por terminar mais uma etapa desta grande experiência e, assim como iniciei este trabalho, me despeço em versos!

É com muito “sabor” e alegria
Que chego a esse tão singelo “canto”.
Vivi momentos de estranhamentos,
Mais ainda de intenso encanto.
Dialoguei com escritores maravilhosos,
Que em suas teorias me causaram espanto!

Andarilhar nas terras nordestinas,
Não é coisa para pessoas fracas e apáticas
Por isso, propus ir para o chão da escola,
Fazer um trabalho com ludicidade e didática.
Aplicar as oficinas pedagógicas, para
Os docentes ressignificarem as suas práticas.

Novas inquietações na vida acadêmica
Aqui estou, com mais uma etapa concluída.
Através das significativas contribuições,
Realizadas pela banca escolhida,
Com certeza, foram ricas e fecundas, pois és
Um povo sábio, na sua profissão exercida!

Cada obstáculo encontrado, serviu
De estímulo para continuar a escrita,
E nessas travessuras literárias, realizar
Os próximos passos da pesquisa,
Para assim, com confiança, defender,
A dissertação pretendida.

O cordel, esse gênero que estimo,
Com seu ritmo, cultura e magia,
Em minha alma deixou seu ramo,
Transforma minha escrita em poesia.
Quando escrevo, minha mente
E meu corpo ficam em sintonia.

A literatura nos guia, por caminhos
Reflexivos e repletos de sentimentos,
Uma arte que imita e recria,
O mundo, em cada momento.
Com leituras literárias inimagináveis
E viagens repletas de encantamentos.

Assim se tece a magia,
Do local em produção,
Literatura que irradia,
Com vibrante expressão
A riqueza que aparece,
Aquecendo o coração.

A leitura é importante
Para as crianças em formação
Percebemos o encantamento
Quando elas trazem uma lição
Contam a avó o que leram
Com dinamismo e emoção.

Meus netos biológicos e do coração
Kadu, Pedro e Theo, pequenos leitores
Leram a história do *O homem sem alma*²¹
Motivados a serem grandes autores
Felizes, contaram o enredo e fizeram analogias.
A literatura dá alma aos pequenos escritores.

“O livro "O homem sem Alma"
Conta da seca e do sertão
Do que a senhora está escrevendo”
Ouvi tais palavras com emoção.
Meus netinhos trançando caminhos
Literários com sabedoria e dedicação.

Na escola, um tesouro escondido,
A literatura, sutil e silenciosa,
Presente de forma superficial,
Mas, com sua forma grandiosa
Em cada canto, em cada história.
Deixa uma herança valorosa.

De uma terra surge a prosa,
Versos e poesia nascem do chão
Cada linha, cada risco, uma rosa,
Reflete a natureza e uma região.
Das lágrimas e da escrevivência
Nasceu este cordel do coração.

Cultura viva em palavras,
História em cada tom,
Cantos, repentis e trovas
Ruídos, zumbidos e som
Tradições, valores e lavouras,
Na escrita, encontram o dom.

Da escola à faculdade
Assim se tece a magia,
Do local em produção,
Literatura que irradia,
No coração do sertão
Belo ao amanhecer do dia,

Na Escola João Paulo Fragoso
À noite o projeto brotou,
Com oficinas e rodas de
conversa, o saber se alastrou.
A intervenção foi significativa

²¹ Livro solicitado pela Escolinha Chapeuzinho vermelho. NIREUDA, Longobardi. O homem sem alma- São Paulo: Editora do Brasil, 2019.- (Mil e uma histórias)

E outras disciplinas, contemplou.

Nas travessias desta pesquisa,
Interagimos e fortificamos a relação,
Com os(as) professore (as),
Em diálogos e colaborativa ação.
Coletamos dados, saberes, sabores
E grandes experiências no chão.

Encontramos professores(as)
De outras áreas com disposição,
Assim, ampliamos a pesquisa,
Mantendo a lealdade e a dedicação,
A troca de experiências, o diálogo
E a escuta ativa em cada ação.

Minha andarilhagem, na Educação
Um Cordel de Travessuras Literárias
Há quem diga que é ludicidade
Ou frutos de uma travessia lendária
Pode ser herdada da educação,
Da cultura ou é hereditária.

Fica aqui as afetuosas saudações
Da mestranda e saudosa cordelista,
Arriscando a construir texto, numa
Academia que, por vezes, é universalista.
Deus abençoe cada um de vocês, que fazem
Parte, deste momento único da minha vida!

SANTANA, Maria Nascirene L., 2024.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo, SP: Loyola, 2004.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, H. S. **Ser aluna, ser professora: um olhar sobre os ciclos de vida pessoal e profissional**. Santa Maria: Ed. Da UFMS, 2011.

ARAÚJO, Poliana Silva; EYSEN, Adriano, A Literatura e os Multiletramentos: desafios e possibilidades através das hipermídias. In EYSEN, Adriano (Org.) **Tecendo manhãs: educação, saberes e experiências no território do Sisal: volume II/-Itabuna, BA: Mondrongo, 2020.**

ARRUDA, Senador Inácio. [Organizador] **Patativa do Assaré: Poeta Universal** Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ASSARÉ, Patativa. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4hcBUAAsng>. Acesso em: 22 de abril de 2024

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAKHTIN, Mikhail V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. **IDEB**. Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/consulta-publica>. Acesso: em jul. de 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROLEZZI, A. C. **Empatia em Vygotsky. Dialogia**, São Paulo, n. 20, p. 153-166, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/4944/2843> Acesso em ago. de 2022.

CAGLIARI, L.C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Ed. Scipione, 2009, p. 168.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem do romance**. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 51-80.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: **Vários Escritos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos** – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. – 2ª Ed – São Paulo: Cortez, 1995.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e Letramento Literário** 1.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática** 2.ed., 13ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2022.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1955.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.
CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. 37ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves: Brasil, 1995.

CURY, Augusto. **Nunca desista de seus sonhos** – Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto**. 1- Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1999.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1992. (Coleção educação contemporânea).

ERIKSON, E. H. (1972). **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em:
file:///C:/Users/Home/Documents/MPED%202022/DOC%C3%80NCIA%20e%20DIVERSI

DADE/Da%20grafia-desenho%20de%20minha%20m%C3%A3e.pdf. Acesso em: 23 de maio 2022.

EYSEN, Adriano; MARTINS, Ely Makeise Araújo dos Santos; GORDIANO, Maria Aparecida de Oliveira. O MEU LUGAR NO SERTÃO: diálogos entre Geografia e literatura na III Feira Literária, do colégio Estadual José Leitão. EYSEN, Adriano (Org.) *In: Literatura e Educação: nas tramas da trans(in)disciplinaridade*. 1.ed.-Campinas, SP:Pontes Editores,2021.

FERNANDES, C. S. **Literatura e identidade: a recepção do texto literário na Penitenciária Estadual de Maringá**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2009.

FERNANDES, Cláudia Monteiro. **Desigualdade de rendimentos e educação no Brasil: alguns indicadores de diferenças regionais**. *Econômica*, v. 3, n. 2, p. 231-250, dezembro 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229047933_Desigualdade_de_rendimentos_e_educacao_no_Brasil_alguns_indicadores_de_diferencas_regionais. Acesso em: 29 de set. de 2023.

FERREIRA, M. S. **Oficina Pedagógica: recurso mediador da atividade de aprender**. In: RIBEIRO, M. M. G. (Org.) *Oficina Pedagógica: uma estratégia de ensino-aprendizagem*. Natal: EDUFRN, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. - 48. ed.- São Paulo, Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Carlos Neves de. **O Palhaço do Circo Quadrado**. Brasília. 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade** — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo, UNESP, 1991.

GOV-BA, Ministério da Educação. **Indicadores Educacionais: Estudo revela que Brasil eleva escolaridade e qualidade do ensino na educação básica**. 2014. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/20468-estudo-revela-que-brasil-eleva-escolaridade-e-qualidade-do-ensino-na-educacao-basica>. Acesso em 28 de set. de 2023.

HALL, Stuart. **El trabajo de la representación**. IEP – Instituto de Estudios Peruanos: Lima, Maio, 2002. Disponível em: https://metamentaldoc.com/14_El_trabajo_de_la_representacion_Stuart_Hall.pdf. Aceso em: 01 de janeiro 2024

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2014.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QahBKz9Jz5Y>. Acesso 15 de jan. de 2023

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/outras-estatisticas-economicas/9023-as-fundacoes-privadas-e-associacoes-sem-fins-lucrativos-no-brasil.html>. Acesso em: 28 de set. de 2023.

IBIAPINA, I.M.L.M. **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes** / Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina, Hilda Maria Martins Bandeira, Francisco Antonio Machado Araujo, organizadores, 2016. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/ppged/arquivos/files/LIVRO%20PESQUISA%20COLABORATIVA_E-BOOK.pdf. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

INAF. Instituto Paulo Montenegro. **Pesquisa gera conhecimento**. O conhecimento transforma. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em 18 de jun. de 2023.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Pesquisas Estatísticas e Indicadores Educacionais** Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores>. Acesso em 28 de set. 2023.

KLEIMAN, A.B.; MORAES, S.E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2ª Edição, 2ª reimpressão, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LAJOLO, M. **Linguagem e letramento em foco: meus alunos não gostam de ler, o que eu faço?** Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

LÜDCKE, Menga, ANDRÉ, Marli. Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Sangue nas veias**. In: FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos na leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

MAGNANI, Maria Aparecida Ceravolo. **Formação de Leitores: um salto necessário para a escola pública**. Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994. p. 13- 14. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p013-014_c.pdf. Acesso em: 13 de maio de 2024.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** – 3ª Ed – São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARQUEZ, Garcia Gabriel,1928-2014 **Cem anos de solidão**; tradução de Eric Nepomuceno- 117ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2020.

MELO, Adriana Ferreira de. **Sertões do mundo, uma epistemologia**.V.1. 2011. 117 f. Tese (Doutorado) Belo Horizonte: 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-8PJKS3>>. Acesso em: 03 junho de 2024.

MELO, Maria Marlene Araújo. **O Sertão retratado em versos nos mostra suas belezas e tristezas e quão forte é o Sertanejo**. Santaluz, 2018.

MICHAELIS. **Dicionário Online Brasileiro da Língua Portuguesa**: Editora Melhoramentos Ltda.2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/latente/>. Acesso em: 20 de março de 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 17º ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAN, J. M. **Como utilizar a internet na educação**. *Revista Ciência da Informação*, v. 26 n. 2. Brasília, 1997. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/grmb,+Ci.Inf-2004-432.pdf> Acesso em 19 de agosto de 2024.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: RÖSING, Tânia M.K; ZILBERNAM, Regina (orgs) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PEREIRA, Jane E. **A importância do lúdico na formação de educadores: uma pesquisa na ação do Museu da Educação e do Brinquedo - MEB**. 2005. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

PERINI, Mário A. **A leitura funcional e a dupla função do texto didático**. In *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). – 5ª Ed. – São Paulo: Ática, 1999. (pp. 79-86)

PINHEIRO, Hélder. **Cordel na sala de aula** – São Paulo: Duas Cidades, 2001. – (Coleção literatura e ensino; 2).

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 64ª. ed. RIO<São Paulo, Record,1993.

REGO, Eysen Adriano. **Literatura e Educação: nas tramas da trans(in)disciplinaridade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

REGO, Adriano, Eysen; RAIMUNDO, Agmar. **Literatura e Cinema: linguagens artísticas para a formação leitora do(a) aluno(a) na escola** In. REGO, Eysen Adriano. Literatura e Educação: nas tramas da trans(in)disciplinaridade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

ROCCO, Maria Teresa Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. Série Idéias n. 13. São Paulo; FDE, 1994, p. 37-42. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p037-042_c.pdf. Acesso em: 13 de maio de 2024.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, L. C. da S. **Atividades lúdico-pedagógicas no ensino da Educação Infantil: estudo de caso em um município no Recôncavo Baiano**. Rev. Bras. de Educ. de Jov. e Adultos [online], v. 7, p. 137-151, 2019.

SASS, Odair; MINHOTO, Maria Angélica P. **Indicadores e Educação no Brasil: a avaliação como tecnologia** - Indicators and Education in Brazil: Evaluation as Technology. CONSTELACIONES – Revista de Teoria Crítica. Numero 2- DICIEMBRE- 2010). Disponível em: <https://constelaciones-rtc.net/article/view/722/774> Acesso em: 29 de out. de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.), HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOARES, Magda Becker. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: Leitura: perspectivas interdisciplinares. ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs.). – 5ª Ed. – São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização as muitas facetas**. Revista brasileira de Educação, São Paulo, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SUASSUNA, Ariano. **Aula-espetáculo com Ariano Suassuna na TV Senado 01/08/2013**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QahBKz9Jz5Y&t=100s>. Acesso em: 02 de junho de 2024

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**, 14. Ed. Rio de Janeiro, Agir, 1978.

SZYMANSKI, Heloisa, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de Almeida e PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula o que é, como se faz**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 182 p. (Psicologia e Pedagogia).

WERTHEIN, J. **A sociedade da informação e seus desafios**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/rmmLFLlYsjPrkNrbkrK7VF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 de agosto de 2024.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

YUNES, Eliana. **PELO AVESSO: A Leitura e o Leitor**. Nas Trapaças do leitor... Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/19078-67527-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2024

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Ed., 6ª ed. 1987.